



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**A MOBILIDADE DOS JOVENS PROFISSIONAIS NO CONTEXTO DA
GLOBALIZAÇÃO – UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O CASO DE JOVENS
PORTUGUESES**

**Dissertação apresentada à Universidade Católica
Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Ciências da Comunicação, na
especialidade de Comunicação, Organização e Liderança**

Por

Inês Matoso Pires (132210077)

**Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa
Mestrado em Ciências da Comunicação**

Junho de 2013



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**A MOBILIDADE DOS JOVENS PROFISSIONAIS NO CONTEXTO DA
GLOBALIZAÇÃO – UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O CASO DE JOVENS
PORTUGUESES**

**Dissertação apresentada à Universidade Católica
Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Ciências da Comunicação, na
especialidade de Comunicação, Organização e Liderança**

Por

Inês Matoso Pires (132210077)

**Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa
Mestrado em Ciências da Comunicação**

**Sob Orientação de
Professor Doutor Fernando Ilharco**

Junho de 2013

Resumo

A mobilidade dos jovens profissionais é um fenómeno que tem vindo a aumentar substancialmente nos últimos anos. O aumento deste fenómeno compõe um novo padrão migratório que se distingue pelo facto de serem, sobretudo, os jovens qualificados que saem dos seus países de origem em busca de novas oportunidades de emprego.

Apesar deste fenómeno já estar a ser medido quantitativamente por algumas entidades, pretendo com esta tese entender de que forma é que este fenómeno ocorre.

A mobilidade de pessoas e, neste caso concreto, de jovens tem vindo a ser facilitado uma vez que vivemos numa sociedade cada vez mais volúvel e com fronteiras cada vez mais líquidas.

Num contexto cada vez mais marcado pela Globalização e pelas novas tecnologias de informação e comunicação este estudo vai compreender de que forma é que este fenómeno se manifesta. É também objectivo deste estudo perceber como se comportam os principais intervenientes deste fenómeno do ponto de vista cultural, isto é, de que forma é que estes jovens, que se movimentam entre vários países, se ambientam ao novo país e nova cultura.

Outro ponto de reflexão desta dissertação é compreender quais são as principais motivações que levam os jovens profissionais a saírem do seu país. Num período de crise é natural que a emigração aumente, mas poderão existir outras motivações para além da primeira que conduzam a uma emigração jovem e qualificada.

Para a elaboração deste estudo foram realizadas entrevistas a jovens que estejam dentro de condições previamente pensadas, ou seja, jovens qualificados que tenham deixado Portugal e estejam noutro país a trabalhar ou a estudar.

PALAVRAS-CHAVE: Mobilidade; Jovens Profissionais; Globalização; Novas Tecnologias; Cultura; Motivação

Abstract

Young Professional's mobility is a global phenomenon that has been increasing substantially over the last few years. This phenomenon composes a new migratory pattern, which reflects mainly the departure of qualified young population from their home countries in search of new job opportunities.

Although this phenomenon has already been quantitatively measured by some entities, the main objective of this dissertation is to understand the basis and the reasons that lead to the development of this new form of migration.

People's mobility, specifically young professionals, is becoming more common since the society is ever more voluble and its frontiers more liquid.

In a social and economic context strongly defined by globalization and new information and communications' technologies, this study intends to comprehend in which way this phenomenon is represented.

It is also my intent to understand, from a cultural point of view, the behavior of the main actors of this phenomenon, that is, in which way these young professionals are moving between different countries and consequently adapting to those countries and their culture.

Moreover, another reflection point of this dissertation focus on the comprehension of the main motives that lead young professionals to leave their home countries. In current years, marked strongly by a global economic crisis, it is natural to see an increase in emigration; however, this study intends to understand if there are other specificities leading to a qualified and young emigration population.

The development of this study was based on interviews presented to young professionals living the presented phenomenon, in other words, young professionals who have left Portugal and are currently living or studying abroad.

KEY-WORDS – Mobility; Young Professionals; Globalization; New Technologies; Culture; Motivation

Agradecimentos

A realização de uma dissertação de mestrado é um longo caminho cheio de obstáculos o qual não conseguiria percorrer até ao fim sem a ajuda e o apoio de todos aqueles que estiveram comigo ao longo desta etapa.

Gostaria de agradecer ao Professor Doutor Fernando Ilharco por toda a dedicação, conselhos e apoio que me prestou ao longo da elaboração desta dissertação. Sem a sua ajuda não teria sido possível a realização desta tese.

Um agradecimento especial à Universidade Católica por me ter facultado conhecimento e bases para que a realização desta dissertação fosse possível. A Universidade Católica proporcionou-me dois anos de ensinamentos de excelência através do seu distinto painel de professores, oferecendo-me conhecimentos muito ricos e profundos na área da comunicação.

Quero também agradecer aos meus pais por me terem proporcionado e suportado a realização desta dissertação. Todo o apoio que me deram foi imprescindível para que me sentisse bem e nas minhas totais capacidades para concretizar este projecto com sucesso.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer aos meus amigos e colegas por todas as horas de estudo compartilhadas e por me ajudarem a encontrar as respostas para as dúvidas que foram surgindo.

ÍNDICE

Resumo	3
Abstract.....	4
Agradecimentos	5
ÍNDICE DE FIGURAS	8
I. INTRODUÇÃO	9
II. O PROBLEMA DE PESQUISA	11
1.1. Contexto Português.....	14
1.2. Contexto Teórico	17
III. CONTEXTO CONCEPTUAL E TEÓRICO	22
1. Globalização e Novas Tecnologias.....	23
1.1. O fenómeno da Globalização	23
1.2. Tecnologias de Informação e Comunicação.....	30
1.3. O papel das novas tecnologias na sociedade contemporânea.....	31
1.4. Consequências das novas tecnologias na sociedade.....	33
2. Cultura e Culturas Nacionais	38
2.1. Definição de Cultura	38
2.2. Relação entre cultura e mobilidade	44
2.3. Choques culturais ou cultura global?	45
3. Motivação	50
3.1. Sociedade global como motivadora da mobilidade dos jovens.....	54
3.2. Emigração dos jovens profissionais no contexto da crise	57
3.3. Erasmus e Sócrates: os pais da mobilidade	60
IV. DESENHO METODOLÓGICO	64
1. Relação com a investigação	65
2. População e Amostragem	65
2.1. População Teórica	65
2.2. Amostragem	66
3. Recolha de Dados	66
3.1. Entrevista.....	66
4. Análise de Dados	67
V. ANÁLISE E INTREPERTAÇÃO DE DADOS.....	68

1. Histórias de Mobilidade	69
2. Interpretação de dados	86
2.1. Globalização e Novas Tecnologias	86
2.2. Período de aculturação	92
2.3. Motivação.....	99
2.4. Os novos emigrantes portugueses	102
VI. CONCLUSÃO	106
1. Considerações Finais	107
2. Validade	108
3. Extrapolação de Resultados	108
4. Futuras investigações	108
VII. BIBLIOGRAFIA	110
VIII. ANEXOS	115
Guião da Entrevista.....	116

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Três níveis de programação mental humana.....	38
Figura 2 - Curva de Aculturação	49
Figura 3 - Ciclo Motivacional	50
Figura 4 - Pirâmide das Necessidades de Maslow	52

I. INTRODUÇÃO

A presente investigação analisa a mobilidade dos jovens profissionais no contexto da Globalização.

Tendo como ponto de partida a nova migração dos jovens, realidade particularmente notada no contexto da crise europeia e mundial pós-2008, este estudo pretende perceber em que moldes é que este fenómeno ocorre, ou seja, que motivações têm estes jovens para emigrar e de que forma é que esta nova emigração opera num contexto global.

Este estudo desenvolve-se a partir de cinco questões de investigação apresentadas mais à frente e de uma contextualização sobre a temática da mobilidade em Portugal. Inicialmente apresentaremos um breve resumo das matérias que iremos desenvolver ao longo da investigação. Segue-se um capítulo conceptual e teórico que se irá dividir em três grandes temáticas: Globalização e novas tecnologias; culturas nacionais; e motivação. Estes três temas constituirão a base teórica da investigação.

Após o contexto conceptual e teórico serão apresentadas entrevistas a jovens portugueses em situação de mobilidade, de forma a obter dados sobre o modo como esta ocorre e evolui. As entrevistas serão finalmente analisadas no quadro da teorização antes exposto. No último capítulo serão apresentadas de forma concisa as principais conclusões a retirar desta investigação, bem como algumas pistas para futuras investigações relacionadas com o tema da nova mobilidade.

II. O PROBLEMA DE PESQUISA

A mobilidade de pessoas entre diferentes países constitui um fenómeno muito antigo que tem por base as migrações de pessoas para diferentes nações em busca de melhores condições de vida. Muitas teorias acerca da mobilidade desenrolaram-se ao longo dos anos. No entanto, este estudo pretende perceber de que forma é que a mobilidade, nos dias de hoje, se verifica. Em tempos globais, este estudo pretende perceber o novo fenómeno da mobilidade dos jovens profissionais tendo por base o seguinte problema de investigação:

Quais os novos contornos da mobilidade dos jovens profissionais no contexto da Globalização?

Este estudo desenrolar-se-á em torno de jovens até aos 30 anos com qualificações académicas que decidiram sair de Portugal e partir para outros países. A mobilidade de pessoas está extremamente associada à procura de melhores condições de vida no entanto, esta tese pretende perceber se o fenómeno da mobilidade se verifica apenas devido à busca de melhores condições de vida ou se existem outras motivações para além das monetárias que aliciam a emigração dos jovens portugueses. Assim, este estudo vai tentar compreender de que forma é que esta mobilidade se verifica no contexto actual da nossa sociedade, marcado pela Globalização, alterando o paradigma migratório até então conhecido.

Para o desenvolvimento desta tese desenvolvemos as seguintes questões de investigação:

Questão de Investigação 1 – O fenómeno da Globalização tem vindo a ser promotor da mobilidade dos jovens profissionais?

Esta questão prende-se com a compreensão do impacto do fenómeno global nas acções desenvolvidas pelos seres humanos. Este estudo pretende perceber de que forma é que a mobilidade é um fenómeno influenciado pela Globalização.

Questão de Investigação II – Serão as novas tecnologias um factor determinante na mobilidade dos jovens?

Compreender o papel das novas tecnologias no fenómeno da mobilidade é essencial. Qual será o seu impacto directo na mobilidade dos jovens? Esta tese pretende dar resposta a esta questão ao compreender se existe uma correlação directa entre tecnologia e mobilidade, e se os jovens emigram mais devido às novas tecnologias de informação e comunicação que têm acesso nos dias de hoje.

Questão de Investigação III – Existem culturas nacionais mais semelhantes à cultura portuguesa para as quais os jovens emigram? Se sim, quais?

No âmbito deste estudo é importante perceber a correlação entre as culturas nacionais e a mobilidade dos jovens, isto é, perceber se existem culturas nacionais mais semelhantes com a portuguesa e compreender se isso acaba por facilitar a ambientação ao novo país. Se sim, quais serão essas culturas e porquê?

Questão de investigação IV – Quais são as principais motivações que levam os jovens a mudar de país?

No contexto social e económico em que nos inserimos actualmente é imperativo perceber se a decisão de emigrar depende apenas desse mesmo contexto ou existem outras razões, para além dessa, que levam à decisão de emigrar.

Em suma, a percepção do fenómeno da mobilidade irá prender-se com várias questões que terão resposta fundamentada ao longo deste estudo. As respostas serão desenvolvidas através de uma base teórica que terá que ver com conceitos apropriados a cada questão de investigação.

É de importância, ainda, referir que este estudo não pretende medir de forma quantitativa o fenómeno da mobilidade, mas sim perceber e interpretar este fenómeno.

1.1. Contexto Português

A mobilidade de pessoas entre diferentes países constitui um fenómeno secular que consiste na movimentação de pessoas para diferentes zonas do globo, nas quais procuram melhores condições de vida.

Portugal sempre se estabeleceu como um país de emigrantes, na maioria pessoas com baixos níveis de qualificação, que emigravam em busca de melhores condições de vida. Estes portugueses, que constituíam mão-de-obra barata, deslocaram-se rumo a países como França, Suíça e Luxemburgo nos quais trabalhavam, sobretudo, na construção ou como domésticas.

No entanto, a mobilidade portuguesa pode ser vista como algo que começou no século XVI, século marcado pelos descobrimentos, e no qual foram enviados “exploradores, marinheiros, soldados, administradores e colonos para as quatro partes do mundo.” (Castles, 2005, p.9)

Esta tendência migratória, iniciada com os Descobrimentos e marcada ao longo dos séculos, tornou Portugal num país sobretudo de emigrantes estimando-se, de acordo com dados de 2003 da OCDE, que estes emigrantes, bem como os seus descendentes correspondam a 4,3 milhões de pessoas espalhados pelos Estados Unidos da América, Brasil e França. (Castles, 2005)

No entanto, os fluxos migratórios ganham novos contornos, não só devido à situação social e económica actual, como também devido à Globalização e às novas tecnologias que promovem este fenómeno.

Se até então a maioria dos emigrantes portugueses se tratavam de pessoas com baixas qualificações académicas, a tendência inverte-se e assiste-se, nesta altura, a uma mobilidade de jovens profissionais dotados de licenciaturas e mestrados. Os dados estão à vista, e só nos primeiros três meses do ano 2012 cerca de 57 mil jovens qualificados saíram do país à procura de oportunidades que não conseguiam encontrar em Portugal.

A alteração do paradigma migratório, que muito se prende com a crise financeira desencadeada em 2008, surge acompanhada do fenómeno da Globalização que acaba por potenciar esta nova mobilidade como também esta última estimula a primeira.

Posto isto, é possível dizer-se que tanto o fenómeno da Globalização como dos novos fluxos migratórios estão intimamente ligados o que, nas palavras de Castles (2005, p.7) torna “as migrações consubstanciais dos processos de Globalização.”

Como foi suprarreferido, a crise financeira que atingiu a Europa no ano de 2008 trouxe consigo um aumento da taxa de desemprego que atingiu em 2012 e em Portugal, 15,7 pontos percentuais. A taxa de desemprego jovem é ainda maior e, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística, encontrava-se em 2012 nos 36,6%. Posto isto, e neste contexto, é natural que cada vez mais jovens tentem encontrar novas oportunidades em países onde se torne mais fácil encontrar emprego.

Olhando para números oficiais, é possível compreender-se o aumento deste fenómeno em Portugal. Vejamos que no ano 2011 entre 100 mil a 120 mil jovens emigraram em busca de uma nova oportunidade de emprego. No primeiro trimestre de 2012 Portugal perdeu cerca de 57 mil jovens licenciados. A saída em massa de jovens do país já está ao nível da grande emigração da década de 60. No entanto, este tipo de mobilidade ganha novos contornos, já que, ao contrário da década de 60, a maioria das pessoas que emigram são jovens e são qualificadas tendo pelo menos uma licenciatura ou um mestrado.

Estamos perante um novo paradigma migratório que vem romper com o que até então conhecíamos. Helena Rato, investigadora do Instituto Nacional de Administração afirmou ao Jornal de Notícias em 2010 que estávamos perante “uma tendência ao aumento da população emigrante com menos de 29 anos de idade, enquanto que o ritmo de emigração da população mais velha tende a manter-se constante; a taxa de crescimento da emigração permanente é superior à da emigração temporária; na emigração permanente, verifica-se uma quase paridade entre os dois sexos, enquanto que a emigração temporária permanece essencialmente masculina; a emigração de trabalhadores qualificados tende a crescer mais do que a dos trabalhadores não qualificados”.

É importante, também, observar outros factores pertinentes que influenciam este fenómeno.

Será que o que motiva os jovens a saírem do país é apenas o contexto económico e social desfavorável? Ou será possível dizer-se que outras motivações pesam na decisão de deixar o país de origem.

Hoje em dia, num mundo global, talvez a vontade de ter uma experiência internacional não passe apenas pela falta de emprego mas também por uma intenção de adquirir uma experiência que melhore o curriculum dos jovens. A Globalização, acompanhada da evolução das tecnologias de informação e comunicação, tornam esta mobilidade mais fácil e exequível.

Posto isto, e de acordo com João Peixoto docente do Instituto Superior de Economia e Gestão em declarações ao Jornal i em Março de 2012, podemos reflectir que “nem todos os portugueses com cursos superiores que decidem abandonar o país o fazem porque estão desempregados.” O investigador, que tem estudado este fenómeno, considera que existem outras motivações que levam os jovens a querer sair do país.

1.2. Contexto Teórico

A mobilidade dos jovens profissionais pode estar intimamente ligada com o fenómeno da Globalização que tem vindo a crescer ao longo dos tempos. Num mundo cada vez mais global, a troca de informação, mercadorias e moeda é cada vez mais acentuada e o mesmo se verifica na troca de pessoas.

O mundo está tendencialmente a aplanar-se como sugere o autor Thomas Friedman, o que potencia e fomenta esta mobilidade internacional dos jovens.

Este mundo plano, fruto duma era Global, foi antecipado por Marshal McLuahn, que nos anos 60 propôs o conceito de Aldeia Global. Segundo este autor, as comunicações instantâneas potenciam relações humanas mais próximas e imediatas, tal como numa aldeia, mas desta vez numa escala global.

Assim, este conceito tornou-se num dos pilares basilares explicativos do fenómeno da Globalização: relações próximas e imediatas; troca instantânea de informação, comunicação, mercadorias, dinheiro e pessoas.

O mundo, que se tornou numa Aldeia Global é facilitador da mobilidade das pessoas, tornando este fenómeno numa consequência da Globalização.

Inerente ao fenómeno da Globalização, está a evolução das tecnologias de informação e comunicação. Esta evolução tecnológica permite o desenvolvimento acelerado dos meios de transporte e de comunicação o que, naturalmente, estimula a mobilidade das pessoas e faz com que se torne mais difícil controlá-la.

A evolução dos meios de transporte, acompanhada pelo aumento da vontade de viajar dos jovens, tem vindo a ser aproveitada pelas companhias *low-cost* que oferecem viagens para vários destinos a preços muito competitivos. Ir a Madrid ou a Londres está ao alcance de qualquer pessoa, já que a viagem se traduz, muitas vezes, em 30 ou 40 euros. Esta mudança é indicativa da alteração de paradigma no que diz respeito à mobilidade. Assim, a *Ryanair*, a *Easyjet*, entre outras companhias potenciam, também elas, a mobilidade dos jovens e fomentam nos mesmos um desejo intrínseco de um contacto com aquilo que é internacional.

Esta mobilidade é fruto do esbatimento das fronteiras que ao mesmo tempo liquida os limites entre países, isto é, a própria mobilidade das pessoas permite um mundo mais global, sendo este fenómeno uma causa e efeito em si mesmo.

Deste modo, a Globalização e as migrações tornam-se componentes uma da outra tornando-se no “alargamento, aprofundamento e a aceleração das interconexões à escala mundial de todos os aspectos da vida social contemporânea.” (Held *et al* 1992 p.2 *apud* Castles 2005 p.21)

Posto isto, é possível verificar-se que os fluxos migratórios e o esbatimento das fronteiras são um indicador do fenómeno global que temos vindo a assistir.

A evolução do mundo e mercado globais permitiram que as pessoas conseguissem, mais facilmente, movimentar-se num mundo no qual as fronteiras se tornaram líquidas (Bauman, 1999) e deixaram de ser uma barreira sólida que não se conseguia atravessar.

De acordo com Castles (2005 p.21) existe uma “rede transnacional, que pode assumir a forma de empresas multinacionais, de mercados globais, de organizações internacionais governamentais e não governamentais...”. É esta “rede transnacional”, que se tornou fruto da Globalização, que permite a internacionalização cada vez mais acentuada de pessoas e a mobilidade das mesmas. De facto, as próprias empresas são detentoras de um carácter cada vez mais global e contam com pessoas oriundas de vários cantos do mundo tendo em conta uma vantagem mais competitiva.

Estamos perante uma “nova economia das migrações laborais” (Castles, 2005 p.22) onde as migrações já nada têm que ver com pobreza mas podem ser explicadas por outros factores que motivam os jovens a saírem do país.

Já não se tratam de emigrações nas quais os emigrantes enviam remessas para o país de origem. Este fenómeno pode “constituir-se como um obstáculo, em virtude da punção de pessoal qualificado que acarretam (a fuga de cérebros), transplantando jovens trabalhadores dinâmicos para o exterior e reduzindo as pressões para a mudança social”. (Castles, 2005 p.30).

As novas tecnologias de informação e comunicação, associadas intimamente ao fenómeno da Globalização, potenciam esta mobilidade, uma vez que permitem viagens mais baratas e melhores ligações com os familiares e amigos do país de origem. (Castles, 2005)

Posto isto é possível dizer-se que a Globalização veio redefinir o paradigma migratório permitindo o fluxo frequente de pessoas, tornando-se, esta mobilidade, numa causa e consequência do próprio fenómeno global.

O fenómeno da Globalização está intimamente ligado à evolução das tecnologias de informação e comunicação que temos vindo a assistir ao longo dos anos. Esta evolução potencia, naturalmente, o fenómeno global e altera de forma profunda as relações humanas que passam a desenvolver-se de maneira diferente.

Desta forma, olhar para a tecnologia como algo só não faz sentido. Os objectos onde esta tecnologia é personificada dão origem a alterações profundas no quotidiano das pessoas. De acordo com Ilharco (2004 p.14) “A tecnologia (...) é um fenómeno que permanentemente e substancialmente se tem vindo a constituir no modo, no meio e no contexto da acção dos homens no mundo.”

É possível dizer-se que, tal como outros fenómenos, a mobilidade dos jovens também é influenciada, em certa medida, pelas novas tecnologias. Isto porque estas novas tecnologias permitem deslocações mais fáceis e baratas bem como um permanente contacto com o país de origem e com os familiares e amigos.

Assim, e de acordo com Castles (2005) as novas tecnologias de informação e comunicação como a internet, o telefone, e o baixo custo das viagens tornam-se ferramentas chave na mobilidade das pessoas.

A tecnologia permite o imediato e o instantâneo. Permite o aqui e agora. Permite que estejamos naquele sítio apesar de estarmos neste. A verdade, é que a evolução da tecnologia permite conhecer o desconhecido como se lá tivéssemos ido ou vivido.

A capacidade que as novas tecnologias têm de alterar a vida humana reflecte-se no fenómeno da mobilidade. “Posso estar fora do meu país, mas ao mesmo tempo estou tão perto, à distância de um clique”. Este é o pensamento que os jovens emigrantes têm e que foi potenciado por todo o contacto que tiveram, desde sempre, com as novas tecnologias. Estas permitem que o espaço e o tempo assumam um carácter completamente diferente. Em vez de distante e longo, o espaço e o tempo passam a ser perto e curto. Isto, naturalmente potencia a Globalização, aliás torna-se a Globalização em si mesma. De acordo com Ilharco (2004 p.65) “as novas tecnologias ao minimizarem os constrangimentos temporais e espaciais, são essencialmente o mesmo fenómeno que a Globalização”.

Assim, um fenómeno que deu origem ao outro, ou um fenómeno que é o mesmo que o outro acabam por se tornar uma causa e uma consequência em si mesmos.

Mas mais que isso, e para efeitos da mobilidade dos jovens, tanto a Globalização como as novas tecnologias são factores / fenómenos que estão estreitamente ligados e que influenciam o primeiro.

A par da Globalização e das novas tecnologias serem matérias de reflexão e teorização neste estudo, a questão cultural também o é.

No sentido de abordar este tema é importante definir aquilo que são culturas nacionais. Cultura pode ser entendida como “a programação colectiva da mente que distingue os membros de um grupo ou categoria de pessoas face a outro.” (Hofstede, 1997 p.19)

A palavra “distingue” tem peso relativo neste estudo empírico uma vez que será pertinente perceber se os jovens emigram para culturas mais parecidas ou mais distintas que a sua própria cultura.

Tendo em vista caracterizar e diferenciar as culturas nacionais, Hofstede, baseia-se em quatro dimensões independentes sendo elas o individualismo, distância ao poder, controlo da incerteza e feminilidade, que mais à frente serão desenvolvidas de forma mais profunda.

Tendo em conta estas quatro dinâmicas, é possível compreender quais as culturas mais similares e quais aquelas que são mais diferentes da portuguesa. Este medidor cultural permitir-nos-á perceber qual a relação entre cultura e mobilidade, isto é, se os jovens tendem a ambientar-se melhor a uma cultura mais similar à sua.

Mas se é verdade que estamos perante culturas diferentes, de acordo com os países que estamos inseridos, a Globalização veio permitir que se desencadeie uma cultura global. Isto significa que, apesar das diferenças que cada cultura representa, todas elas vão ganhando um carácter global, garantindo similaridades entre elas.

Assim, a pergunta impõe-se: estamos perante um choque cultural ou uma cultura global?

De facto, existem diferenças e uma necessidade por parte do estrangeiro se moldar à nova cultura. No entanto a Globalização pode trazer pontos em comum para a cultura garantindo à expressão “cidadão do mundo” alguma sustentabilidade.

Estamos perante novos fluxos migratórios, que ganharam novos contornos e ocorrem de forma remodelada.

A verdade, é que a nossa internacionalização começa desde cedo. Na própria universidade, os jovens são confrontados com programas Erasmus e Sócrates para que possam garantir a sua primeira experiência internacional. As universidades estão, também, cada vez mais orientadas para a internacionalização; e o próprio mundo em que vivemos, assente nos pressupostos da Globalização, fomenta e potencia esta mobilidade.

As motivações dos jovens aliadas ao contexto económico e ao novo paradigma social e tecnológico garantem uma nova realidade migratória.

III. CONTEXTO CONCEPTUAL E TEÓRICO

1. Globalização e Novas Tecnologias

1.1. O fenómeno da Globalização

A palavra “Globalização” tem sido estudada e reestudada vezes sem conta com o intuito de compreender a sociedade e os seus contornos globais. Vivemos num mundo cada vez mais global. Mas de que se trata este mundo global? E o que significa a palavra Globalização?

Marshall McLuhan antecipou esta realidade na década de 60 e deu-lhe o nome de “Aldeia Global”. Segundo o autor, numa entrevista concedida à Revista Playboy em 1969, as novas tecnologias de informação e comunicação vêm alterar a nossa realidade e tornam o mundo numa aldeia com aspectos tribais, na qual o quotidiano se altera.

Apesar de McLuhan ter sido pioneiro no que diz respeito à Globalização, muitos outros autores têm investigado esta temática. É o caso de, por exemplo, Anthony Giddens, que no seu livro “O mundo na era da Globalização” considera existirem dois tipos de olhares sobre a Globalização. Para uns, a que o autor chama de cépticos, a Globalização não passa de “conversa”, não dando, por isso, valor suficiente a esta temática. Para outros, os radicais, “a Globalização é um facto bem concreto, cujos efeitos se fazem sentir por toda a parte”. (Giddens, 2000 p.20)

O próprio autor assume que está do lado dos radicais concluindo que a Globalização tem, de facto, um enorme peso em todos os processos e transformações sociais. Sublinhando esta ideia, Giddens (2000) sugere que a Globalização é inerente a várias áreas da vida social como a política, económica, tecnológica e cultural.

Para Friedman, (2000), outro teórico da Globalização, esta está a reduzir o mundo de um tamanho médio para um mundo de tamanho pequeno. Isto, de acordo com o autor, em muito se deve ao baixo custo das telecomunicações que acabam por interligar ainda mais o mundo.

A Globalização potencia, de acordo Friedman (2000), alterações profundas na vida das pessoas individualmente. Actualmente podem falar com qualquer outra pessoa à distância de um clique e praticamente, se não totalmente, de graça. Esta possibilidade altera a vida das pessoas, principalmente daqueles que têm familiares e amigos noutros locais do mundo.

Mas a Globalização não traz apenas a possibilidade de estarmos mais próximos do distante, esta consegue, também, esbater as fronteiras fisicamente, permitindo uma livre circulação de mercadorias e de pessoas. De acordo com Friedman (2000 p.33) “a Globalização significa a generalização do capitalismo de mercado livre a praticamente todos os países do mundo.”

De acordo com o mesmo, a Globalização traz um novo paradigma demográfico, no qual as pessoas se deslocam das zonas mais rurais para as zonas mais urbanas. Este padrão ganha também novos contornos uma vez que, hoje em dia, as pessoas não mudam apenas das zonas rurais para as urbanas, como também mudam para países que não os seus de origem.

No que diz respeito à mobilidade das pessoas, esta muito se deve à liquidez que as fronteiras têm adquirido com a Globalização. A palavra liquidez é da autoria de Zygmunt Bauman que sugere este conceito para o facto das fronteiras entre os países estarem cada vez mais esbatidas e os espaços geográficos serem cada vez menos delineados. São tempos líquidos nos quais “num planeta aberto à livre circulação de capital e mercadorias, o que acontece em determinado lugar tem um peso sobre a forma como as pessoas de todos os outros lugares vivem, esperam ou supõem viver” (Bauman, 2007 p.12).

O autor defende que a Globalização fez bem o seu trabalho e que estamos perante uma quebra total de fronteiras deixando as sociedades totalmente abertas permitindo a livre circulação de informação, mercadorias e pessoas.

A infindável quantidade de autores que estuda a Globalização e as suas consequências não permite que se distinga apenas uma frase que caracterize aquilo que a palavra significa.

No entanto, para todos os autores supra referidos a Globalização veio instalar-se profundamente nas nossas vidas e alterar as dinâmicas sociais que até então conhecíamos.

Fruto, como anteviu McLuhan, da evolução das tecnologias de informação e comunicação, a Globalização veio aproximar os espaços, reduzir o tempo e permitir ainda mais mobilidade.

As consequências que esta realidade global trouxe para o nosso mundo são visíveis em todas as nossas acções diárias e nas mais pequenas actividades quotidianas. São essas consequências que serão escrutinadas mais à frente neste estudo.

1.1.1. Um novo paradigma Global

As palavras “global” e “Globalização” estão bem enraizadas no nosso vocabulário. Estas palavras são usadas repeditamente para caracterizar os tempos em que vivemos.

De facto, a realidade alterou-se. O que dantes era local tornou-se, agora, global.

De acordo com Appadurai (2004) o mundo tornou-se num sistema interactivo no qual vários países do mundo elaboram trocas entre si.

Esta interacção deve-se ao facto dos esbatimentos das fronteiras. Hoje em dia a palavra fronteira dilui-se cada vez mais na mobilidade constante de pessoas, informação e mercadorias a que estamos sujeitos. Bauman (1999 p.20) anteviu este processo e considera que “as distâncias já não importam, ao passo que a ideia de uma fronteira geográfica é cada vez mais difícil de sustentar no “mundo real””.

Esta liquidez das fronteiras não teve apenas efeitos a nível económico. Do ponto de vista cultural muitas foram as alterações que se verificaram devido à rápida troca de informação.

Esta troca de informação à velocidade da luz foi crucial para que o mundo se tornasse numa Aldeia Global como sugeriu McLuhan. A viagem rápida da informação tornou a palavra “distância” obsoleta, já que, não é preciso estar perto para saber aquilo que se passa do outro lado do mundo. A informação torna-se imediata uma vez que a mesma “agora flui independente dos seus portadores” (Bauman, 1999 p.25).

Foi possível quase experienciar o momento em que os aviões embateram no World Trade Center em 2001. Apesar de não estarmos lá, aquelas imagens invadiram as nossas casas para que pudéssemos mergulhar naquele cenário de horror, mas estarmos, ao mesmo tempo, confortavelmente sentados nos nossos sofás.

De acordo com Giddens (2000 p.17) “a Globalização também afecta a vida corrente, da mesma forma que determina eventos que se passam à escala planetária”. Mesmo que quiséssemos, é impossível não estar a par daquilo que se passa no mundo. A palavra localização perde força e é substituída por uma cultura global, na qual estamos sujeitos a informação constante e de forma imediata. Isto é Globalização.

O novo padrão global no qual vivemos garante que nada passe em claro e que nenhum acontecimento não seja noticiado ou não seja sabido.

É por isso que as palavras longe e demorado se perdem e sucumbem ao imediato e perto, tornando as noções de distância muito mais ténues. Como sugere Bauman (1999

p.19) “com o tempo de comunicação implodindo e encolhendo para a insignificância do instante, o espaço e os delimitadores de espaço deixam de importar, pelo menos para aqueles cujas acções podem se mover na velocidade da mensagem eletrónica.”

É então possível dizer-se que as distâncias geográficas acabam por se reduzir substancialmente. Esta distância, não se trata apenas de uma distância abstracta, mas sim de uma distância física uma vez que os próprios meios de transporte reduzem a longevidade dos sítios que conhecemos.

A Globalização permitiu alterações profundas nos conceitos de espaço e de tempo que cada vez são mais reduzidos.

Neste novo paradigma global a realidade económica também se alterou. Aliás, a liberalização dos mercados é fruto dessa mesma Globalização e desta Aldeia Global na qual habitamos. Esta realidade, sem precedentes, permite a troca rápida, não só de informação, mas também de moeda e mercadorias tornando-se o mercado num espaço que sucumbe à realidade global. O autor Thomas L. Friedman (1999 p.19) sublinha esta ideia sugerindo que “o que é hoje novo é o grau e a intensidade com que o mundo está a ser entretecido num único mercado globalizado”.

De acordo com o mesmo autor “a ideia-motora por detrás da Globalização é o capitalismo de mercado livre”. (Friedman, 1999 p.33)

De facto, a realidade económica actual é imperativa para que a Globalização exista. Ou podemos dizer que a Globalização, em grande parte, existe por causa deste mercado liberalizado que se instalou.

Se é verdade que por ano os mercados financeiros elaboram enormes trocas entre si, é também verdade que a Globalização não se restringe apenas ao campo económico. Este é sem dúvida um dos pilares da Globalização, mas não é representativo da mesma a cem por cento.

As noções de espaço e de tempo que foram profundamente alteradas não afectaram apenas a actividade económica. Houve muitas outras áreas da vida das pessoas que se alteraram verdadeiramente.

As mudanças noutros aspectos da nossa vida são referidas por Giddens (2000) que considera um erro tratar a Globalização como um fenómeno de natureza económica. O autor sugere que “a Globalização é política, tecnológica e cultural, além de económica”. (Giddens, 2000 p.22).

Posto isto, é possível dizer-se que a Globalização veio trazer consigo alterações profundas nas dinâmicas sociais.

Estas modificações, que muito se devem à possibilidade que temos, actualmente, de estar mais perto e com mais rapidez de tudo, afectam a nossa vida quotidiana e as nossas práticas diárias.

A reorganização do tempo e do espaço surgiu como uma flecha e enraizou-se profundamente no nosso estilo de vida. Está de tal forma entranhada nas nossas vivências que, como sugere Giddens (1994 p.19) “ninguém pode pôr-se à margem das transformações trazidas pela modernidade”.

1.1.2. Transformações num mundo global

O mundo tornou-se num lugar diferente. Com a Globalização, muitas foram as práticas mais comuns do dia-a-dia que se alteraram e novas dinâmicas impuseram-se com esta nova realidade.

Como foi supra referido a Globalização restringe o espaço e o tempo permitindo que as pessoas se liguem mais rapidamente mesmo estando distantes. Estas mudanças temporais e espaciais são, na sua essência, a Globalização. De acordo com Giddens (2002) a Globalização permite que acontecimentos que têm lugar numa localidade acabem por gerar consequências noutra sítio a muitos quilómetros de distância. Posto isto, o autor considera que a Globalização é a “intensificação das relações sociais de escala mundial” (Giddens, 2002 p.45).

Mas na prática o que significa que as relações sociais se intensifiquem? De que forma é que o que acontece acolá tem repercussões aqui? Inúmeros são os exemplos desta realidade: se está a acontecer uma guerra ou uma revolução no Médio Oriente a tendência é que o preço do petróleo aumente nos outros países. Isto significa que um acontecimento que tem lugar a milhares de quilómetros de distância acaba por nos atingir em certa medida.

A crise mundial actual pode definir-se como uma crise fruto do efeito dominó. De facto, aquilo que começou como uma forte crise no mercado imobiliário nos Estados Unidos da América, acabou por alastrar-se a todo o mundo, em particular à Europa, que está mergulhada numa profunda crise económica.

Segundo Giddens (2000), a Globalização traz consigo mudanças a nível do risco, tradição, família e democracia. Na sua obra “O Mundo na Era da Globalização” O autor traça a mudança profunda que a Globalização veio trazer nestes quatro campos.

O autor (2000) considera que actualmente é o próprio ser humano que cria os perigos com os quais temos que viver. Assim sendo o autor dá o exemplo do aquecimento global (até o aquecimento passou a ser global), como consequência das nossas práticas diárias.

O autor (2000) sugere que devido à Globalização existem alterações na tradição, uma vez que a Globalização não demarca os espaços a uma área local, mas sim a um nível global. Com a Globalização é quase possível fazer circular as tradições tornando-as comercializáveis como “um berloque sem valor que se compra no aeroporto” (Giddens, 2000 p.51). Lembro-me da mão de Fátima que tenho comprada em Marrocos em formato de brinco, ou da pulseira do mau-olhado que adquiri na Turquia. Esses objectos tipicamente tradicionais ganham um carácter de negócio e podem ser espalhados por todo o mundo em formato de bijuteria ou arranjo para a casa. É nessa perspectiva que aquilo que consideramos tradição se altera.

Para o autor o conceito de família está, também, a ser alterado pela Globalização. A ideia de família tradicional está a desvanecer-se e cada vez mais e aquilo que existe são famílias menos convencionais. Hoje em dia é possível que um casal homossexual case e adopte crianças; as mulheres já não são vistas como elemento de procriação, aliás muitas delas trabalham e não consideram que ter filhos é uma prioridade; os divórcios aumentam e muitos são os pais e mães solteiras que educam os seus filhos sozinhos. De facto, como o próprio autor afirma “estamos no meio de uma revolução acerca da forma como pensamos em nós próprios e sobre a maneira como estabelecemos laços e ligações com os outros. É uma revolução que avança a velocidade desigual, conforme as regiões e as culturas, enfrentando muitas resistências” (Giddens, 2000 p.57)

Giddens sugere ainda que a Democracia está a ser alterada fruto do mundo global em que vivemos. Para o autor (2000 p.75) “o que se está a tornar necessário nos países democráticos é o aprofundamento da própria democracia. Chamo a isto democratizar a democracia. Mas a democracia actual tem também de ser transnacional. Precisamos democratizar acima, bem como abaixo, no nível da nação.”

Para além da alteração nestes campos que acima referimos é importante dizer que em praticamente todas as áreas da sociedade as realidades se alteraram. Seja na economia, na cultura ou na sociologia, a Globalização teve a sua influência e alterou o padrão das coisas.

No que diz respeito à comunicação, esta nunca se fez de forma tão rápida e tão fluida como nos dias de hoje. Actualmente, é possível conversarmos com amigos e familiares que estejam no outro lado do mundo. Esta possibilidade potencia que as pessoas consigam manter boas relações, mesmo à distância, algo que há 20 anos atrás era muito mais complicado. A Globalização veio trazer proximidade àquilo que é longínquo, através dos meios que oferece para que consigamos estar a um clique daquilo que está a muitos quilómetros de distância.

Nunca viajámos tanto como hoje. Os transportes tiveram uma profunda evolução, os carros, os comboios ou os aviões permitem-nos estar em circulação constante e visitar os lugares mais distantes da nossa realidade. Para além da sua evolução, o preço dos mesmos também oferece uma enorme possibilidade de movimentação das pessoas, já que conseguimos viagens por um preço razoavelmente baixo para qualquer lugar do mundo.

Com os preços baixos que são praticados nos transportes não é de estranhar que esta realidade tenha trazido uma maior possibilidade das pessoas se movimentarem no mundo. A liquidez das fronteiras, como sugeriu Bauman, aliada ao baixo custo dos transportes potencia a mobilidade das pessoas que, hoje em dia, se movimentam vestindo o papel de turistas ou acabam mesmo por mudar de país pelas razões mais diversas.

Do ponto de vista demográfico, a Globalização veio trazer muitas alterações. As sociedades abertas e sem qualquer limitação fronteiriça permitiram que as pessoas se movimentassem entre diferentes países com mais facilidade. Estas novas práticas migratórias em tudo têm que ver com a Globalização, no sentido em que esta provoca uma troca mais rápida e constante não só de moeda e mercadorias mas também de pessoas. Conforme sugere Castles (2005 p.15) “as migrações resultam de comunidades locais e economias nacionais em relações globais”. Esta frase sublinha muito bem o facto de que as relações globais entre os países foram um factor muito importante no que diz respeito ao novo paradigma migratório. As migrações, e de acordo com o mesmo autor, “são parte integrante da Globalização.” (Castles 2005 p.21)

A realidade é que a Globalização vem afectar os mais variados sectores de actividade e os mais variados campos da ciência. Fruto destas mudanças, as nossas dinâmicas e o

nosso quotidiano, naturalmente, também se alterou. Sendo impossível colocarmo-nos fora da Globalização, já que ela abarca todo o espaço e tempo, temos mesmo de ajustar as nossas práticas a este contexto global em que nos inserimos.

A realidade da Globalização, que transforma massivamente, o nosso dia-a-dia é fruto do “rápido aumento de fluxos tranfronteiriços de todos os tipos: financeiros, comerciais, de ideias, de poluição, de produtos oferecidos pelos meios de comunicação social e de pessoas”. (Castles, 2005 p.21).

1.2. Tecnologias de Informação e Comunicação

A palavra tecnologia faz, de forma trivial, parte do nosso vocabulário. A realidade dos dias de hoje é que estamos completamente submersos em tecnologia. Os telemóveis, computadores, *tablets*, televisões, leitores de dvd's, entre outros fazem parte das nossas vidas com a maior naturalidade de sempre. As novas tecnologias de informação e comunicação entraram nas nossas vidas de forma tão profunda, que já é possível pensar-se em tecnologias não só do ponto de vista daquilo que elas representam por si só, mas também da forma como elas alteram toda a dinâmica social que conhecíamos até então.

As TIC, como de forma amigável lhes chamamos, já condicionam de maneira profunda as nossas vidas, uma vez que são praticamente inerentes ao dia-a-dia e à vida de cada um de nós.

Mas afinal, em que é que consiste a palavra tecnologia?

De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa tecnologia significa: “ciência cujo objecto é a aplicação do conhecimento técnico e científico para fins industriais e comerciais; ou conjunto dos termos técnicos de uma arte ou de uma ciência.” Mas a tecnologia é mais do que uma ciência técnica e científica.

Melvin Kranzber (s.d. *apud* Ilharco 2004, p.11) sugere que a tecnologia “não é boa, nem má; e que também não é neutra”. Esta frase justifica o facto da tecnologia, apesar de não se tratar nem de algo positivo nem de algo negativo, influencia a nossa sociedade e a forma como lidamos com os outros e com nós mesmos.

De acordo com Fernando Ilharco (2004, p.13) a tecnologia é mais do que os próprios aparelhos e aplicações em si, trata-se de “tudo isso, mas não é apenas isso, porque ela é um

fenómeno que permanentemente e substancialmente se tem vindo a constituir no modo, no meio e no contexto da acção dos homens do mundo”.

Assim sendo, e se a tecnologia vai muito para além de aparelhos electrónicos, qual o profundo significado da mesma? Em que medida altera as nossas práticas sociais e a nossa maneira de estar?

Mais à frente iremos debruçar-nos nas consequências sociais que as tecnologias vieram trazer.

1.3. O papel das novas tecnologias na sociedade contemporânea

O papel da tecnologia nem sempre se prendeu com a tecnologia como a conhecemos hoje.

Desde a descoberta do fogo ou da invenção da roda, estas foram tecnologias que moldaram a forma como as pessoas passaram a viver as suas vidas. As dinâmicas alteraram-se em função daquilo que as tecnologias trouxeram de novo: a possibilidade de aquecer alimentos, de aquecer espaços, de transportar mercadorias ou pessoas.

As tecnologias que conhecemos hoje em dia são, naturalmente, diferentes. De acordo com Castells (2005) esta nova revolução foi norte-americana, mais propriamente californiana e trouxe consigo uma nova realidade.

Nos dias de hoje a tecnologia é algo completamente inerente aos seres humanos. É impossível colocarmo-nos à margem da tecnologia. Esta está por todo o lado. Nas ruas, nas nossas casas, nos carros, por todo lado encontramos tecnologia. Estamos com e perante a mesma constantemente. Isto significa que, naturalmente, a nossa vida vai-se alterando em função da mesma. Esta última deixa de ser apenas aquilo que realmente é, do ponto de vista dos aparelhos e aplicações, e passa ganhar contornos diferentes alterando a forma como vivemos em sociedade.

De acordo com Ilharco (2004) a tecnologia passa a ser “o desenrolar de possibilidades abertas pela absorção dessa mesma tecnologia”, sugerindo em última instância, que o homem a ser aquilo que é, este é tecnologia.

Castells (2005) considera que a tecnologia não determina a sociedade mas, apesar disso “a tecnologia é a sociedade e a sociedade não pode ser compreendida sem as suas ferramentas tecnológicas.” (2005, p.6)

De acordo com o mesmo autor o facto da tecnologia não determinar a sociedade, pode fazer com que os Estados moldem o seu desenvolvimento provocando uma aceleração tecnológica que altera as sociedades e as suas dinâmicas, sugerindo que “a tecnologia e as relações técnicas de produção difundam-se por todo o conjunto de relações e estruturas sociais, penetrando no poder e na experiência e modificando-os.” (Castells, 2005, p.21)

Posto isto, é possível dizermos que a tecnologia, de facto, influencia a sociedade no sentido em que as relações, sejam elas quais forem, acabam por alterar-se em função do que as novas tecnologias de informação e comunicação proporcionam.

O funcionamento da maioria das estruturas alterou-se profundamente fruto do mundo tecnológico no qual habitamos. De acordo com Ilharco (2004, p.14) “o funcionamento das cidades, em rigor dos países mais desenvolvidos e do próprio mundo globalizado, assenta na penetração e na assimilação de mais e mais tecnologia”.

O mesmo autor surge com uma definição de tecnologia que corresponde àquilo que é o papel das tecnologias na nossa sociedade. O autor sugere que “a tecnologia, assim, não é o apenas o gigantesco conjunto dos instrumentos qualificados de tecnológicos, mecanismos que suportam e possibilitam – literalmente – viver a vida que hoje vivemos, mas também, e porventura sobretudo, o conjunto de comportamentos e de práticas que somos e no âmbito dos quais vivemos”. (Ilharco, 2004, p.19)

Este conjunto de comportamentos novos foi também percebido por Christopher Freeman (1988, p.10 *apud* Castells 2005, p.86) afirmando que:

“Um paradigma económico e tecnológico é um agrupamento de inovações técnicas, organizacionais e administrativas inter-relacionadas, cujas vantagens devem ser descobertas não apenas numa nova gama de produtos e sistemas, mas também e sobretudo na dinâmica da estrutura dos custos relativos a todos os possíveis *inputs* para a produção. *Em cada novo paradigma, um input específico ou conjunto de inputs pode ser descrito como o “factor-chave” desse paradigma caracterizado pela queda dos custos relativos e pela disponibilidade universal.* A mudança contemporânea de paradigma pode ser vista como uma transferência de tecnologia baseada principalmente em *inputs* económicos de energia para uma outra *que se baseia predominantemente em inputs económicos de informação resultantes do avanço da tecnologia em micro-electrónica e telecomunicações.*”

Mas, na prática, como é que as novas tecnologias vieram alterar a sociedade? Em que medida é que a ordem das coisas se modificou e as nossas práticas e dinâmicas estão de alguma forma diferentes? O que permitiu e o que restringiu este novo paradigma tecnológico?

1.4. Consequências das novas tecnologias na sociedade

A instantaneidade que as coisas adquiriram nunca foi tão evidente como nos dias de hoje. A Globalização associada à evolução das novas tecnologias veio trazer um sem número de possibilidades e de alterações às nossas mais recorrentes práticas.

Esta nova realidade veio definir novas formas de estar e criar um sem fim de novas possibilidades, mas também, e talvez sobretudo, vem definir uma nova forma do ser humano ser ele mesmo.

1.4.1. Aqui e Agora

Para sermos rigorosos a palavra instantâneo, para caracterizar o acto de comunicar, apenas há poucos anos é que foi possível utilizar-se.

Longe vão os tempos onde para se comunicar com outras pessoas seria preciso enviar uma carta que demoraria meses a chegar ao destino. Aliás, hoje em dia, esse tipo de comunicação é obsoleto, uma vez que é substituído pelas milhares de formas mais rápidas de se comunicar.

A comunicação veio, claramente, sofrer alterações profundas com a evolução das tecnologias de informação e comunicação. Agora, falar com os nossos amigos e famílias é imediato e instantâneo.

O espaço e o tempo são reduzidos ao milímetro e ao milésimo de segundo já que, hoje em dia, não é preciso estar fisicamente presente para estar perto. De acordo com Green (2001, p.63) “as tecnologias de informação e comunicação disponíveis na sociedade contemporânea garantem que a comunicação moderna pode estender-se no tempo e no espaço”.

Nunca a comunicação foi tão facilitada como nos dias de hoje. Temos à nossa disposição uma série de ferramentas que nos permitem estar praticamente em simultâneo com aqueles que nos são queridos.

Um exemplo prático disso é a forma como, através do Skype, podemos falar com os nossos familiares e amigos mesmo estando longe dos mesmos. Podemos estar em Tóquio ou em Paris mas é fácil sentirmo-nos, ao mesmo, tempo perto de casa.

Bauman (1999) sugere que se criou um espaço cibernético, no qual as pessoas hoje em dia actuam e vivem, tornando o espaço físico em algo obsoleto. Para comprovar esta teoria, Bauman (1999, pp.23,24) cita Paul Virilio que afirma que elementos daquele espaço são “desprovidos de dimensões espaciais, mas inscritos na temporalidade singular de uma difusão instantânea. Doravante, as pessoas não podem ser separadas por obstáculos físicos ou distâncias temporais. Com a interface dos terminais de computadores e monitores de vídeo, as distinções entre *aqui* e *lá* não significam mais nada.”

Esta realidade vem, naturalmente, eliminar o conceito físico de fronteiras e de distância. Já não estamos longe, estamos, sim, todos juntos numa Aldeia Global.

Estas alterações das noções de espaço e de tempo afectam o próprio comportamento do ser humano que deixa de estar preparado para esperar ou aguardar por algo. As pessoas já não querem esperar em filas, já não pensam em aguardar mais de 5 minutos para obter alguma coisa. O tempo e o espaço deixam de fazer sentido nesta sociedade global que, por ser global, não necessita de fazer o ser humano esperar.

A própria distância que existe, pois apesar de tudo ela ainda é válida, uma vez que não é impossível teletransportarmo-nos, reduz-se a muito pouco. Os meios de transporte que hoje conhecemos oferecem viagens rápidas e baratas para qualquer parte do mundo sendo, por isso, possível viajarmos para longe de forma muito rápida e barata.

Como sugere Castles (2005, pp-22) a mobilidade das pessoas prende-se profundamente com “as novas tecnologias de informação incluindo a Internet, melhores ligações telefónicas e as viagens aéreas a preços baixos”.

De facto, esta ideia do “aqui e agora” tem repercussões muito grandes na mobilidade das pessoas. Mobilidade que ganha novos contornos, no sentido em que as pessoas podem viajar a preços muito baixos como também manter-se em contacto com o seu país de origem de forma quase gratuita.

O caso das companhias aéreas *low-cost* é bastante revelador de viagens muito baratas que podemos encontrar. É possível ir a Londres ou a Madrid por valores que rondam os 30 ou 40 Euros.

Assim, as novas tecnologias fizeram com que o homem se sentisse no controlo do mundo. Capaz de ver o mundo inteiro da sua janela de casa. Esta ideia é defendida por Ilharco (2004) que sugere que a imagem que hoje temos do mundo é a mesma que se vê do espaço. O autor diz que “tirando meia dúzia de astronautas, nunca ninguém viu essa imagem. Mas todos a conhecemos. Porque essa é a forma de hoje se fazer sentido no mundo.” (2004, p.55)

Esta tendência global, fruto das novas tecnologias, faz com que o homem deixe de pensar em si mesmo no mundo para passar a “estar no espaço, olhando o mundo como um globo na sua mão” (Ilharco, 2004, p.58)

A ideia de que o mundo é nosso e não somos nós que estamos no mundo é algo muito representativo da realidade que as novas tecnologias nos possibilitaram. Uma vez que estamos tão rapidamente próximos de tudo e de todos ficamos com a ideia que controlamos o mundo e a perspectiva que temos dele altera-se. Passa de um lugar enorme para uma sítio pequeno que se traduz numa Aldeia Global.

1.4.2. Rapidez de fluxo

As novas tecnologias não surtem apenas efeitos na forma como comunicamos entre nós e como estamos presentes no mundo. A forma como gerimos e obtemos informação também se alterou profundamente.

Agora, tudo é rápido. Um acontecimento do outro lado do mundo é sabido imediatamente aqui e tem repercussões reais fora do local onde aquele acontecimento se passou.

O imediato não se faz sentir apenas na nossa comunicação com os outros. A informação que obtemos é rápida e imediata e atravessa o mundo a uma velocidade impressionante.

A informação circula pelo mundo como se de luz se tratasse, de forma instantânea. Conseguimos acompanhar, por exemplo, as revoluções árabes no conforto de nossa casa.

Todo aquele cenário de guerra que não está, naturalmente, a passar-se na nossa realidade, acaba por invadir as nossas habitações através de todos os *écrans* que estão disponíveis.

A informação circula por vias rápidas e não há forma de não estarmos em permanentemente contacto com essa informação, mediatizada à mais ínfima escala. Para que esta circule, já não é necessário que alguém a transporte. Como Bauman sugere (1999, pp.21,22):

“Desenvolveram-se de forma consistente meios técnicos que também permitiram à informação viajar independente dos seus portadores físicos — e independente também dos objetos sobre os quais informava: meios que libertaram os “significantes” do controle dos “significados”. A separação dos movimentos da informação em relação aos movimentos dos seus portadores e objetos permitiu por sua vez a diferenciação de suas velocidades; o movimento da informação ganhava velocidade num ritmo muito mais rápido que a viagem dos corpos ou a mudança da situação sobre a qual se informava. Afinal, o aparecimento da rede mundial de computadores pôs fim — no que diz respeito à informação — à própria noção de “viagem” (e de “distância” a ser percorrida), tornando a informação instantaneamente disponível em todo o planeta, tanto na teoria como na prática.”

Uma vez que a informação não mais necessita de ser transportada fisicamente torna-se, naturalmente, mais fácil que esta circule e mais fácil de obtermos informação de toda a parte do mundo sem termos de sair de nossas casas.

Este aspecto ganhou tamanha importância que Catells (2003) decreve a sociedade em que vivemos como sendo a “sociedade de informação”. Isto porque ela – a informação- é constante e está inerente às mais variadas áreas da nossa vida.

Esta sociedade da informação, sugerida por Castells, tem em conta a produção da própria informação.

De acordo com Ilharco a sociedade da informação, onde esta última circula de forma rápida e imediata, traduz-se na “abundância de produtos e serviços intensivos em informação” (Ilharco 2004, p.79).

A informação é tanta e tão rápida que pode perder, em certa medida, a sua fiabilidade. Devido à infinidade de informação que nos chega, nos dias de hoje, é necessário fazer uma boa gestão dessa informação. Aquilo que é transferido para conhecimento deve ser algo retirado de informação verdadeira e viável. Assim, e de acordo com Ilharco (2004, p.79) “as empresas típicas da sociedade da informação produzem

interpretação de dados. (...) Um factor crítico de sucesso do *management* passou, assim, a ser a gestão de informação.”

Em suma, as novas tecnologias de informação e comunicação permitiram-nos obter informação de forma instantânea e imediata. A possibilidade desta última não ter de ser transportada fisicamente acabou por reduzir o tempo que demorava a circulação da mesma. Esta rapidez de fluxo é indubitável e inalterável. No entanto, esta abundância de informação gera, também, um maior escrutínio por parte das pessoas, para que a aquela que se vai transferir em conhecimento seja fiável.

2. Cultura e Culturas Nacionais

2.1. Definição de Cultura

Muitos são os autores que se debruçam sobre o tema da cultura. Hofstede (1991), um dos principais teóricos acerca desta temática, considera que aquilo a que chamamos cultura consiste na nossa *programação mental*. Para o autor a nossa programação mental consiste na aprendizagem e assimilação dos nossos costumes, padrões e hábitos. O mesmo teórico distingue, ainda, dois tipos de cultura às quais dá o nome de cultura 1 e cultura 2. No que diz respeito à primeira cultura, o autor considera-a como sendo “a palavra que engloba todos aqueles padrões de pensamento, sentimentos e comportamentos (...)” (Hofstede, 1991 p.19). No que diz respeito à cultura 2 o autor considera que esta é um fenómeno colectivo e pode ser entendido como “a programação colectiva da mente que distingue os membros de um grupo ou categoria de pessoas face a outro.” (1991, p.19)

A cultura, segundo o mesmo pensador é algo que se vai adquirindo ao longo da vida, e por isso, não é algo que os nossos genes carreguem. Nesse sentido, o autor considera que a cultura deve ser distinguida da personalidade e da natureza humana, utilizando uma pirâmide representativa desta distinção:



Figura 1. - Três níveis de programação mental humana

Fonte: Hofstede, 1991

De acordo com Harris (1995) o termo cultura “refers to the lerned, socially acquired traditions of thought and behavior found in human societies” (Harris, 1995, p.7) Para o

mesmo autor a cultura não é apenas aquilo que os artistas e literários escrevem, fazem ou pensam, mas sim o estilo de vida de determinado grupo e a forma como estes agem, pensam e sentem.

Isabel Ferin (2002) apresenta várias concepções de cultura que se traduzem na cultura clássica, antropológica, marxista, estruturalista, sociológica, e a concepção dos estudos culturais britânicos.

Para a autora, a primeira cultura, de concepção clássica, prende-se com aquilo que o ser humano executa, isto é, cultura trata-se das competências que o homem dispõe. Este tipo de cultura surgiu para que os intelectuais, dotados de cultura, se conseguissem distinguir dos demais.

No que diz respeito à concepção antropológica de cultura, esta entende-se pelo “estudo do conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como dos artefactos, objectos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade” (Thompson, 1998, p.173 *apud* Ferin, 2002, p.37).

Para caracterizar a cultura marxista a autora afirma que esta é marcada pela teorização do socialismo científico determinada por “forças e relações de produção” (Ferin, 2002, p.39).

No que concerne à concepção estruturalista de cultura, Isabel Ferin sugere que a mesma teve início no século XIX e foi desenvolvida por Saussure e Jakobson que consideraram cultura, baseando-se em estudos linguísticos, como sendo a única forma de ditar a ordem cultural das sociedades.

No que diz respeito à concepção sociológica existem duas vertentes para se caracterizar cultura. Uma, na qual se encaixa o pensamento de Durkheim, tem que ver com a acção do ser humano individualmente. Outra, na qual se situa Max Webber, a cultura é entendida como o resultado da acção do Homem.

Por último, existe ainda a concepção dos estudos culturais Britânicos que entendem a cultura como sendo “o processo de desenvolvimento e enobrecimento das faculdades humanas, um processo facilitado pela assimilação de trabalhos académicos e artísticos e ligados ao carácter progressista da era moderna” (Thompson, 1998, p.170 *apud* Ferin, 2002, p.37).

Posto isto, podemos entender cultura de diversas formas. Podemos entendê-la como sendo os conhecimentos que o ser humano adquire, como a forma como esse ser humano se constrói no que diz respeito aos seus hábitos e padrões.

Os autores Richard Hoggart e Edward Thompson, dois fundadores do Center for Contemporary Cultural Studies, consideram que “a análise cultural deverá tanto integrar a *cultura idealista*, centrada nas faculdades de espírito e no ideal de perfeição, como a *cultura patrimonial*, centrada nos registos, memórias e documentos produzidos pela humanidade e a *cultura das práticas quotidianas*.” (Williams, 1966, pp.57-60 *apud* Ferin (2002, p.45)

Existem ainda outras abordagens para aquilo que a palavra cultura significa. De acordo com Clifford Geertz (s.d. *apud* Ilharco, 2011) “Culture is not a power, something to which social events, behaviors, institutions, or processes can be causally attributed; it is a context”.

Para Edward T. Hall (1990) cultura é comunicação. De acordo com este teórico cada mundo cultural existe de acordo com as suas dinâmicas internas, princípios e leis, sendo que, nos vários mundos culturais, existe algo que é comum: a comunicação. Para o mesmo autor a comunicação pode ser entendida de três formas diferentes: palavras, coisas materiais e comportamento. Assim, as palavras são o meio de fazer negócios, política e diplomacia; as coisas materiais representam os indicadores de *status* e poder; e por último, o comportamento corresponde ao feedback de como as pessoas se sentem e possibilita técnicas para evitar confrontos.

Hall (1990) conclui que a cultura pode ser entendida como um complexo e enorme computador no qual os seus programas orientam as acções do homem.

2.1.1. Culturas Nacionais

Hofstede (1991) considera que cada indivíduo está perante vários níveis de cultura. Apesar de todos eles serem importantes, na presente dissertação destacamos em particular, o nível que o autor denomina de nacional. Para o autor, este nível de cultura tem que ver, naturalmente, com o país / nação onde o indivíduo habita, dotando-o de uma cultura que será diferente da de outra pessoa que está noutro país.

Segundo o mesmo autor a nossa nacionalidade é como o nosso cartão-de-visita e temos tendência a atribuir características específicas a pessoas de determinados países. Foi no sentido de tentar medir as culturas nacionais de diferentes países que Hofstede (1991) propôs um sistema que contempla quatro categorias distintas:

1. “Distância Hierárquica” que mede a forma como as pessoas se comportam tendo em conta os diferentes níveis hierárquicos que ocupam.
2. “Individualismo VS Colectivismo” que mede os laços entre as pessoas, sendo que aqueles com laços mais “largos” são mais individualistas e os com laços mais apertados são mais colectivistas;
3. “Masculinidades VS Feminilidade”, este critério pretende apurar se a cultura de determinado país tem características mais femininas ou mais masculinas;
4. “Controlo da Incerteza” que mede o medo e o receio do risco, bem como da incerteza das pessoas.

O autor realizou este estudo através de inquéritos que efectuou aos colaboradores de uma grande empresa multinacional, a IBM.

Hofstede (1991) conclui que os colaboradores de diferentes países acabam por ter respostas bastante divergentes no que diz respeito a estas quatro dinâmicas.

A título de exemplo é possível verificar, através do estudo do autor, e no que diz respeito à categoria “distância hierárquica”, que o índice da mesma é mais elevado na Malásia, seguindo-se da Guatemala e do Panamá. Isto quer dizer que nestes países existe uma forte relação de dependência entre as chefias e os seus subordinados. Já a Dinamarca, Israel e a Áustria ocupam as últimas posições da tabela revelando que nestes países existe uma relação entre chefias e subordinados mais cooperativa em vez de dependente. Hofstede (1991) caracteriza, ainda, a distância hierárquica como sendo “a medida do grau de aceitação, por aqueles que têm menos poder nas instituições e organizações de um país, de uma repartição desigual do poder”. (Hofstede, 1991, p.42)

No que concerne à dimensão “individualismo vs colectivismo”, o autor (1991) caracteriza-a da seguinte forma:

“o individualismo caracteriza as sociedades nas quais os laços entre os indivíduos são pouco firmes; cada um deve ocupar-se de si mesmo e da sua família mais próxima. O colectivismo, pelo contrário, caracteriza as sociedades nas quais as

“pessoas são integradas, desde o nascimento, em grupos fortes e coesos, que as protegem para toda a vida em troca de uma lealdade inquestionável.” (Hofstede 1991, p.69)

Os países com maior índice de individualismo são os Estados Unidos, a Austrália e a Grã-Bretanha. A ocupar os últimos lugares da tabela, sendo por isso, aqueles países com mais elevado nível de coletivismo estão o Panamá, o Equador e a Guatemala.

É interessante observar que nos países onde o Índice de Distância Hierárquica é maior, o Índice de Individualismo é menor. Hofstede (1991) justifica este acontecimento afirmando que nas culturas onde o nível de distância hierárquica é maior, as famílias são constituídas por uma figura paternal que corresponde à autoridade e à qual se estende uma certa dependência por parte dos outros. O que acontece no caso contrário é que as pessoas que são mais autónomas revelam, também, menos dependência em relação àqueles que têm poder.

Na avaliação realizada à categoria de “masculinidade”, o autor constatou que no topo da tabela, e por isso os países com maior índice de masculinidade são o Japão, a Áustria e a Venezuela. A ocuparem as posições mais baixas estão os Países Baixos, a Noruega e a Suécia. Tendo em conta as características do homem e da mulher, que são muito diferentes, esta categoria pode ser entendida como uma medida das culturas dos países que têm características mais femininas e mais masculinas. O autor (1991) afirma que:

“os adjectivos *masculino* e *feminino* farão referência ao papel social, determinado pela cultura. São empregues num sentido *relativo* e não absoluto. Um homem pode comportar-se de forma “feminina” e uma mulher de forma “masculina”: isto apenas significa que eles se separam em relação a certas convenções da sociedade a que pertencem.” (Hofstede, 1991, p.101)

Por último, o autor contemplou, ainda, a categoria denominada “controlo da incerteza”. Este quarto e último índice mede “o grau de inquietude dos seus habitantes face às situações desconhecidas ou incertas”. (Hofstede, 1991, p.135).

A liderar este índice encontram-se a Grécia, Portugal e Guatemala, o que significa que os habitantes destes países têm um profundo receio da mudança e não gostam de viver em situações de incerteza. Por outro lado, a Dinamarca, Jamaica e Singapura não têm qualquer aversão à mudança e lidam bastante bem com a possibilidade de estarem perante modificações nas suas vidas.

Hofstede (1991) conseguiu através destas quatro categorias perceber quais as principais diferenças nas culturas nacionais dos países que estudou.

Este estudo distingue profundamente as culturas nacionais permitindo-nos ter uma noção da forma como cada país funciona e possibilitando, quase, uma previsão da forma como os habitantes de determinado país se relacionam entre si e com os outros.

Não foi apenas Hofstede que estudou as diferenças entre as culturas nacionais. Para Hall (1976) as culturas estão profundamente ligadas ao contexto em que estão inseridas. O autor (1976) caracteriza o contexto como sendo a informação que está à volta de determinado evento. Os elementos que produzem determinado significado podem ser entendidos de formas diferentes de acordo com culturas diferentes. Assim, o contexto pode ser avaliado numa escala de “alto” e “baixo” contexto. O teórico descreve da seguinte maneira os conceitos de baixo e alto contexto:

“A high context (HC) communication or message is one in which most of the information is already in the person, while very little is in the coded, explicit, transmitted part of the message. A low context (LC) communications is just the opposite; i.e., the mass of the information is vested in the explicit code. Twins who have grown up together can, and do communicate more economically (HC) than two lawyers in a courtroom during a trial (LC), a mathematicians programming a computer, two politicians drafting legislation, two administrators writing a regulation” (Hall, 1976, p.91)

Posto isto, o autor considera que os árabes, japoneses e mediterrâneos, que são pessoas detentoras de muita informação sobre a sua rede de contactos e que têm relações pessoais muito próximas, são pessoas de alto contexto. Enquanto os americanos, alemães, suíços e escandinavos são culturas de baixo contexto, uma vez que separam as suas relações pessoais, o seu trabalho e as suas práticas quotidianas.

Assim, cada vez que pessoas de baixo contexto interagem, necessitam de muita informação ao contrário de pessoas de alto contexto que já estão muito envolvidas umas com as outras sendo detentoras de muita informação.

É muito comum, de acordo com o autor (1990) que pessoas de alto contexto fiquem nervosas e impacientes porque as pessoas de baixo contexto insistem em dar-lhes demasiada informação desnecessária. Pelo contrário, as pessoas de baixo contexto ficam perdidas quando as pessoas de alto contexto não lhes fornecem a informação essencial.

O autor conclui, que o grande desafio é “encontrar o nível de contexto apropriado a cada situação” (Hall, 1990, p.9) uma vez que muita informação pode provocar nas pessoas um efeito de desconsideração e, por outro lado, pouca informação pode levar a que as pessoas de baixo contexto se sintam postas de parte.

Posto isto, o autor (1990) afirma, ainda, que nos seus próprios países as pessoas fazem estes ajustes automaticamente no entanto, entre países diferentes as mensagens muitas vezes não são adaptadas.

2.2. Relação entre cultura e mobilidade

A cultura, como vimos a cima, são os comportamentos, aprendizagens e formas de viver que determinado grupo possui. Assim sendo a palavra “cultura” e “mobilidade” podem entrar, em certa medida, em choque. Se uma pessoa se movimenta para outro sítio vai, provavelmente, ter de encarar e de se ambientar a uma nova cultura.

Apesar de existirem diferenças entre as culturas, como podemos verificar a partir do estudo de Hofstede, a União Europeia tem feito esforços no sentido de criar uma cultura europeia partilhada e que possibilite a qualquer estado membro um acesso fácil à cultura de outro.

2.2.1. Culturas similares como promotoras de mobilidade

Em 2001 a Comissão Europeia redigiu uma publicação denominada “Construir a Europa dos Povos - A União Europeia e a cultura” na qual se podia encontrar a seguinte ideia:

“Acima de divisões geográficas, religiosas ou políticas, as correntes artísticas, científicas ou filosóficas influenciaram-se e enriqueceram-se mutuamente ao longo dos séculos, constituindo o património de que hoje se podem reclamar as diversas culturas da União. Com efeito, por mais diferentes que sejam, os povos europeus partilham uma história que situa a Europa no mundo e na qual se funda a sua especificidade. É aí que se inscreve o «modelo cultural europeu», entre o respeito pela expressão cultural própria de cada povo e os intercâmbios, as acções de cooperação, que alimentam e enriquecem cada cultura.”

Posto isto, é possível dizer-se que existem, de facto, esforços no sentido de criar uma Europa mais próxima e, por consequência, que permita de forma mais aberta a mobilidade entre pessoas de estados-membros. Na publicação acima referida, a Comissão Europeia destaca a oportunidade que a União Europeia oferece aos jovens dos estados-membros de partirem para outras culturas ao abrigo de programas como *Erasmus* e *Sócrates*.

O manuscrito apresenta alguns dados onde podemos ler que “desde 1987, mais de um milhão de estudantes realizou estadias no estrangeiro graças ao programa Sócrates, enquanto o programa «Juventude» mobiliza, desde 1995, mais de 400 000 jovens europeus.” (Comissão Europeia, 2001, p.6).

Esta realidade Europeia promove que mobilidade e cultura deixem de soar palavras antagónicas para passarem a andar lado a lado numa tentativa de promover tanto a mobilidade como a aquisição de outras culturas através dessas mesma mobilidade.

Do ponto de vista Europeu, a tentativa de promover esta troca cultural e de circulação está a ser positiva. No entanto, não é apenas a Europa que os jovens têm vontade de descobrir. Existem muitos outros países fora da Comunidade Europeia, que são detentores de culturas muito diferentes e que, apesar disso, são destinos desejáveis para os jovens no contexto da mobilidade.

2.3. Choques culturais ou cultura global?

Num mundo cada vez mais global torna-se natural que as culturas se vão misturando, transportadas pelas pessoas que se movimentam internacionalmente e por vários outros meios como a televisão ou a Internet.

Bird e Stevens (2003) consideram que “um dos maiores efeitos da Globalização é a criação de uma nova e identificável classe de pessoas que pertencem a uma cultura global emergente”. (Bird e Stevens, 2003, p.395)

McGrane (1989 *apud* Featherstone 2001) considera que “quem julga que o seu país é aprazível encontra-se ainda no estado de imaturidade; quem considera qualquer país igual ao seu já pode considerar-se um indivíduo maduro; mas é apenas perfeito quem julga que o mundo inteiro é um país estrangeiro.” (McGrane, 1989, p.129 *apud* Featherstone, 2001,

p.83) De facto, o mundo global no qual vivemos está a caminhar a passos largos para que o mundo inteiro represente uma cultura comum.

Featherstone (2001) considera que a Globalização, que veio possibilitar a existência de uma cultura global, está a permitir, nos dias de hoje, que exista uma americanização das culturas de outros países. Assim, a cultura global a que assistimos prende-se com “o resultado do domínio económico e político dos Estados Unidos da América, pela forma como têm projectado a sua cultura hegemónica em todos os cantos do mundo”. (Featherstone, 2001, p.84)

Esta americanização cultural é também defendida por Clark e Mathur (2003 *apud* Bird e Stevens 2003, p.387) que apresentam a “teoria da *McDolnalização*” o que significa que “a cultura global emergente é simplesmente a exportação da cultura Americana para o resto do mundo”.

Com efeito, é possível constatar-se que as culturas mais ocidentais têm adoptado esta cultura americana mas, naturalmente, com as suas próprias particularidades. Nos dias de hoje estamos em contacto constante com a realidade americana. Os nossos centros comerciais estão cobertos de cadeias de *fast-food* americanas; a coca-cola já está completamente enraizada na nossa realidade; entre outros aspectos.

Featherstone (2001) levanta, ainda, dois pontos essenciais que reflectem a ideia de que temos um sentimento de interdependência entre países. Uma delas é o facto de termos uma imagem do mundo como o globo visto do espaço. Apesar de poucas pessoas terem visto, de facto, esta imagem, ela representa a forma como vemos e como entendemos o mundo.

Outro ponto que o autor salienta é a exploração comercial que existe aproveitando a ideia que temos de ser interdependentes. A título de exemplo o autor sugere um anúncio da Coca-Cola no qual várias crianças pertencentes aos quatro cantos do mundo se juntam para cantar a música “We are the world”.

De acordo com o mesmo teórico este processo de Globalização, que está a apertar o globo de tal forma que altera a ideia que nós temos de espaço, acaba por transformar o mundo num lugar único. Esta ideia sugere que a cultura se torne global e não local, uma vez que o mundo se torna cada vez mais pequeno.

Para Bird e Stevens (2003) as pessoas estão cada vez mais a partilhar experiências comuns, apesar de pertencerem a culturas diferentes. Aquilo que bebem, comem e veem é

semelhante em vários países diferentes. A cultura que, e de acordo com os autores, é aprendida através de experiências partilhadas, não necessita de ser difundida apenas através de pessoas. Hoje em dia a televisão, os filmes, a música e a internet são meios que permitem que a cultura viaje tornando-nos espectadores de uma diáspora cultural.

Os autores revelam uma série de características que definem a personalidade de uma pessoa que experiencia a cultura global. Esse tipo de pessoas são, normalmente e de acordo com os teóricos, instruídas, ou seja são detentoras de um elevado nível de educação; bem-relacionadas, tratando-se de pessoas com bons conhecimentos; confiantes, pelas experiências que já viveram; pragmáticas, uma vez que são pessoas preocupadas em fazer as coisas e fazê-las bem; não têm medo das fronteiras nacionais ou culturais, muito pelo contrário, sendo pessoas confiantes não se intimidam com outras culturas; democráticas e participantes, ou seja, são pessoas com iniciativa e que se envolvem em vários projectos; individualistas mas inclusivas, uma vez que, e por terem iniciativa, resolvem as situações sozinhos, no entanto preferem, muitas vezes, incluir em vez de excluir pessoas; flexíveis e abertos no sentido em que são pessoas que facilmente se adaptam à mudança e a outras realidades; e por último, tolerantes, isto é, iniciam muitas vezes as suas relações dando confiança ao outro.

Esta possibilidade de contacto entre culturas é cada vez mais inerente à nossa realidade. “Com as modernas tecnologias de transportes e comunicações, os contactos culturais multiplicaram-se a um ritmo prodigioso”. (Hofstede, 1991, p.241)

Posto isto, pode dizer-se que, de facto, a cultura tem-se tornado cada vez mais global por estarmos perante trocas culturais muito significativas. No entanto, é natural que ainda existam choques culturais, uma vez que, e sendo a cultura os hábitos, valores e costumes de um povo, estes não são idênticos em todos os países.

Hofstede considera que usualmente um estrangeiro, emigrante ou expatriado sofre um choque cultural quando chega a outro país. O autor (1991) sugere que “num certo sentido, o visitante de uma cultura estrangeira regride à situação mental de uma criança pequena, que tem de aprender de novo as coisas mais simples”. (Hofstede, 1991, p.241)

Por vezes, este choque cultural revela-se na capacidade física dos emigrantes que, mais facilmente, ficam doentes e têm necessidade de assistência médica. (Hofstede, 1991, p.242).

Hofstede (1991) considera, assim, que um estrangeiro, emigrante ou expatriado tem de passar por um processo de aculturação.

A fase 1 deste processo destaca-se por um período de euforia. Esta é uma fase em que o estrangeiro se encontra muito entusiasmado por descobrir novos lugares e novas culturas. A fase 2 distingue-se por ser a fase do choque cultural, na qual o estrangeiro inicia a sua vida quotidiana na nova cultura. A terceira fase corresponde ao processo de aculturação na qual o estrangeiro “aprendeu gradualmente a funcionar nas novas condições, adoptou alguns valores sociais, adquiriu confiança em si próprio e integra-se na nova rede social.” (Hofstede, 1991, p.243). A última e quarta fase estabelece o estado de estabilidade no qual o estrangeiro atinge a segurança mental para habitar um outro país. No entanto, esta estabilidade pode ocorrer de três formas diferentes: a) o visitante adquire sentimentos negativos em relação à cultura que está a conhecer, não se ambientando, por isso, à nova cultura; b) o estrangeiro ambientou-se bem à nova realidade e ambiente adquirindo, por isso, um carácter bicultural e c) o visitante passa a sentir-se melhor na nova cultura do que naquela que era a sua de origem.

Hofstede (1991, p.243) conclui, ainda, que aqueles emigrantes que voltam ao seu país de origem experienciam, muitas vezes, “um choque cultural inverso”, no sentido em que se têm de ambientar novamente à sua velha cultura.

Segundo o mesmo autor os choques culturais estão sempre presentes na mudança de uma cultura para outra. Assim, os expatriados ou emigrantes que mudam muitas vezes de país vão experienciando, ao longo da sua vida, vários choques culturais.

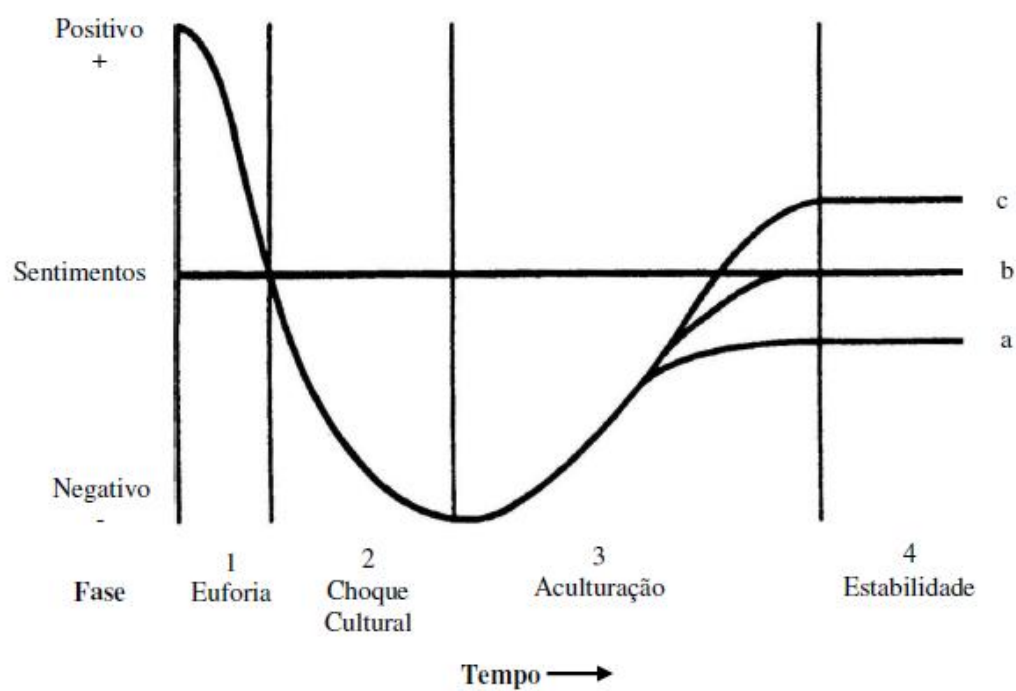


Figura 2 - Curva de Aclimação

Fonte: Hofstede, 1991

3. Motivação

Muitos autores têm-se debruçado acerca do conceito motivação. Neste sentido, existem muitas definições acerca deste mesmo tema.

Para Rosa (1994) o conceito de motivação tem sido visto a partir de três perspectivas diferentes. A primeira o autor considera que é “a análise da motivação centrada nos estudos dos factores que solicitam ou desencadeiam actividades comportamentais de uma pessoa”. (Rosa, 1994, p.97). A segunda perspectiva trata-se da “análise do próprio processo motivacional que engloba a escolha, decisão, finalidade, direcionalidade e satisfação.” (Rosa, 1994, p.97) A terceira e última perspectiva contempla “a análise do procedimento motivacional, ou seja, o desenvolvimento do processo, o modo como se inicia, como é mantido ou suspenso e as influências das reacções subjectivas na motivação” (Rosa 1994, p.98).

Posto isto, o autor (1994) considera que motivação é algo do foro psicológico que cria formas de comportamento humano, influenciadas por factores internos ou externos, com o objectivo de alcançar um conjunto de necessidades.

O autor propõe, ainda, que o conceito de motivação é cíclico, isto é, quando geramos determinado comportamento para alcançarmos uma necessidade, uma vez que esta necessidade é satisfeita gera-se um novo comportamento para alcançar uma nova necessidade.



Figura 3 – Ciclo Motivacional

Fonte: Rosa, 1994

Para outros autores, como Vroom (1964 *apud* Neves 1998) o conceito de motivação que deriva da palavra latina *movere*, significa “a variedade de comportamento intra e interindividual devido não só a diferenças individuais e competências no controlo das exigências do meio ambiente que a acção exige”.

A motivação pode ser definida de duas maneiras. De acordo com Pina e Cunha *et al* (2007, p.154) a motivação divide-se em motivação intrínseca e extrínseca. No que concerne à motivação intrínseca, este tipo de motivação, é mais alimentado por desejos intrínsecos, isto é, o indivíduo não tem como prioridade as recompensas externas, uma vez que para ele aquilo que é importante são os desafios, a autonomia, a auto-realização e o próprio objectivo que pretende atingir. No que diz respeito à motivação extrínseca, podemos verificar que esta consiste em obtermos recompensas e prémios ou punições pelas tarefas que desempenhamos, isto é, somos compensados através de elementos externos.

Bilhim (2001) destaca aquilo que significa motivação intrínseca (aquela que vem de dentro de nós) como sendo algo que corresponde às capacidades que as pessoas têm de satisfazer as suas necessidades e de auto-realizarem-se.

Posto isto, iremos debruçar-nos sobre algumas teorias de motivação. Iremos abranger as teorias da motivação gerais que dizem respeito a “aspirações genéricas dos seres humanos, ou seja, que não se centram exclusivamente no trabalho e no comportamento organizacional” (Pina e Cunha *et al* 2007, p.155).

Uma das teorias gerais da motivação é a Hierarquia das Necessidades. Esta teoria foi concebida por Abraham H. Maslow e segundo o autor cada ser humano para ser “plenamente humano” possui um conjunto de cinco necessidades dispostas de forma hierarquizada. Esta teoria diz-nos que “as necessidades não satisfeitas são os motivadores principais do comportamento humano”. (Pina e Cunha *et al* 2007, p.157)

As necessidades que o ser humano comporta, de acordo com Maslow, são as necessidades fisiológicas, que correspondem à fome, sede, sexo e sono, ou seja, as necessidades mais básicas da vida humana. As necessidades de segurança nas quais estão contempladas as ameaças físicas e emocionais. As necessidades sociais ou de amor que têm que ver com as relações interpessoais do ser humano, como o amor e a amizade. As necessidades de estima nas quais está contemplado o desejo do ser humano ser auto-respeitado, estimado, autónomo e reconhecido. Por último, as necessidades de auto-realização que se prendem com “a possibilidade de os indivíduos serem aquilo que podem

ser” (Pina e Cunha *et al* 2007, pp.156-157), isto é, o ser humano tenta ser aquilo que pode ser, tenta crescer e realizar-se a nível pessoal.

A teoria da Hierarquia da Necessidades pode ser ilustrada numa pirâmide e, de acordo com o próprio autor, o ser humano só se sente motivado para alcançar uma necessidade se já atingiu a necessidade do nível inferior.



Figura 4 - Pirâmide das Necessidades de Maslow

Fonte: Elaborada por mim própria

Outra das teorias gerais da motivação é a teoria ERG elaborada por Clayton Alderfer. Esta teoria é muito semelhante à teoria de Maslow uma vez que também se define através de necessidades.

Alderfer utiliza o acrónimo ERG para referir-se às palavras *Existence*, *Relatedness* e *Growth*. São contempladas três necessidades: “as necessidades de existência que correspondem às necessidades fisiológicas e de segurança material; as necessidades de relacionamento que correspondem às necessidades sociais e de estima; e as necessidades

de crescimento que equivalem às necessidades de autorrealização.” (Pina e Cunha *et al* 2007, pp.156-158).

No entanto, e ao contrário da teoria de Maslow, Alderfer considera que uma pessoa pode estar motivada por necessidades de vários níveis, não sendo, por isso, necessário satisfazer uma necessidade que ocupa um nível inferior para ter motivação para satisfazer a seguinte necessidade.

Por último, uma outra teoria geral de motivação é a Teoria dos Motivos desenvolvida por Murray e proposta por David McClelland. Esta teoria, também ela sobre as necessidades, utiliza uma técnica psicanalítica chamado TAT (Thematic Apperception Test) que visa medir três tipos de necessidades das pessoas: realização, afiliação e de poder.

A necessidade de realização corresponde a três características essenciais. Esta necessidade equivale a “um desejo forte de assumir responsabilidades pessoais no desempenho de uma tarefa ou na solução de um problema; a tendência para fixar objectivos moderadamente difíceis de alcançar e riscos calculados, com moderada probabilidade de sucesso; um desejo forte de obter *feedback* regular no desempenho” (Neves, 1998, p.21).

McClelland (s.d. *apud* Neves, 1991) concluiu, ainda, que para as pessoas com este tipo de necessidade o dinheiro não corresponde ao principal factor de motivação mas sim o *feedback* e o reconhecimento.

No que diz respeito à necessidade de afiliação esta representa pessoas que tendem a ter relações amistosas. Estas agem de forma amigável e cooperam sempre com os seus subordinados (Pina e Cunha *et al* 2007, p.156-158) São pessoas que necessitam fortemente da aprovação de terceiros e estão muito interessadas pelos sentimentos dos outros. (Neves, 1998). Este tipo de pessoas apresenta algumas dificuldades em avaliar de forma imparcial aqueles que lhe reportam e importam-se mais com a melhoria das relações grupais do que levar o grupo ao alcance de determinados objectivos. (Pina e Cunha *et al* 2007, p.156).

No que concerne à necessidade de poder os indivíduos com esta necessidade tentam controlar e influenciar os outros, gostam de assumir posições de liderança, são pessoas preocupadas com o prestígio e o reconhecimento e gostam de correr riscos elevados. (Pina e Cunha *et al* 2007, p.156).

A motivação que se trata de um comportamento inerente a qualquer ser humano pode ser entendido através de várias teorias como as supra referidas.

Assim, é fácil concluir que, de facto, o ser humano é detentor de necessidades às mais diferentes escalas, as quais necessita de as satisfazer e é profundamente motivado para isso.

3.1. Sociedade global como motivadora da mobilidade dos jovens

Com a Globalização a instalar-se nas mais variadas áreas, é natural que também se reflecta nas questões migratórias. De acordo com Cohen (2005, p.25) “a migração, especialmente a migração internacional, é ao mesmo tempo causa e consequência da Globalização.”

A Globalização traz consigo uma série de alterações nas práticas quotidianas do ser humano. Uma delas é, como vimos acima referido, a profunda mudança dos conceitos de espaço e tempo (Cohen, 2005). Estas mudanças, que permitem que as pessoas se sintam perto quando estão longe é profundamente motivadora para a mobilidade das pessoas. Cohen (2005) considera que estas mudanças fizeram com que o tempo e a distância perdessem “importância como forças de modelação da acção humana”. Isto significa que as pessoas deixaram de ter tanto em consideração as questões de espaço e de tempo na tomada de decisão de saírem dos seus países de origem. Sem constrangimentos espaciais e temporais tornou-se mais fácil promover a mobilidade das pessoas.

De acordo com o mesmo autor (2005) estas mudanças permitem-nos controlar e manipular mais facilmente tanto o espaço como o tempo. O teórico sugere ainda que outra mudança que ocorre devido a alteração do conceito de espaço e de tempo é que “os nossos horizontes sociais são infinitamente alargados” (Cohen, 2005, p.26), isto é, somos mais independentes dos outros e das relações que temos uns com os outros.

Esta independência trazida pela Globalização facilita a mobilidade das pessoas. Desprendidas de relações sociais e sem as restrições temporais e espaciais, as pessoas vêm nestas mudanças um factor de motivação para saírem dos seus países de origem.

Estes constrangimentos espaciais e temporais permitem, naturalmente, uma maior interligação e interdependência entre localidades, países e empresas (Cohen, 2005). Para o autor “as interligações e interdependências em rápida expansão ligam as localidades, os

países, as empresas, os movimentos sociais, os grupos profissionais e outros grupos, e também os cidadãos individuais, numa rede cada vez mais densa de trocas e filiações transnacionais”. (Cohen, 2005, p.29) Esta visão da sociedade trata-se da “sociedade em rede”, expressão que anteviu Manuel Castells.

As pessoas movimentam-se mais que nunca por motivos globais e por isso as migrações têm aumentado nos últimos trinta anos como sugere Cohen (2005). O autor destaca oito tipos de migrações que têm vindo a aumentar, entre elas, as migrações de pessoas qualificadas e especializadas como médicos, gestores, informáticos, entre outros.

De facto, a Globalização não veio apenas permitir a troca de objectos, esta “refere-se a objectos, ideias, capitais e pessoas em movimento graças às novas tecnologias, aos meios de comunicação em massa globais e às ideologias neoliberais sobre a sociedade e a economia global” (King & Ribas-Mateo, 2005, p.191)

De facto, a Globalização veio permitir uma maior abertura de fronteiras e veio, por isso, facilitar a circulação de pessoas, objectos e capitais. Aliás, o modelo europeu neste momento instalado, com acordos de Shengen e outros do mesmo tipo, salvaguardam que a mobilidade se possa fazer com mais facilidade. Este tipo de modelos, promotores da mobilidade, foi-se ajustando às necessidades da sociedade. Uma vez que tudo passou a ser à escala global, foi natural que se fizessem esforços no sentido de satisfazer as necessidades do mundo actual.

Os autores King & Ribas-Mateo (2005) que também consideram as migrações uma causa e consequência da Globalização, sugerem, também, que as próprias migrações estão a passar por um fenómeno de Globalização, no sentido em que existe uma “tendência para um número cada vez maior de países serem afectados por movimentos migratórios ao mesmo tempo” (Castles & Miller, 1998, p.8 *apud* King & Ribas-Mateo, 2005, p.193)

Papastergiadis (2000) também considera que a Globalização altera o padrão dos fluxos migratórios. Para este autor “a Globalização suscitará fluxos turbulentos de pessoas com padrões de circulação que contrariam e atravessam as necessidades económicas e as medidas políticas”. (Papastergiadis, 2000, p.86 *apud* King & Ribas-Mateo, 2005, p.193)

A Globalização conduz, de facto, a uma alteração dos fluxos migratórios, e podemos entendê-la como um factor de motivação para os jovens que partem. A compressão do espaço e também do tempo permite que estes jovens se movimentem mais facilmente entre os países e, também, que possam estar mais perto e de forma mais rápida daqueles que

deixaram no seu país de origem. Bonifazi (200 *apud* King & Ribas-Mateo 2005) considera que a Globalização económica levou “a uma redução de facto das distâncias e ao aumento das ligações entre diferentes áreas geográficas”.

Castles (2005) também entende que a Globalização veio promover a mobilidade. Para o autor a Globalização oferece “os meios tecnológicos para que os transportes sejam baratos e as comunicações facilitadas”.(2005, p.8) Por esse motivo, o autor considera que as migrações são muito difíceis de controlar.

O autor, que afirma que “as migrações são processos consubstanciais da Globalização” (Castles, 2005, p.7) considera, também, que esta altera profundamente as características do Estado-Nação, sugerindo que, e citando Castells (1996), a organização espacial altera-se e o mundo transforma-se num “espaço de fluxos” substituindo o mundo que conhecíamos como um “espaço de locais”.

Para Castles (2005), o contexto global estabelece várias alterações no fenómeno migratório. Por um lado as migrações tendem a aumentar de volume e as pessoas que migram passam a ser detentoras das mais variadas características culturais e sociais. Outra alteração que o autor apresenta é o facto dos meios de transporte e de telecomunicação permitirem o aumento das migrações. Em terceiro lugar, Castles sugere que o número de migrantes que estabelece a sua vida entre duas ou mais sociedades aumentará. E por último, mas não menos importante, o autor afirma que as tendências migratórias “estão ligadas ao crescente poder das redes informais enquanto modo de comunicação e de organização que transcende as fronteiras nacionais” (2005, p.50)

Posto isto, é possível dizer-se que no contexto da Globalização as pessoas movem-se com mais facilidade. Faist (s.d *apud* Castles 2005) considera que estamos perante um “espaço social transnacional” no qual o movimento das pessoas torna-se cada vez mais facilitado.

Em suma, a Globalização vem redefinir o conceito do espaço e do tempo, e debilitar, cada vez mais, a noção de fronteiras. Castles (2005) que considera que a Globalização desgasta o controlo territorial sugere a seguinte definição para as migrações no contexto da Globalização:

“O aumento da mobilidade; o crescimento das migrações temporárias, cíclicas e recorrentes; as viagens baratas e simples; a constante comunicação proporcionada pelas novas tecnologias da informação – todos estes factores põe em causa a ideia de

que uma pessoa pertence apenas a um Estado-nação ou que apenas migra de um Estado para outro (temporária ou definitivamente).” (Castles, 2005, p. 58)

3.2. Emigração dos jovens profissionais no contexto da crise

A palavra crise faz, cada vez mais, parte do vocabulário diário de todos os portugueses que têm de lidar e gerir as suas vidas de acordo com os cortes e medidas de austeridade que são feitos no sentido de recuperarmos da profunda crise financeira na qual vivemos.

A crise atinge as mais diversas áreas. Os preços sobem, os salários estagnam ou baixam, levando a que o poder de compra das pessoas diminua. Consequentemente o comércio fecha. Este ciclo afecta a vida de milhares de portugueses que tinham os seus empregos.

Naturalmente, em tempos de crise, outra alteração profunda que se verifica é a taxa de desemprego. Com a maioria das empresas a fecharem e a outra parte a despedirem colaboradores, é natural que a taxa de desemprego aumente significativamente.

Uma vez que o aumento da taxa de desemprego se trata de uma consequência da crise é importante perceber, de forma sucinta, como é que a mesma se instalou no mundo. Num mundo global uma crise também tem de ser global. Neste sentido a crise que teve início nos Estados Unidos da América ganhou um efeito dominó e estendeu-se ao resto do mundo com particular incisão na zona euro e noutros países desenvolvidos.

É possível destacar que a crise, que teve início nos Estados Unidos da América, relacionou-se com o mercado imobiliário. Foi a crise do *subprime*, sendo que *subprime* é um crédito de habitação que os bancos oferecem a determinadas pessoas com baixos rendimentos a juros baixos. (Sousa, 2007) Uma vez que estas famílias têm rendimentos baixos a única garantia, caso não paguem os créditos que pediram, são os imóveis que adquiriram com estes empréstimos. A crise do *subprime* tem início uma vez que os créditos concedidos a pessoas com baixos rendimentos não conseguiam ser pagos pelas mesmas, uma vez que os juros que tinham sido acordados no momento do empréstimo começaram a aumentar em escala, não possibilitando que essas mesmas pessoas a quem tinha sido concedido crédito saldassem as suas dívidas. (Sousa, 2007)

Como já foi referido, num mundo global é natural que a crise também se torne global e o contágio para a Zona Euro rapidamente se deflagrou. A interligação dos mercados permitiu que alguns bancos e fundos europeus estivessem envolvidos no negócio do *subprime*, e por isso quando esta crise deflagra nos Estados Unidos da América, naturalmente se estende a outras partes do mundo. (Sousa, 2007)

A par da crise do *subprime* nos Estado Unidos da América que se alastrou ao mundo, a Zona Euro foi também afectada pela crise da dívida soberana. Esta crise deve-se ao facto dos países constituírem dívidas públicas altíssimas as quais não conseguem pagar.

Como tal, Portugal pediu ajuda ao Fundo Monetário Internacional para que consiga saldar a sua dívida.

Envolto nesta crise, e com fortíssimas medidas de austeridade, Portugal viu-se confrontado com um aumento brutal da taxa de desemprego.

De acordo com a Agência Lusa, o Instituto Nacional de Estatística indicou que no 4º trimestre do ano de 2012 a taxa de desemprego se situava nos 15,8% o que é revelador da falta de perspectivas de emprego para os portugueses. Neste valor, e também de acordo com o INE, estão contemplados cerca de 137,5 mil pessoas detentoras de curso superior. Os dados não apontam apenas para o desemprego no geral, é possível saber-se, através do Instituto Nacional de Estatística que a taxa de desemprego jovem estava, no último trimestre de 2012, nos 39%, afectando cerca de 175 mil jovens entre os 15 e os 24 anos.

Perante estes dados desanimadores, é natural que os jovens pensem mais em emigrar com o intuito de encontrarem mais e melhores oportunidades fora de Portugal.

A saída de jovens qualificados de Portugal tem sido uma tendência que tem aumentado ao longo dos anos como comprovam os dados estatísticos.

Esta nova vaga de emigração já é igual à vaga de emigração nos anos 60. Igual, apenas no que diz respeito aos números, uma vez que em muito diferem estes fluxos migratórios. Fátima Mariano jornalista do Jornal de Notícias (2010) apresenta a seguinte caracterização dos novos emigrantes portugueses:

“Substituíram a mala de cartão por uma mala com rodinhas; já não passam a fronteira a pé, mas sim de avião; em vez de escreverem longas cartas a falar da nova vida e das saudades da família ou de fazerem curtos telefonemas de tempos a tempos, comunicam através das redes sociais, dos programas de conversação instantânea ou por telemóvel. Eis os novos emigrantes portugueses.”

João Peixoto, docente do Instituto Superior de Economia e Gestão, que tem estudado o fenómeno da fuga de cérebros, considera que esta emigração se deve, sobretudo, à falta de perspectivas de trabalho e às más condições financeiras daqueles que ainda oferecem emprego. O teórico considera que este fenómeno é uma outra face da crise mas que, pode ter alguns benefícios para o país, uma vez que os jovens que voltam, voltam com boas bases adquiridas através das suas experiências profissionais.

Dados do IEFP mostram que, em 2011 cerca de 22,7 mil jovens qualificados anularam as suas inscrições nos centros de emprego com o objectivo de emigrar. Joana Azevedo investigadora do CIES/ISCTE disse ao Jornal i em 2012 que os dados do IEFP mostram uma tendência para o aumento da emigração qualificada. A investigadora sugere ainda, que as “áreas de formação dos jovens que abandonam o país parecem confirmar uma relação com o impacto que a crise económica nacional teve nalguns sectores de actividade”. A teórica dá como exemplo a forte saída de profissionais na área da construção civil e da engenharia civil bem como de arquitectura ou urbanismo, uma vez que são sectores estagnados em Portugal. Acrescenta, ainda, que as saídas em áreas de gestão e administração têm, também, aumentado, fruto das empresas rumarem para mercados emergentes como Angola e Brasil.

Os números do governo apontam para a saída de 150 mil jovens qualificados no ano de 2011, motivados, naturalmente, pela elevada taxa de desemprego, e pela falta de perspectivas de carreira e até pessoais.

No passado dia 25 de Janeiro de 2013, José Cesário, em declarações à TSF considerou que os dados do INE, que apontam para a saída de cerca de 44 mil portugueses no ano de 2011, não era fiáveis e que saíram nos anos 2011 e 2012 cerca de 100 mil a 120 mil jovens por ano.

Esta realidade migratória tem-se revelado através de valores históricos e que corroboram a procura, por parte dos jovens, de oportunidades fora de Portugal.

Uma notícia publicada no Jornal de Notícias no passado dia 17 de Janeiro dá conta de que a emigração aumentou em 85% no ano 2011 em relação a 2010, sendo que a faixa etária que mais saiu do país foi entre os 25 e os 29 anos.

De facto, a crise veio ser uma forte motivação para que os jovens saíssem de Portugal para diferentes países. Como se verificou nas teorias gerais da motivação acima descritas, existem certas necessidades que o ser humano tem de satisfazer para se sentir bem. Uma vez que Portugal não oferece condições para que estas necessidades sejam satisfeitas, torna-se natural que o número de jovens qualificados a saírem do país aumente substancialmente.

3.3. Erasmus e Sócrates: os pais da mobilidade

Os programas Erasmus e Sócrates têm permitido a muitos estudantes do mundo uma enorme mobilidade. Estes programas permitem que os estudantes estudem fora dos seus países de origem durante determinado período de tempo.

No que diz respeito ao programa Erasmus, este foi criado pela União europeia com vista, como está acima referido, a que os estudantes possam estudar fora do seu país natal. Com efeito, este programa tem contribuído para uma elevada visibilidade da Zona Euro, uma vez que promove uma enorme mobilidade entre os países que a compõem, como tem potenciado, ou pelo menos é seu objectivo, que os alunos que usufruem do programa Erasmus se tornem cidadãos mais pró-europeus. (Wilson, 2011).

Esse programa, criado em 1987, tem como principal objectivo possibilitar que os estudantes universitários possam estudar noutras faculdades, fora do seu país de origem, por um período até 12 meses. É também objectivo do programa Erasmus “alcançar um aumento significativo de número de alunos (...) a passarem um período de estudos integrado noutro Estado Membro” (Cônsul das Comunidades Europeias, 1987 *apud* Parey and Waldinger, 2011:197).

De acordo com Wilson (2011) o programa Erasmus, para além de tornar os seus participantes em pessoas mais pró-europeias pode, também, contribuir para a aprendizagem de outras línguas que não a sua língua mãe, tornando estas pessoas mais móveis bem como trabalhadores mais competitivos.

Segundo o mesmo autor a integração europeia, promovida de forma tentada pelo programa Erasmus, é um exemplo das relações internacionais mais próximas que se têm vindo a estabelecer fruto do processo de Globalização.

De facto, o programa Erasmus tem vindo a ser promotor da mobilidade dos jovens enquanto estes estudam, destacando-se este como um dos objectivos principais do programa. Papatsiba (2005 *apud* Wilson 2011) considerou que o programa Erasmus tem os seguintes objectivos:

“ajudar os *alumni* a transitar as fronteiras intra-europeias durante as suas futuras carreiras (lubrificando o mercado laboral Europeu comum), permitir a transferência de competências, técnicas e tecnologias na Europa (dinamizando a economia), e ajudar os estudantes a adquirir as características pessoais, como a independência e a sensibilidade intercultural, bem como melhorar as suas competências linguísticas”

No que concerne ao programa Sócrates, este verifica-se nos mesmos moldes que o programa Erasmus. No entanto, este programa não visa apenas um intercâmbio de alunos universitários entre países na União Europeia, como é o caso do programa Erasmus. Através do programa Sócrates os alunos podem ir para outros países fora da zona Euro como o Brasil ou a Argentina.

Apesar de não existirem muitos estudos que comprovem que a mobilidade enquanto estudantes (Erasmus e Sócrates) promove a mobilidade dos jovens licenciados, existe um estudo que investiga a ligação entre estudar fora da Alemanha e a probabilidade que estes mesmos jovens têm em ir trabalhar fora.

Tendo como título “Studying abroad and the effect on international labour market mobility: evidence from the introduction of Erasmus”, o artigo tem como principal objectivo medir o aumento das probabilidades que os jovens têm em trabalhar fora uma vez que também estudaram fora através do programa Erasmus.

Os autores começam por constatar que a mobilidade no mercado laboral internacional tem vindo a aumentar. De acordo com Lowell (2007 *apud* Parey e Waldinger 2011) verificou-se um aumento de 4% para 7% da emigração dos jovens qualificados entre os anos 1980 e 2000.

Os autores consideram que nos últimos anos a mobilidade dos estudantes pode ser determinante na mobilidade laboral dos jovens profissionais, uma vez que se pode tratar de um “trampolim” (Guellec and Cervantes, 2001 *apud* Parey and Waldinger, 2011) para que esses mesmos jovens mais tarde emigrem.

Apesar dos autores considerarem que existe uma relação directa entre fazer Erasmus e ir trabalhar para fora do seu país de origem, esta suposição não é baseada em evidências

empíricas. Desta forma, os autores propõem no artigo acima citado perceber quais são, de facto, os efeitos que estudar fora (fazer Erasmus) traz na tomada de decisão de, mais tarde, ir trabalhar para fora.

Para a realização do estudo em questão, Parey e Waldinger usam dados recolhidos na Higher Education Information Systems Institute. Os dados utilizados são exclusivamente de alunos que estudaram na Alemanha e que são divididos em 5 grupos.

Os 5 grupos são compostos por alunos que se formaram nos anos 1989, 1993, 1997, 2001 e 2005. Estes alunos serão inquiridos duas vezes: uma após um ano da sua graduação e outra após cinco anos de terem concretizado o curso.

Os autores dividem a investigação em dois estádios. Numa primeira fase, querem perceber se o programa Erasmus influencia a mobilidade dos jovens. Uma vez que os estudantes universitários têm possibilidade de estudar noutros países sem ser através do programa Erasmus, os autores querem perceber se, de facto, este programa influencia os alunos a irem estudar para fora ou não.

Numa segunda fase, que representa a questão de investigação deste artigo, Parey e Waldinger (2011) pretendem perceber se estudar fora, através do programa Erasmus, influencia a mobilidade profissional dos jovens.

No que concerne à primeira pergunta da investigação, os autores consideram que o programa Erasmus tem influência na tomada de decisão de ir estudar para fora. De acordo com os mesmos teóricos, e através de cálculos realizados, cerca de metade dos alunos que estudaram fora do seu país de origem (Alemanha) fizeram-no através do programa Erasmus.

No que diz respeito à segunda questão, que corresponde à principal questão de investigação deste artigo, os autores vão dar resposta à mesma através de métodos econométricos que contemplam outras variáveis para além das variáveis “estudar fora” e “trabalhar fora”. Com efeito, para conseguirem identificar com precisão qual o verdadeiro resultado de “estudar fora” em “trabalhar fora” os autores incluíram como variáveis explicativas da segunda decisão, para além da primeira variável, outras como o género, a idade, a experiência profissional e o *background* individual e familiar, também elas susceptíveis de influenciar a probabilidade dum jovem escolher trabalhar fora. Isto é, os autores apenas conseguem perceber se estudar fora influencia a mobilidade profissional futura considerando, também, as variáveis que acima descrevemos. Isto deve-se ao facto, e

segundo Parey e Waldinger, de não ser possível analisar a causa e efeito de “estudar fora” / “trabalhar fora” sem antes se contemplarem outras variáveis que correspondem à personalidade e às características dos indivíduos que estão a ser estudados.

Posto isto, os autores desenvolvem uma série de equações, considerando todas as variáveis acima descritas, que lhes permite medir, em percentagem, de que forma é que estudar fora influencia a decisão de ir trabalhar para fora.

Os autores concluem que estudar fora através do programa Erasmus aumenta em 14,88% (15%) as probabilidades de ir, mais tarde, trabalhar para o estrangeiro.

Parey e Waldinger conseguem, também, perceber quais são as principais motivações que levam estes ex-estudantes Erasmus a trabalharem num país estrangeiro. De acordo com os mesmos, 67,21% dos estudantes que estudaram fora através do programa Erasmus vão trabalhar para fora motivados por uma cultura estrangeira. 39,34% receberam uma boa oferta de emprego do estrangeiro; 22,13% consideram ter melhores perspectivas de carreira na Alemanha depois de voltarem de outro país; 16,39% pretendem obter qualificações num país estrangeiro; 15,57% vão trabalhar para fora pois têm um projecto de investigação fora da Alemanha; 18,85% vão trabalhar para o estrangeiro motivados pelo seu companheiro/a; e 12,30% consideram ter melhores perspectivas de carreira noutro país que não a Alemanha.

Os autores, que concluíram que quem realizava o programa Erasmus aumentava em 15% a probabilidade de ir trabalhar para fora, consideram que “o programa Erasmus é bem sucedido no sentido em que o regime de mobilidade dos estudantes parece contribuir para o desenvolvimento de um mercado laboral europeu integrado” (Parey e Waldinger, 2011, p.220).

IV. DESENHO METODOLÓGICO

1. Relação com a investigação

Para estudar a mobilidade dos jovens profissionais no contexto da Globalização utilizámos o método qualitativo. A escolha deste método deve-se ao facto de ser nossa intenção compreender este fenómeno social, ou seja, gostaríamos de perceber de que forma é que os jovens que mudam de país se comportam e quais as suas principais motivações para o fazer. Uma vez que não era nosso objectivo quantificar este fenómeno social, utilizámos o método qualitativo que visa “compreender e levar em conta o sentido que os actores dão às suas condutas” (Policarpo, 2011).

Uma vez que as nossas unidades de observação constituem um número muito grande, optámos por estudar apenas uma amostra da população.

Assim, realizámos uma entrevista a cada elemento da nossa amostra pois consideramos que será a forma de recolha de dados que melhor expressará o que pretendemos compreender. A realização do método de entrevista permite “ao entrevistador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados.” (Quivy e Campenhoudt, 2005, p.92)

2. População e Amostragem

2.1. População Teórica

Para estudar a mobilidade dos jovens profissionais no contexto da Globalização escolhemos jovens que estejam a viver fora de Portugal e que tenham idades compreendidas entre os 23 e os 30 anos inclusive, constituindo esta a nossa população teórica, ou seja, as unidades susceptíveis de serem observadas.

A escolha destas idades deve-se, sobretudo, ao facto de ser nossa intenção verificar um novo fenómeno que cada vez mais é observado em jovens profissionais. A emigração sempre teve lugar na história mas é nosso objectivo estudar apenas a mobilidade de jovens pessoas, isto é, a emigração de jovens qualificados. Por esse motivo faz sentido que as idades se estabeleçam entre os 23 e os 30 anos, uma vez que são estas idades que compõem a população jovem.

2.2. Amostragem

Uma vez que o nosso universo é constituído por um número bastante abrangente optámos por utilizar uma amostra desse mesmo universo.

Como referimos acima o nosso universo é constituído por jovens qualificados que morem fora de Portugal e cuja faixa etária seja entre os 23 e 30 anos. Assim, optámos por usar uma amostra quantitativa e não probabilística, tratando-se de uma amostra por conveniência.

Uma vez que tenho muitos amigos e amigos de amigos a viver no estrangeiro decidimos realizar a entrevista directamente a esses mesmos jovens por ser mais fácil conseguir entrar em contacto com os mesmos, tratando-se, assim, de uma amostra por conveniência.

3. Recolha de Dados

3.1. Entrevista

Devido à distância geográfica as entrevistas não puderam realizar-se presencialmente e uma vez que a diferença horária também era um entrave a entrevista foi enviada através de correio electrónico.

Foram realizadas dezasseis entrevistas a jovens de diferentes áreas de formação e que se encontram em diferentes pontos do globo.

As entrevistas começam com 5 campos de preenchimento obrigatório e nos quais se pretende saber as qualificações dos entrevistados, de que área de estudos provém e em que empresa e país trabalham.

Após estes campos são realizadas 10 perguntas de resposta aberta nas quais pretendemos ir ao encontro das principais questões de investigação da dissertação. Posto isto, as primeiras duas perguntas prendem-se com questões motivacionais: perceber o que os levou a mudar de país e quais são as perspectivas nesse mesmo país.

As duas questões seguintes, correspondentes às questões 3 e 4, pretendem verificar como foi o período de ambientação dos jovens, ou seja, como foi o processo de aculturação e quais as características da nova cultura que mais se assemelham e divergem da cultura portufuesa.

As questões 5, 6, 7, e 8 têm que ver com a forma como os jovens comunicam com os seus familiares e amigos e quantas vezes por anos se deslocam a Portugal, ou seja, são questões relacionadas com as tecnologias de informação e comunicação bem como com os meios de transporte.

As últimas duas questões predem-se com a possibilidade destes jovens voltarem para Portugal e de que forma gerem e vivem o seu dia-dia no país estrangeiro.

Em suma pretendemos elaborar uma entrevista que nos permita obter respostas que fossem ao encontro daquelas que queremos ver respondidas na dissertação.

4. Análise de Dados

Após a realização das entrevistas às nossas unidades de observação foi necessário proceder à análise dos resultados.

Dentro dos vários métodos de análise de informações decidimos utilizar o método de análise de conteúdo uma vez que utilizámos o método qualitativo e a nossa recolha de dados foi feita através de entrevista. Iremos, então, proceder ao tratamento das entrevistas e avaliá-lo em função dos resultados.

V. ANÁLISE E INTREPERTAÇÃO DE DADOS

1. Histórias de Mobilidade

Muitos são os jovens que partem para outros países em busca de novas oportunidades. Estes jovens, que compõem um novo padrão migratório, são, na sua maioria, jovens qualificados que quiseram abraçar uma oportunidade de emprego no estrangeiro.

Os testemunhos que se seguem são exemplos dessa mobilidade: jovens que partiram para outro país e que estabelecem as suas vidas e rotinas fora de Portugal.

José A. tem 24 anos e é licenciado em gestão. Terminou a sua licenciatura na Universidade Católica Portuguesa e partiu para Sydney, Austrália onde se encontra a trabalhar há 2 anos. José ocupa, actualmente, o cargo de consultor na Rocket Internet, uma empresa de serviços online.

Para José a decisão de ir trabalhar para fora deveu-se, sobretudo, à oportunidade que lhe surgiu. O jovem consultor considerava que em Portugal jamais conseguiria trabalhar num projecto idêntico. Como o próprio afirma “o sítio para mim não era o mais importante mas sim a possibilidade de trabalhar em projectos que jamais teria a oportunidade de trabalhar se tivesse ficado em Portugal”. A vontade de abraçar um projecto diferente aliada a uma oportunidade única de conhecer outras pessoas e viajar, fizeram-no partir para o outro lado do mundo.

Para o consultor, as oportunidades de emprego na Austrália são substancialmente diferentes daquelas que existem em Portugal. “Na Austrália ainda há imenso emprego, principalmente se for em áreas muito específicas. O mercado de trabalho é bastante dinâmico e arranja-se trabalho com facilidade.” afirma o jovem emigrante.

No que diz respeito ao seu processo de ambientação em Sydney, José afirma que foi muito fácil uma vez que partiram com ele muitos portugueses. Para José, a cultura empresarial onde está inserido é potenciadora de uma fácil integração, já que as 50 pessoas que trabalham na sua empresa pertencem a mais de 20 nacionalidades diferentes. Apesar da sua fácil ambientação, José considera que a cultura australiana é bastante diferente, “as pessoas têm uma maneira de estar completamente diferente da nossa (portuguesa), aqui todos são bastante relaxados e despreocupados (penso que muito devido à situação económica bastante favorável) e têm um óptimo estilo de vida, trabalham pouco e aproveitam a vida ao máximo.” afirma o português.

O facto de estar longe faz com que José recorra a plataformas digitais para comunicar com os seus familiares e amigos. Diz ser utilizador do Skype, Facebook, Viber e WhatsApp para conversar com os mesmos e fá-lo praticamente todos os dias. Apesar disso, José não consegue visitar muitas vezes Portugal uma vez que, e apesar das viagens serem acessíveis de acordo com o mesmo, a distância é enorme. Para vir a Portugal, José demora cerca de 30 horas, o que se torna bastante desgastante.

Para já, José tem uma vida perfeitamente estabilizada em Sydney. Acorda cedo para ir surfar e depois vai trabalhar para o escritório, do qual sai por volta das 19h. No entanto, José pensa voltar para Portugal mas não por um período muito longo. Quer voltar para estudar e concluir os seus estudos através da realização de um mestrado. Depois disso, José pretende trabalhar mais uns tempos no estrangeiro.

Mariana N. decidiu deixar a capital de Portugal para trabalhar na cidade que nunca dorme: Nova Iorque. A jovem de 24 anos licenciou-se em hotelaria e está agora a trabalhar no St. Regis New York Hotel como Guest Relations.

Mariana decidiu mudar-se para os Estados Unidos tendo em conta que as oportunidades de emprego eram muito mais alargadas e o salário mais elevado. Apesar disso, a jovem tinha também uma grande vontade de ter uma experiência profissional internacional, o que a levou a procurar emprego no estrangeiro. De acordo com a mesma, existem muito mais oportunidades em Nova Iorque e as possibilidades de crescer profissionalmente são, também elas, mais elevadas. Desta forma, Mariana está contente por ter tomado esta decisão.

A jovem considera que o período de ambientação não foi fácil, uma vez que as saudades da família e dos amigos são muitas, no entanto afirma que “quando temos os nossos objectivos bem definidos tudo se torna mais fácil.” A jovem Mariana assegura que em Nova Iorque a cultura é completamente diferente. Para ela “as pessoas são mais independentes, as relações interpessoais são mais superficiais” e os hábitos alimentares não são nada saudáveis ou quando há comida saudável esta é muito cara.

Assim como José, Mariana utiliza as redes sociais para falar com os seus amigos e familiares e pensa voltar para Portugal por causa dos mesmos. Para já, e de acordo com a mesma, Mariana não conseguirá vir a Portugal no próximo ano por questões profissionais e pelo elevado valor dos voos entre os Estados Unidos e Portugal.

Assim, Mariana faz a sua vida por Nova York e a sua rotina não passa de trabalho-casa- trabalho. Apesar disso, nas suas folgas tenta juntar-se com os amigos e fazer alguns passeios culturais.

Mariana P. tem 30 anos e um Mestrado em Engenharia do Ambiente. Quando terminou a licenciatura em Portugal tinha muita vontade de sair do país e ter uma nova experiência internacional. Assim, encontrou uma universidade no Reino Unido que oferecia bolsas de estudo a estudantes que aceitassem colaborar com empresas. Mariana percebeu também “que o grau de empregabilidade dos estudantes que saíam daquela universidade era altíssimo por isso decidi arriscar e, em Setembro de 2007, mudei-me de armas e bagagens para uma terriola perdida no “country side” inglês. E, como se diz por cá, foi uma *life changing experience!*”

Assim que terminou o mestrado, há cinco anos atrás, começou a enviar alguns currículos e encontrou logo emprego. Actualmente trabalha em Kent no Reino Unido e é Engenheira de Processo na Southern Water. Mariana considera que as oportunidades de emprego no Reino Unido são bastante boas e nunca andou “desesperada à procura de emprego”. No entanto, alerta que passados cinco anos as coisas estão diferentes e as pessoas demoram mais tempo a encontrar o primeiro emprego.

Mariana descreve o seu período de ambientação com a palavra “ótimo”. Para a engenheira que começou por viver no Reino Unido num contexto universitário foi muito fácil ambientar-se. Vivia com pessoas de diferentes nacionalidades: russa, francesa, chinesa, indiana e iraniana, tornando-se numa experiência fantástica nas palavras da mesma. Já a adaptação ao mundo do trabalho foi mais difícil, e sentiu-se muitas vezes sozinha.

Mariana afirma, ainda, que a cultura inglesa em nada é parecida com a portuguesa. Para a jovem, os ingleses “têm uma série de valores completamente diferentes dos nossos: são frios e fechados, têm a mania das regras e dos procedimentos e ficam fascinados com alguém que fale mais do que uma língua! Uma coisa que adoro é a forma informal como as pessoas se tratam – o YOU serve para tudo! Da senhora da limpeza ao senhor engenheiro... somos todos YOU e aqui, para quem quer que seja, sou a Mariana e nunca a Sra. engenheira!”

Para comunicar com os seus familiares e amigos Mariana utiliza as redes sociais, Skype, e-mail e telefone e fala com eles todas as semanas. No que diz respeito às visitas a Portugal, Mariana costuma vir cinco vezes. A jovem considera que os voos são baratos mas que os preços têm subido bastante nos últimos anos, não sendo, por isso, tão fácil passar um fim-de-semana em casa como antigamente.

O regresso a Portugal é algo que está na mente de Mariana mas não para já. A jovem considera que “Portugal é casa, família, amigos, sol, mar, rissóis e pastéis de bacalhau. Gente simpática e que pensa como eu”. No entanto pensa ser impossível ter a qualidade de vida em Portugal que tem no Reino Unido por isso, para já, quer permanecer como está. Faz a sua vida normal durante a semana entre trabalho e casa e nos fins-de-semana aproveita para sair, visitar Londres e assistir a espetáculos e concertos.

Pedro O. encaixa-se num perfil de mobilidade diferente. Pedro tem 23 anos e um mestrado em gestão pela Universidade Católica Portuguesa. Actualmente trabalha como consultor na Ernst & Young e está inserido num projecto profissional que o leva a passar três semanas em Angola e uma semana em Portugal sucessivamente.

Pedro foi alocado a este projecto internacional e ficou muito feliz com a situação. Queria bastante uma experiência internacional nestes moldes, que lhe permitisse estar fora mas vir muitas vezes a Portugal. A oportunidade de trabalhar com várias pessoas de diferentes nacionalidades também motivou Pedro, que considera que vai melhorar o seu currículo substancialmente por se tratar de um projecto com grande impacto no sistema financeiro angolano. Por outro lado, a questão financeira era também aliciante. Pedro afirma que “o bónus e ajudas de custo, somado ao facto de não gastar dinheiro enquanto cá estou são outros incentivos interessantes.”

Pedro não conhece inteiramente a realidade laboral angolana uma vez que está em regime de expatriado mas considera que as perspectivas de emprego são maiores que em Portugal e o valor dos salários é muito mais elevado em Angola.

O facto de não ter existido nenhuma barreira linguística foi, naturalmente, potenciador de uma fácil ambientação, de acordo com Pedro. O consultor afirma que trabalha com muitos portugueses e por isso foi fácil instalar-se em Angola. Considera que é um povo mais aberto e que são muito apegados uns aos outros, estabelecendo relações

mais próximas do que os portugueses. No entanto, alerta para o facto de ser um país muito menos desenvolvido que Portugal e por isso existem diferenças de cariz social abismais.

Pedro fala com os seus amigos e familiares diariamente através das redes sociais e telefone. O jovem consultor é também um privilegiado no que diz respeito às viagens a Portugal. Uma viagem de Luanda para Lisboa é muito cara, no entanto, as viagens são pagas pela empresa e ocorrem de três em três semanas.

Pedro não quer sair de Portugal permanentemente. Gosta de estar inserido num projecto neste registo, no qual pode vir a Portugal muitas vezes por ano.

Durante a semana a sua vida é muito idêntica à que faz em Portugal contudo, pode aproveitar muito mais as idas à praia durante o fim-de-semana uma vez que o clima em Angola é sempre quente.

Miguel T. tem 26 anos e é Arquitecto. Mudou-se para a Suíça, mais precisamente para a cidade de Matt para trabalhar num *atelier* denominado Marti AG Architekten. O que motivou Miguel para sair de Portugal foi a falta de perspectivas profissionais aliadas a uma enorme vontade de adquirir experiência em áreas específicas da sua profissão. Miguel vê com muito bons olhos as perspectivas de trabalho na Suíça considerando que naquele país o emprego é estável e há uma melhoria de condições e responsabilidades a médio prazo.

O jovem arquitecto revela que o seu período de ambientação poderia ter sido mais rápido. No entanto, e uma vez que se deparou com muitas diferenças entre os dois países, como a língua alemã que é muito distinta do português e o facto de ser um povo muito mais reservado, foi-lhe difícil uma ambientação rápida. Contudo, o facto de Miguel estar a trabalhar num meio pequeno permitiu-lhe ter mais proximidade com as pessoas que ali vivem.

Contacta com os seus familiares e amigos quatro a cinco vezes por semana e fá-lo da mesma forma que os outros entrevistados. Utiliza o Skype, e-mail ou Facebook. Miguel tem, actualmente, um projecto em Portugal, por isso desloca-se seis a dez vezes por ano, fruto, também, do facto das viagens serem muito acessíveis financeiramente.

Miguel pensa voltar para Portugal “para poder desenvolver actividade profissional por conta própria, mas apenas caso considere existirem as condições que entendo necessárias (situação económica e política do país, experiência profissional) e que não prevejo se verifiquem a curto/médio prazo.”

O seu dia-a-dia é muito comum aos dos outros entrevistados, trabalha durante o dia no *atelier* e a partir do fim da tarde trabalha em casa no projecto que está a desenvolver em Portugal. Nos fins-de-semana aproveita para conhecer a região onde vive e ainda arranja tempo para ter aulas de alemão.

Tiago M. tem 25 e é licenciado em Comunicação Social e Cultural pela Universidade Católica Portuguesa. Quando terminou a licenciatura decidiu continuar os seus estudos através da elaboração de um mestrado no estrangeiro. Assim, fez as malas e mudou-se para Bournemouth, no Reino Unido, para fazer um mestrado em Gestão com especialização em Marketing. Actualmente, Tiago é Supervisor de Eventos na empresa BHlive e divide o seu tempo entre o trabalho e algumas experiências de lazer, como divertir-se com os amigos e visitar sítios que ainda não teve oportunidade de conhecer.

Tiago sempre teve vontade de ir estudar para fora, pois pensava que estudar num país estrangeiro lhe traria mais oportunidades de trabalho no exterior. Além disso, Tiago pensava que uma experiência internacional lhe concederia a possibilidade de desenvolver-se profissional e pessoalmente. O supervisor de eventos confessa que as perspectivas de emprego em Inglaterra são muitos melhores que em Portugal. O facto de ser estrangeiro pode ser um entrave mas, afirma que “de uma forma geral só quem não quer é que não arranja trabalho.”

Tiago ambientou-se rapidamente à cultura inglesa que, para o mesmo, é bastante diferente da portuguesa. Considera as pessoas mais fechadas, os hábitos alimentares inexistentes ou pouco saudáveis e, naturalmente, a língua é também uma barreira. Diz conhecer pessoas que não conseguiram adaptar-se e tiveram de voltar para os seus países, mas como Tiago afirma, ele não é um desistente e diz que “se tenho frio, compro um casaco mais quente”.

Para contactar com os seus familiares e amigos, Tiago utiliza sobretudo o Facebook, mas usa também o telemóvel, Skype e Viber, uma aplicação para o telemóvel. Fala com quem lhe está longe quase todos os dias mas confessa que devia fazê-lo mais ainda.

Apesar das viagens serem acessíveis financeiramente, através de voos *low cost*, Tiago só consegue vir Portugal apenas duas vezes por ano, o que não corresponde ao seu desejo de vir mais. No entanto, o jovem gostaria de voltar a Portugal, o seu país de origem

e que tanto gosta, onde gostaria de contribuir em algo para a sociedade, mas confessa que apenas o fará quando o país lhe permitir alguma estabilidade.

Catarina G. tem 23 anos. Depois de terminar a licenciatura em Direito pela Universidade Católica Portuguesa decidiu ir tirar um mestrado em direito para os Estados Unidos. Actualmente, trabalha no escritório Simpson Thacher & Bartlett LLP, em Nova Iorque, onde exerce funções de advogada.

Decidiu partir para os Estados Unidos para melhorar o seu curriculum e pelo facto da área de direito onde opera, mercado de capitais, ser mais desenvolvida naquele país. Apesar de ter encontrado emprego facilmente, Catarina considera que a mobilidade na Europa é mais fácil de ser realizar uma vez que os Estados Unidos são muito restritos no que concerne aos vistos de trabalho.

A jovem advogada confessa que a sua adaptação ao mercado laboral americano foi fácil uma vez que já tinha estado dois anos a estudar naquele país antes de ingressar no mercado de laboral. Contudo, considera que as saudades da família são o factor mais difícil de contornar quando se está sozinho noutro país.

Catarina pensa que a cultura portuguesa tem vertentes únicas, especialmente a nível alimentar. Nos Estados Unidos a comida é muito pouco saudável e em nada tem que ver com a portuguesa. Afirmar, ainda, que a forma das pessoas se comportarem é relativamente idêntica, mas declara que, no que diz respeito às relações interpessoais, as pessoas são mais fechadas.

A advogada fala com os seus familiares e amigos através da maioria das plataformas digitais. Utiliza sobretudo o Skype, o telemóvel e o Facebook, e fá-lo todos os dias e por vezes várias vezes ao dia.

No que diz respeito às viagens a Portugal, Catarina tenta vir cerca de duas vezes por anos. No entanto afirma que “um voo transatlântico nunca é barato, o voo ronda sempre os 1000 euros portanto os preços não são chamativos.” Mas não resiste em voltar ao país para matar saudades da família e dos amigos.

Catarina quer voltar para Portugal em Setembro. Uma vez que é apenas advogada em Nova Iorque, pretende fazer a ordem em Portugal e um estágio profissional para que possa ter habilitações que lhe permitam exercer a profissão no seu país. Mas alerta que em relação ao futuro “nada está decidido, ficar ou ir é uma questão de oportunidade.”

Por enquanto, Catarina divide os seus dias da semana entre o trabalho e casa, e ainda consegue encontrar tempo para ir ao ginásio. Nas horas de lazer vai jantar fora ou a algumas *happy hours*. Confessa que pela dimensão da cidade é quase impossível não ter uma vida social activa pois há inúmeras coisas para fazer.

Carolina F., com 23 anos, licenciou-se em Economia pela Universidade Católica Portuguesa. Depois de terminar a licenciatura realizou um mestrado na área de Moda em Milão uma vez que este sector sempre foi a sua paixão.

Depois do mestrado encontrou uma oportunidade de emprego em Londres e é onde vive actualmente, trabalhando no departamento de Sales and Marketing na empresa Milli Millu. Carolina estava muito motivada em trabalhar fora de Portugal uma vez que na área da moda o mercado estrangeiro é mais interessante e dinâmico que em Portugal. Além disso, as oportunidades de emprego também são melhores em Londres. A jovem considera que as perspectivas de emprego são óptimas e que “se quiser mudar há muita oferta e diversificada.”

Carolina ambientou-se facilmente a Londres. Afirmar que as outras experiências internacionais que teve, como Erasmus e o mestrado em Milão, já lhe tinham oferecido boas bases para ter uma fácil capacidade de adaptação e ambientação. Apesar disso, a jovem pensa que a cultura inglesa em nada é parecida com a portuguesa. Considera os ingleses mais organizados, mais profissionais e dão muito mais valor à relação com o cliente.

A jovem comunica todos os dias, várias vezes por dia, com os seus familiares e amigos, e assim como os restantes entrevistados fá-lo através do Facebook, correio electrónico e Skype. Também a jovem é uma privilegiada no que diz respeito às visitas a Portugal. Carolina consegue visitar o seu país cerca de doze a quinze vezes por ano uma vez que considera as viagens muito acessíveis financeiramente.

A jovem emigrante quer também regressar a Portugal. Afirmar que gostaria de constituir família no sítio onde cresceu e no país que adora. Agora, é apenas uma questão de quando haverá estabilidade suficiente para voltar.

Para já, a jovem que trabalha na área da moda tem um horário que lhe permite ter uma agradável vida social. Vive com mais três portugueses e juntam-se todos os dias para jantar e nos fins-de-semana para assistir a filmes, concertos e outros eventos de carácter

cultural. Carolina afirma, ainda, que a pior parte do dia é o metro na hora de ponta. Segundo a mesma tem “de esperar pelo 5º, 6º metro porque não há espaço para mais uma pessoa. Mesmo assim nem me consigo mexer lá dentro.”

Débora M. de 27 anos tem o mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade Católica Portuguesa e está a aguardar a defesa da dissertação. Quando entregou a tese decidiu mudar-se para a Zurique, na Suíça uma vez que o seu namorado já tinha ido para aquele país em Maio de 2012. Assim, no final de Setembro do mesmo ano decidiu fazer as malas e procurar uma oportunidade de emprego na Suíça.

Débora está ainda à procura de trabalho uma vez que é difícil encontrar um emprego mais qualificado sem se saber falar a língua alemã. Por esse motivo está, actualmente, a dedicar-se única e exclusivamente à aprendizagem da língua para que lhe seja mais fácil encontrar emprego.

O período de adaptação ao novo país foi um pouco duro, nas palavras de Débora. Para além da língua ser um enorme entrave, uma vez que toda a gente fala alemão, a forma de estar das pessoas e destas se relacionarem é também totalmente diferente da maneira portuguesa. Até a forma das pessoas se cumprimentarem é diferente da portuguesa, revela a jovem.

Débora fala com os pais duas vezes por dia através do telefone e tenta falar diariamente com os seus amigos através do Facebook e Skype.

No que diz respeito às visitas a Portugal, Débora tenta vir sempre que possível mas pensa que as companhias aéreas se aproveitam um pouco em diversas ocasiões como o Natal, o Ano Novo e no mês de Agosto aumentando o preço das viagens de forma substancial, dificultando a sua vinda ao país de origem.

A jovem emigrante pensa regressar a Portugal no futuro. Considera que a sua estadia na Suíça é temporária e que pretende ficar naquele país apenas por dois ou três anos no máximo.

Para já, e uma vez que está a fazer um curso intensivo de alemão, Débora passa os seus dias nas aulas, a estudar e a fazer os trabalhos de casa. Quando chega a casa, por volta das 16h30, tenta preparar o melhor que pode a sua apresentação da dissertação de mestrado. Débora tem também um blogue onde escreve acerca das suas aventuras por

terras Suíças. Ocupa os seus tempos livres em jantares e tenta passear por zonas da Suíça que não conhece.

Diana F. tem 24 anos e é Arquitecta. Tem o mestrado em Arquitectura pela FA-UTL e mudou-se para Santiago do Chile onde trabalha como arquitecta num *atelier* denominado Cristián Olivi Arquitectos.

Diana decidiu sair de Portugal devido à falta de oportunidade de emprego no país e não podia estar mais contente com a decisão que tomou. As perspectivas de carreira são muito melhores no Chile do que em Portugal. De acordo com a mesma o salário é melhor, os horários são mais flexíveis e a progressão na carreira é mais risonha naquele país.

Diana já tinha feito um intercâmbio na universidade por isso criou amizades que lhe possibilitaram uma rápida e boa adaptação no Chile. Considera que o país é bastante semelhante a Portugal comparando-o a Portugal nos anos 90. A jovem arquitecta diz mesmo que o Chile “é como Portugal nos anos 90, daí o facto de existirem também muitas oportunidades na área da construção, porque está a passar pelo mesmo momento que passaram as grandes cidades portuguesas de expansão das periferias e reconstrução do centro, naquela altura.”

Em média, Diana fala com os seus familiares e amigos 1 vez a cada dois dias e utiliza as redes sociais, o Skype e e-mail para o fazer.

Em relação às vindas a Portugal, Diana não tem tanta sorte como alguns dos outros entrevistados. Confessa que, com alguma sorte, conseguirá vir uma vez por ano a Portugal, devido aos elevados custos dos voos e ao desgaste da viagem, uma vez que são muitas horas de voo.

Diana gostaria de voltar a Portugal mas apenas quando o país lhe possibilitar a qualidade de vida que tem no Chile. Assim, pensa que só regressará ao seu país de origem daqui a 10 anos apesar de confessar que gostaria de voltar antes.

A médio prazo vai estabelecer a sua vida no Chile no qual passa os seus dias entre o trabalho e casa onde faz as suas lides domésticas devido, como afirma, “à agora possível emancipação”. Uma vez que está instalada há pouco tempo no Chile preocupa-se, também, com problemas relacionados com o visto, procura de médico, advogado e outros serviços que já tinha em Portugal e que agora tem de procurar de novo. Confessa que começar do

zero no estrageiro não é fácil mas, “com boa vontade das pessoas e paciência é possível” afirma a jovem architecta.

Duarte M. tem 27 anos. Licenciou-se em Comunicação Social e Cultural pela Universidade Católica e quando terminou o curso partiu para Londres para abraçar um novo projecto profissional. Actualmente trabalha como jornalista numa das mais conhecidas e reputadas estações de televisão: a CNN.

Duarte recebeu a excelente oportunidade de ir trabalhar para a CNN e não pensou duas vezes. O jovem jornalista refere que, para além da excelente oportunidade, uma vez que se trata de um estação de televisão de elevado reconhecimento, seria uma experiência interessante viver num país estrangeiro uma vez que, como o próprio afirma “ao contrário da maioria dos meus amigos não fiz Erasmus.”

Duarte considera que existem muito mais oportunidades de trabalho em Londres do que em Portugal e sugere que esse facto não deriva apenas da crise financeira mas também da grande diferença de mentalidade entre Portugal e o Reino Unido.

Relativamente ao período de ambientação, Duarte afirma que os primeiros meses passaram a correr. “O ritmo da cidade é alucinante e consegui encontrar encanto em coisas que nunca pensaria.” afirma o jornalista. Depois do período de êxtase as coisas tornam-se mais complicadas, principalmente, e como afirma o jovem, quando se vem de um país onde a comida e o clima são bons. No entanto, Duarte considera-se um privilegiado e diz ter “uma vida muito equilibrada, tanto pessoal como profissionalmente... caso contrário, estaria neste momento a desesperar por um regresso a Portugal, País que amo muito!”

Duarte afirma ainda que a cultura inglesa em nada tem que ver com a portuguesa. A alimentação e o clima são dois factores muito diferentes e que lhe fazem muita falta. No entanto, afirma que gosta mais da mentalidade Londrina assente numa cultura de elogio e recompensa, isto é, as pessoas são mais recompensadas e reconhecidas pelo trabalho bem feito.

O jovem jornalista fala com os seus familiares todos os dias mantendo, assim, contacto diário com Portugal. Para o fazer, Duarte, tal como os outros entrevistados, é utilizador habitual de plataformas digitais como o Skype e o Facebook maioritariamente.

Duarte conseguiu visitar Portugal no ano passado cerca de seis ou sete vezes mas antecipa que este ano não terá tanta sorte e que não conseguirá vir ao seu país tantas vezes.

O jovem afirma que os voos são acessíveis mas também confessa que a sua vontade de vir a Portugal é tão grande que muitas vezes não lhe custa muito comprar a passagem aérea.

O jornalista, que para já leva os seus dias da semana a trabalhar afincadamente, pretende ficar em Londres enquanto trabalhar na CNN. Diz que gostava de fazer carreira naquela empresa e que enquanto o quiserem lá não vê o seu regresso a Portugal viável.

Para além de trabalhar durante a semana, Duarte ocupa os seus fins-de-semana com outras actividades: pratica basketball e não prescinde de ir ao cinema e a concertos. Naturalmente, e por Londres ser uma cidade com uma energia muito própria, como afirma Duarte, existem sempre outros eventos aos quais pode ir.

Filipe G. de 23 é licenciado em Administração e Gestão de Empresas pela Universidade Católica Portuguesa. Após o término da sua licenciatura Filipe decidiu continuar a investir na sua educação através da realização de um mestrado. No entanto, decidiu fazer um mestrado no estrangeiro, e mudou-se para a Austrália onde está a tirar o mestrado na área de gestão em Brisbane. Filipe, para além de querer continuar os seus estudos, pretendia melhorar o seu inglês. Por esse motivo escolheu um mestrado leccionado todo em inglês e num país cuja língua oficial é a mesma.

Filipe pretende voltar para Portugal pois diz ser o seu país e ter cá a sua família, apesar de saber que as perspectivas de emprego são melhores na Austrália do que em Portugal. No entanto, alerta que é preciso ter um elevado conhecimento de inglês para se poder trabalhar naquele país.

O jovem estudante de gestão ambientou-se bem ao país onde está pois considera que a Austrália é um país muito “ocidental” e tem uma cultura dividida entre a americana e europeia. No entanto, alerta que existem muitas coisas diferentes do ponto de vista cultural como a alimentação que é influenciada por várias culturas asiáticas devido à emigração. Filipe adianta, ainda, que as pessoas australianas são muito simpáticas mas mantêm uma certa distância relacional comparativamente com os portugueses.

Filipe não consegue comunicar diariamente com os seus familiares e amigos devido à diferença horária mas tenta fazê-lo sempre que pode. Fala uma vez por semana com a família e comunica com os amigos através do Facebook e Messenger.

O jovem estudante está literalmente do outro lado do mundo e por isso é-lhe muito difícil vir a Portugal, não só porque as viagens são pouco acessíveis como também devido ao desgaste físico, uma vez que as viagens duram cerca de 30 horas.

Enquanto estudante, Filipe divide o seu dia-a-dia entre as aulas e outras actividades como idas a cafés, bares, praia ou praticar desporto.

Mário R. tirou o mestrado em Finanças na Universidade Católica Portuguesa. Após a realização do mestrado foi-lhe oferecido um estágio em San Francisco nos Estados Unidos onde trabalha actualmente como analista na empresa Leadership Business Consulting.

Mário aceitou esta oportunidade para ganhar experiência internacional, estar exposto a novos mercados e ter uma melhor perspectiva das melhores práticas de gestão mundiais. O analista considera, ainda, que nos Estados Unidos existe uma maior possibilidade de progressão na carreira, não só lá como também se voltar eventualmente para Portugal.

Para Mário o período de ambientação nos Estados Unidos foi bastante fácil e não apontou grandes diferenças culturais. Confessa apenas que as maiores diferenças são a forma como as pessoas se relacionam uma vez que o *networking* é muito mais estimulado. Aponta, ainda, que existem algumas diferenças nos hábitos alimentares que são menos saudáveis.

Para comunicar com os seus familiares e amigos, Mário fá-lo através do Skype, Facebook e Vodafoone Web Phone, uma aplicação da rede Vodafone para computador. Tenta fazê-lo diariamente ou, no máximo de dois em dois dias.

Mário não virá a Portugal nos próximos seis meses uma vez que o seu estágio tem precisamente essa duração. Além do mais, o analista afirma que as viagens são pouco acessíveis financeiramente e a distância é bastante grande.

Uma vez que Mário está apenas a realizar um estágio de seis meses regressará a Portugal no fim desse período para tentar encontrar emprego no seu país.

Para já, passa os seus dias a trabalhar e nos tempos livres tenta fazer algum desporto e jantar com os amigos com quem vive.

Pedro M. tem 25 anos e é licenciado em Psicologia com o mestrado em Psicologia das Organizações.

Apesar de ter iniciado a sua carreira profissional em Portugal, na Michael Page International, desde logo percebeu que gostaria de trabalhar fora do seu país de origem. Assim, mudou-se para a Suíça para trabalhar na área de desenvolvimento do Citigroup. Mais tarde, e quando terminou o seu contrato, Pedro mudou-se para Singapura onde trabalha actualmente como Key Talent Program Coordinator na UBS.

As principais motivações que levaram Pedro a sair de Portugal foram, como o próprio indica “a possibilidade de estar em contacto com equipas multinacionais e diferentes culturas, colaborar em projectos *cross-regional* e crescer profissional e pessoalmente através de novas experiências.”

Pedro considera que as perspectivas de emprego fora de Portugal são maiores e por isso é seu desejo continuar a apostar numa carreira internacional.

Para o jovem psicólogo, que já tinha tido outras experiências internacionais, o período de ambientação foi relativamente curto, cerca de um mês. Pedro considera que precisa de cerca de um mês para se ambientar às diferenças culturais e ao dia-a-dia local da nova cidade.

Naturalmente, o jovem afirma que a cultura de Singapura é totalmente diferente da portuguesa. O jovem caracteriza a cultura daquele país como sendo uma mistura de várias culturas de diferentes partes da Ásia (80% da população é de origem chinesa e a restante de origem indiana e malásia). Pedro adianta, ainda, que a forma de trabalhar é mais ocidental fruto da influência americana e britânica, uma vez que a maioria da segunda geração estudou naqueles países. Pedro afirma que existe uma grande diversidade cultural em Singapura embora a comunidade portuguesa seja pequena e tenha tendência para se fechar em si mesma. O jovem adianta, ainda, que não existem restaurantes ou lojas com produtos nacionais, apesar de haver alguns negócios de vinho e cerveja.

Para comunicar com os seus amigos, Pedro utiliza as redes sociais e fá-lo diariamente. Já com a família fá-lo apenas uma vez por semana e utiliza sobretudo o Skype. No que diz respeito às visitas a Portugal, o jovem teve 12 meses sem vir ao seu país de origem. Como justificação Pedro afirma que “o menor número de férias, a distância, o fuso horário e o custo dos voos com escalas são obstáculos a viagens mais frequentes.”

Pedro, ao contrário de outros entrevistados, mostra-se bastante relutante em voltar para Portugal. O jovem não considera “que a cultura de trabalho em Portugal prepare um

jovem profissional para os desafios de uma economia global.”, e por isso não pretende voltar a trabalhar no seu país.

Para já Pedro faz a sua vida normal em Singapura, com um horário laboral bastante longo (cerca de 50 a 60 horas semanais) não lhe é possível, durante a semana, fazer muitas actividades para além do trabalho. Contudo, o jovem tenta ter uma vida social durante a semana e por isso frequenta cursos de fotografia, janta regularmente com um grupo de amigos, vê filmes e espetáculos de *sand-up comedy*. Durante os fins-de-semana costuma fazer algumas viagens e passeios.

Rita P. tem 24 anos. Licenciou-se em Audiovisual e Multimédia e trabalha actualmente como produtora na Walt Disney Company em Madrid.

Uma vez que em Portugal, e de acordo com a produtora, não havia oportunidades de emprego ou as que havia eram sempre de curto prazo e mal pagas, Rita decidiu mudar-se para Madrid.

Foi-lhe oferecido um estágio de um ano e no fim desse período foi contratada pela empresa. A sua experiência diz-lhe que há mais perspectivas de emprego no estrangeiro do que em Portugal. Rita afirma ainda que não sabe “se noutros países a exploração de jovens trabalhadores é maior ou menor, mas para quem sai de Portugal e arranja algo no estrangeiro é porque as perspectivas de emprego nesse país são sempre melhores, caso contrário ninguém saía.”

Rita confessa que a distância da família e dos amigos é muito difícil. Apesar de ter tido facilidade em “desembarçar-se” no novo país, afirma que não se sente acarinhada pelos espanhóis. A jovem produtora adianta que tem uma boa vida mas que poderia ser noutro sítio qualquer, já passou um ano e a jovem sente que Madrid não é o seu lugar.

No que diz respeito às diferenças culturais entre Portugal e Espanha, Rita manifesta que a língua não é o maior problema ou a maior barreira. “É muito fácil para um português, mesmo que não tenha bases nenhumas, falar rapidamente castelhano quase perfeitamente”. No entanto, Rita confessa que os espanhóis não fazem os estrangeiros sentirem-se bem-vindos a não ser que sejam turistas. Afirma que falam demasiado alto e que a comida é quase toda à base de fritos.

Para comunicar com os seus familiares e amigos, Rita utiliza as redes sociais e Skype e fá-lo diariamente uma vez que a família e os amigos são o que lhe faz mais falta.

Costuma vir a Portugal cerca de seis vezes por ano mas contesta que os voos estão cada vez mais caros e que é “vergonhoso”.

Rita gostaria de voltar a Portugal uma dia para formar a sua família e estar mais próxima dos seus no entanto, e para já, não pensa em voltar. Diz que quer correr o mundo enquanto for jovem e não se prender a nada.

Durante o seu dia-a-dia Rita trabalha e no fim da tarde vai ao ginásio. Durante os fins-de-semana aproveita para estar com os amigos nos cafés, ir a jantares e saídas à noite e passear.

Madalena C. tem 23 anos e um mestrado em Gestão pela Universidade Católica Portuguesa. Quando terminou o seu mestrado começou a trabalhar numa empresa de telecomunicações na qual esteve durante um ano. Apesar de ter um trabalho estável, Madalena esteve sempre atenta ao mercado laboral internacional e em Fevereiro de 2013 acabou por ingressar num novo projecto. Actualmente trabalha como auditora na Ernst & Young em regime de expatriada em Angola. Para Madalena a ida para Angola era há muito tempo um sonho, uma vez que a sua família vive naquele país e considera ser um estado em grande expansão e com fortes ligações com Portugal.

Madalena foi contratada pela empresa Ernst & Young sediada em Portugal por isso não conhece profundamente as oportunidades de emprego em Angola. Contudo, afirma que por ser um país em desenvolvimento, Angola oferece maiores e mais rápidas possibilidades de progressão de carreira.

Para a jovem auditora o período de ambientação foi muito fácil, uma vez que a própria já tinha vivido em Angola durante alguns anos. Por esse motivo, o processo de aculturação não foi moroso nem difícil. No entanto, trabalhar e estudar em Angola são coisas diferentes e Madalena, que estava já habituada a trabalhar em Portugal, confessa que o ritmo em Angola é mais lento e o rigor um pouco menor, pelo que é necessário um maior esforço e responsabilidade para que as coisas sejam bem feitas.

No que diz respeito à cultura angolana, Madalena encontra muitas semelhanças e diferenças, mas como a própria afirma é-lhe difícil ter uma opinião imparcial relativamente a este assunto pois já sente que tem uma costela angolana. No entanto, considera que os processos são mais lentos naquele país mas que as pessoas são mais calorosas e bem-dispostas do que em Portugal.

Madalena tem os pais ao seu lado em Angola, contudo deixou para trás parte da família e amigos e por isso conversa com os mesmos praticamente todos os dias através das redes sociais e do Skype.

A jovem auditora tem a sorte de vir a Portugal de dois em dois meses. O projecto em que está inserida prevê que Madalena esteja dois meses em Luanda e depois regresse durante três semanas a Portugal, o que lhe permite vir seis vezes por ano ao seu país mais, uma ou duas dependendo das férias que tirar. Madalena confessa que é uma privilegiada e que pode vir tantas vezes a Portugal uma vez que a empresa onde trabalha suporta os custos das viagens que são muito elevados.

A auditora pensa voltar a Portugal, mas adianta que neste momento faz mais sentido aproveitar a oportunidade que teve em Angola. Assim, divide os seus dias da semana entre o trabalho e casa, uma vez que os horários de trabalho lhe preenchem praticamente todo o dia. Nos tempos livres aproveita para ir à praia e sair à noite, e ainda aproveita os fins-de-semana para ir para o Mussulo, uma península perto de Luanda.

2. Interpretação de dados

2.1. Globalização e Novas Tecnologias

Como verificámos na parte inicial da dissertação as novas tecnologias vieram alterar profundamente as várias dinâmicas da sociedade. A forma como vemos o mundo, como nos relacionamos com ele e como nos comportamos dentro dele foi transformada e influenciada por todos os gadgets que temos à nossa disposição.

As novas tecnologias permitiram-nos ver o mundo de fora e não de dentro. A imagem que temos do globo suspenso no espaço, apesar de nunca ter sido visto pela maioria de nós, é a forma como o entendemos. Isto possibilita-nos achar que podemos “mergulhar” no mundo, não havendo distância alguma entre diferentes lugares. Faz tudo parte de um lugar só.

Posto isto, foi-nos fácil concluir que as novas tecnologias permitiram a Globalização e com ela a ocorrência de várias práticas diferentes de antigamente. O antigamente, que parece tão antigo, existiu há cerca de 40 anos, e aquilo que é novidade está de tal forma enraizado nas nossas vidas que já se trata de extensões de nós mesmos, como antecipou McLuhan.

A mobilidade de pessoas encaixa-se nestas novas dinâmicas sociais, que permitem às pessoas moverem-se entre diferentes países sem ou com poucos entraves, potenciando a volubilidade. As fronteiras esbateram-se e potenciou-se a uma maior liberdade, em alguns casos a total liberdade, de circulação de pessoas. Os jovens entrevistados neste estudo, que cresceram mergulhados em tecnologia, tratam a mobilidade por tu. Para eles estar noutra país é quase tão natural como estar em Portugal, isto porque as distâncias encurtaram-se e o mundo não é mais visto como algo enorme, mas sim como algo que podemos agarrar com a nossa mão. A Aldeia Global, referenciada por McLuahn é a aldeia onde estes jovens habitam. Desprendidos da distância e com vontade de correr o mundo, eles são vizinhos uns dos outros numa sociedade que permite a mobilidade constante.

“Quero correr o mundo enquanto for jovem e não estiver presa a nada.” afirma Rita P., uma das entrevistadas. Esta vontade e este desejo só é possível uma vez que estamos numa sociedade que o permite. Era muito mais difícil há 50 anos uma pessoa correr o mundo à procura de novas experiências e de novos conhecimentos. Hoje em dia, mais do que uma vontade é muitas vezes uma necessidade dos jovens.

A Globalização ofereceu a estes jovens a possibilidade de conhecerem outros países e outras realidades. Naturalmente, que os entrevistados já conheciam algumas partes do mundo para além do seu país, fruto de viagens e de algumas experiências internacionais que tiveram. Mas o que a Globalização veio permitir foi a possibilidade destes jovens viverem e estabelecerem as suas rotinas fora do seu país.

Não partem para o desconhecido pois, apesar de estarem longe, sentem-se perto de casa. Friedman, como acima foi referenciado, entende que a Globalização veio reduzir o mundo de um espaço médio para um espaço pequeno. Fruto das consequências globais, os jovens partem, movimentam-se e percorrem um mundo cada vez mais diminuto.

Como referimos atrás, esta mobilidade tornou-se praticamente numa necessidade para os jovens profissionais. Não só por motivos pontuais, neste caso por Portugal se encontrar numa profunda crise, como também por quererem uma experiência internacional em virtude de viverem num mundo cada vez mais global e internacional.

A realidade internacional já não lhes é nova. A maioria dos entrevistados realizou um ou mais semestres no estrangeiro no âmbito do programa *Erasmus*, que permite aos alunos estarem durante determinado período a estudar fora do seu país.

Outros, ao terminarem os seus estudos em Portugal, mudaram-se para o estrangeiro para prosseguirem as suas habilitações académicas. Assim, o facto destes jovens viverem fora do seu país não é novidade. Isto é Globalização, isto é mobilidade.

A Globalização, que liquida fronteiras e reduz o mundo, potencia toda esta mobilidade aproveitada ao máximo por estes jovens que querem fazer parte do mundo global e que olham para o mundo como olham para um globo na sua mão.

Fruto da mobilidade, durante o tempo de estudantes, tornou-se quase natural para muitos dos entrevistados viverem fora do seu país. Pedro M., que teve inúmeras experiências internacionais antes de se estabelecer em Singapura, confessa que para ele, apenas é necessário um mês para se sentir aculturado. Para Mariana P., foi fácil ir viver para o Reino Unido, uma vez que viveu lá com vários estudantes de outras nacionalidades permitindo-lhe uma ambientação fácil e rápida.

A velocidade e a destreza com que estes jovens se ambientam ao desconhecido é fruto de não se sentirem, eles próprios, envolvidos no desconhecido. Nos dias de hoje não é preciso ir a Londres para se ver o Big Ben. A Globalização provoca este sentimento de conhecer o que nunca foi visto e de ter ouvido o que nunca foi conversado.

Como referimos na primeira parte da dissertação a noção de espaço e de tempo alterou-se profundamente uma vez que vivemos num mundo à escala global. A mobilidade dos jovens entrevistados faz parte da própria Globalização sendo, por isso, uma causa e uma consequência da primeira.

Globalização, que potencia a livre circulação de pessoas, de mercadorias e de informação potencia, também ela, uma enorme circulação dos negócios que se estabelecem em determinados países. Madalena C. e Pedro O. são dois exemplos da mobilidade nos negócios. Para estes dois jovens trabalhadores, a mobilidade foi possível uma vez que a empresa na qual trabalham opera noutros países, permitindo-lhes terem uma experiência laborar internacional.

A mobilidade de pessoas sempre se verificou no entanto, a Globalização permite que esta se acentue, uma vez que o estabelecimento de negócios ocorre, também ele, à escala global. Para os dois entrevistados a mobilidade é constante. Durante um ano chegam a vir doze ou mais vezes a Portugal. Esta situação só ocorre uma vez que, nos dias de hoje, o tempo e o espaço restringem-se, permitindo uma circulação de pessoas muito mais acentuada.

Após a realização das entrevistas o que verificámos foi que, de facto, os jovens mudam e voltam a mudar de país com muito mais regularidade. Naturalmente, que a crise que afecta Portugal tem determinado peso na decisão de mudar de país, mas a própria Globalização permite que essa mobilidade ocorra de forma mais fácil e natural.

Alguns dos jovens entrevistados não querem voltar para Portugal. Pretendem ficar onde estão ou ir trabalhar para outro país que não o seu de origem. Se Rita P. quer correr o mundo, Duarte M. quer manter-se onde está: em Londres na CNN. Já Pedro M. pensa deixar Singapura mas não para voltar para casa. O jovem quer experimentar outros mercados como a Europa ou o Médio Oriente.

Estes desejos são motivados e só existem por causa da Globalização. Aquilo que ela oferece é a possibilidade dos jovens se movimentarem no globo sem ter uma ideia de que estão longe, uma vez que, e na realidade, eles estão muito perto uns dos outros, como numa Aldeia Global.

Entre Erasmus, emprego no estrangeiro ou outro tipo de intercâmbios, todos estes jovens entrevistados têm uma coisa em comum: são causa e consequência da Globalização e personificam aquilo que ela significa.

Facebook, e-mail, telemóvel, WhatsApp, BlackBerry Mensseger, Twitter, Skype, Mensseger. Todas estas palavras nos soam com muita naturalidade e sem elas já não conseguíamos viver.

A evolução das tecnologias, que nos dias de hoje fazem parte de quase todas as práticas humanas, veio alterar a forma como comunicamos e nos relacionamos com os outros. Os nossos entrevistados usam e abusam das mudanças que as tecnologias nos ofereceram.

Se pensarmos, há 50 anos atrás qualquer emigrante ou pessoa que estivesse fora do seu país de origem falava com os seus familiares e amigos de vez em quando, por telefone, a preços altíssimos e com muitas dificuldades de ligação. Hoje em dia as tecnologias vieram possibilitar que comuniquemos uns com os outros de qualquer parte do mundo e de forma imediata.

As novas tecnologias são a Globalização, e o mundo sem elas jamais poderia ter-se tornado global, uma vez que são as mesmas que restringem o espaço e o tempo e que nos tornam a todos muito mais próximos uns dos outros.

Todos os nossos entrevistados fazem uso de uma ou mais plataformas digitais para que possam entrar em contacto com os seus familiares e amigos. Fazem-no diária ou semanalmente. Este facto, permite que os jovens em mobilidade se sintam perto de casa e acabem por perder a noção da distância a que estão dos seus entes queridos.

Duarte M. afirmou na entrevista que “naturalmente se quero manter contacto com Portugal, são as plataformas digitais que me safam”. Para o entrevistado o uso destas plataformas digitais é tão natural como beber água e são elas que o aproximam do seu país.

Como referimos na primeira parte da dissertação, já não pensamos nas tecnologias do ponto de vista daquilo que elas representam por si só. Elas não significam apenas determinados aparelhos ou determinadas plataformas. Elas moldam e reestruturam a forma como vivemos em comunidade e a forma como nos relacionamos uns com os outros.

Para os jovens que entrevistámos, as novas tecnologias não são apenas aquilo que são. Elas representam a ponte entre Portugal e o resto do mundo, isto é, elas são a ponte entre os entrevistados e as suas casas, o seu país, os seus familiares e amigos.

O que nos foi possível concluir, através da pesquisa teórica e das entrevistas realizadas é que a ponte que acima referimos é pequena, quase inexistente. Isto significa

que todos os nossos entrevistados falam e relacionam-se com as pessoas do seu país de origem através de Facebook, Skype, entre outras plataformas digitais, e fazem-no de forma rápida e fácil, sem quaisquer constrangimentos.

Neste sentido, é possível dizermos que, de facto, as novas tecnologias de informação restringem o espaço e o tempo. Tornam aquilo que está longe perto e aquilo que antes era lento, agora é rápido e quase imediato.

Estes jovens que se movimentam no mundo são desprovidos de dimensões espaciais. Já não existe uma separação por obstáculos físicos pois tudo está à distância de um click. Recitando Paul Virilio, “as distinções entre aqui e lá não significam mais nada”. Foi isto que concluímos ao entrevistar estes jovens presentes em vários sítios do mundo.

Estejam na Austrália, como Filipe e José, nos Estados Unidos como Mário, Catarina e Mariana, em Angola como Madalena e Pedro, ou em Londres como Duarte e Carolina, estes jovens estão próximos de casa. Isto só acontece uma vez que as novas tecnologias permitem-lhes falar com os seus amigos e familiares de forma rápida e barata levando-os a sentirem-se próximos do seu país sem quaisquer restrições temporais e espaciais.

Este sentimento faz parte da Globalização e corrobora a ideia de McLuahn de que vivemos numa Aldeia Global, onde todos somos vizinhos e estamos perto uns dos outros.

Não se trata apenas do facto destes jovens poderem comunicar com os seus familiares e amigos, trata-se de o poderem fazer quando querem e onde estiverem. Agora, tudo é imediato provocando o tal sentimento, já referido, de estarem próximos de casa mesmo estando a milhares de quilómetros de distância.

Outro fenómeno que as novas tecnologias vieram provocar foi o facto da informação circular rapidamente. Com o acesso que os jovens entrevistados têm à internet podem saber o que se passa em Portugal através da mesma. A rápida circulação de informação, proveniente dos imensos canais, fazem com os jovens entrevistados saibam o estado do país e dos seus familiares e amigos trazendo-lhe o sentimento de reconforto pois apesar de estarem longe sabem exactamente aquilo que se passa com os seus.

Todos os jovens entrevistados estão bem cientes da realidade actual portuguesa. Para a maioria dos mesmos, voltar a Portugal seria uma opção, mas quando o país lhes possibilitar viverem com as condições que têm actualmente. Este conhecimento sobre a crise portuguesa só prova que a informação circula de forma rápida e chega até à Austrália

ou Reino Unido à velocidade da luz. Assim, apesar de estarem fora de Portugal, não entraram num profundo desconhecimento daquilo que cá se passava. Aliás, todos eles têm a profunda noção do ponto de situação do seu país de origem.

É verdade que a distância foi encurtada e reduzida ao máximo, fruto das novas tecnologias. No entanto não podemos ignorar a sua existência, e para nos deslocarmos entre determinados países é preciso tempo e dinheiro para pagar determinado transporte.

Quando confrontados com a pergunta relativa às viagens e às vezes que vinham visitar Portugal as respostas variaram de alguma forma. Variaram no sentido em que há jovens que estão aqui ao lado, em Madrid, mas outros que estão do outro lado do mundo. No entanto, de uma forma geral os jovens que estão na Europa vêm muito mais vezes a Portugal e consideram os voos acessíveis financeiramente, permitindo-lhe regressar ao seu país com mais frequência.

Por outro lado, aqueles que precisam de fazer viagens mais longas acabam por ir menos vezes ao seu país, não só pelo preço das viagens, que é maior, como também pela duração dos voos. A título de exemplo, José A., situado na Austrália, não acha os voos muito caros. O jovem afirma que, comprados com antecedência, pode encontrar voos por volta dos 800 euros. No entanto o desgaste da viagem acaba por impedi-lo de vir a Portugal, já que cada vez que vier ao seu país demorará cerca de 30 ou mais horas de voo.

Para os entrevistados que estão do outro lado do Atlântico, é também mais difícil deslocarem-se a Portugal uma vez que um voo transatlântico é sempre relativamente caro. Catarina afirma que não existem voos low-cost de Portugal para fora da Europa. Por este motivo todos os entrevistados sediados na Europa têm mais facilidade em vir a Portugal. Uma viagem Londres-Lisboa ou Madrid-Lisboa pode ser adquirida a preços muito baixos.

Foi possível, também, observar algumas disparidades nas opiniões dos jovens resultado das diferentes perspetivas dos mesmos. Por exemplo, Rita P., que está em Madrid, considera que os voos estão cada vez mais caros e torna-se difícil para a mesma vir tantas vezes a Portugal. Já para José, como acima referimos, podem encontrar-se voos da Austrália para Portugal a preços acessíveis.

As opiniões divergem mas, apesar de para uns ser mais fácil vir a Portugal do que para outros, podemos concluir que a oferta de voos e as melhorias nas redes de transporte, também potenciam visitas a Portugal mais frequentes por parte dos entrevistados.

Hoje em dia é muito mais fácil e barato deslocarmo-nos entre os vários países do mundo o que se torna, também este factor, promotor de mais mobilidades e de maior circulação de pessoas.

2.2. Período de aculturação

Como foi referido no capítulo do contexto teórico, cultura é algo que é apreendido por cada pessoa. Apesar de não nascer connosco, de acordo com Hofstede, cultura é como uma programação mental colectiva que dota os grupos com determinadas características permitindo destingi-los.

Uma vez que cada jovem entrevistado já tinha apreendido a sua cultura, neste caso a portuguesa, foi natural que encontrassem algumas ou muitas diferenças nas sociedades para as quais emigraram. Qualquer pessoa que parta para um país diferente do seu de origem experiencia um período de aculturação devido às diferenças culturais entre o país novo e o país de onde provém.

Ao entrevistarmos os jovens emigrantes apercebemo-nos que todos eles passavam por esses processo e que as culturas revelavam ser, em determinados aspectos, diferentes da portuguesa.

Para alguns entrevistados o período de ambientação foi relativamente fácil, para outros foi bastante duro, sendo que alguns não se sentem, ainda, perfeitamente adaptados à nova cultura do novo país.

No contexto teórico reflectimos sobre um estudo feito por Hofstede que oferece uma percepção de várias culturas mundiais ao nivelar e catalogar determinados aspectos de diferentes sociedades. O autor decidiu estudar a cultura dos diferentes países através de um estudo de caso de uma empresa multinacional: a IBM. Para isso definiu 4 diferentes variáveis que iria nivelar de acordo com o comportamento dos colaboradores daquela empresa. As variáveis são as seguintes: Distância Hierárquica; Individualismo VS Colectivismo; Masculinidades VS Feminilidade; Controlo da Incerteza. Através de respostas a questionários, Hofstede conseguiu perceber como eram as culturas dos diferentes países.

As entrevistas realizadas ofereceram-nos, também, a possibilidade de perceber quais as principais diferenças entre as culturas dos países para onde vão os jovens e a portuguesa.

Naturalmente, que a perspectiva que cada um tem de determinada cultura varia consoante a própria personalidade e forma de estar do entrevistado naquele país. Por esse motivo alguns entrevistados que se encontram no mesmo país têm visões diferentes da mesma cultura. Apesar disso, as respostas, de uma forma geral, reflectem a descrição de uma cultura de determinado país de forma semelhante.

José A., afirma que a cultura australiana é muito diferente da portuguesa. Considera as pessoas mais relaxadas e mais descontraídas fruto do estilo de vida que levam, mantendo sempre alguma separação. Apesar disso considera a alimentação bastante semelhante. Filipe G., também ele sediado na Austrália, tem uma perspectiva um pouco diferente. Considera que os hábitos alimentares são muito diferentes e influenciados por culturas orientais perto da Austrália. O jovem afirma também que as pessoas são simpáticas mas gostam de manter uma certa distância.

Ao olharmos para o estudo de Hofstede podemos concluir que a Austrália é uma sociedade muito individualista sendo o segundo país mais individualista estudado. Isto corrobora a ideia de Filipe e de José ao afirmarem que as pessoas mantêm entre si alguma distância.

Mariana N. e Catarina G. vivem nos Estado Unidos da América, em Nova Iorque. Para as mesmas, a cultura norte americana é definida de forma muito idêntica. As duas jovens consideram que os hábitos alimentares são pouco saudáveis ou inexistentes e que as pessoas são mais fechadas, independentes e têm relações interpessoais superficiais. Mário, que se encontra nos Estados Unidos mas em San Francisco, aponta também que a forma como as pessoas se relacionam é diferente da portuguesa uma vez que são pessoas mais impenetráveis.

Uma vez mais, esta definição da cultura norte americana apresentada pelos jovens emigrantes confirma a ideia de Hofstede de que os EUA são um país muito individualista, ocupando o topo da lista na tabela desta variável.

Tiago M., Mariana P., Carolina F. e Duarte M. têm uma coisa em comum: todos trabalham no Reino Unido. Todos estes entrevistados foram, também, muito similares na descrição que fizeram da cultura daquele país. Para os jovens o povo Inglês é mais fechado, mais organizado e mais frio. Resumidamente, todos os jovens consideram que a cultura inglesa é muito mais impenetrável que a portuguesa, no sentido em que as pessoas não se relacionam de forma tão aberta uns com os outros.

Uma vez mais, o estudo de Hofstede vai ao encontro das respostas dos nossos entrevistados, uma vez que o índice de individualismo na Grã-Bretanha é bastante elevado.

Outro factor que foi observado com as entrevistas foi o facto da distância hierárquica na Grã-Bretanha ser pouco valorizado. De acordo com Hofstede, o índice de distância hierárquica dos povos britânicos é muito baixo sendo que esta ideia é corroborada por Mariana P. que afirma que os ingleses usam a palavra “you” (tu) para toda a gente. Licenciada em engenharia, a jovem nunca foi tratada por Sra. Engenheira, ao contrário do que acontece em Portugal.

Pedro O. e Madalena C. vivem em Angola. Estes jovens também concordaram na forma como descreveram a cultura angolana. Para eles as desigualdades sociais são maiores, mas são um povo muito aberto e muito receptivo em relação a outras pessoas. Estabelecem relações muito rapidamente. Os jovens afirmam, também, que não encontram muitas diferenças entre portugueses e angolanos na forma das pessoas se relacionarem. Posto isto, podemos fazer um paralelismo com Hofstede que coloca África Ocidental num lugar relativamente baixo no que diz respeito ao individualismo das pessoas. Portugal encontra-se apenas 4 lugares acima nesta tabela, tornando-se perceptível as semelhanças apontadas pelos jovens entrevistados.

Débora M. e Miguel T. vivem na Suíça. Para eles este país também tem as suas diferenças em relação a Portugal, principalmente na forma como as pessoas se relacionam. Uma vez mais, estes jovens consideram o povo suíço um povo fechado e mais virado para si mesmo. Hofstede, através dos seus estudos, percepcionou que o povo suíço era, de facto, individualista. Apesar de não ser tanto como os Estados Unidos, Grã-Bretanha e Austrália, a Suíça ocupa um lugar alto na tabela que mede o individualismo.

Pedro M. vive em Singapura. A cultura daquele país é totalmente diferente da portuguesa. Em Singapura a cultura que opera não é a cultura de Singapura mas sim, como o próprio jovem afirma, uma mistura de várias culturas asiáticas de países próximos do primeiro. Talvez por ser um país tão habituado a diferentes mudanças e a diferentes culturas, Singapura é o país com o nível mais baixo na dimensão controlo da incerteza. Estando Portugal a ocupar o 2º lugar na tabela desta dimensão, é natural que as diferenças entre o primeiro e o segundo país sejam muito evidentes.

Rita P. está em Madrid. A jovem produtora afirma que ainda não conseguiu integrar-se totalmente à cultura espanhola. Mais à frente avaliaremos este processo de aculturação.

Para Rita a cultura tem algumas semelhanças, e torna-se relativamente fácil de se ambientar no início uma vez que a língua é muito parecida, no entanto, a jovem alerta que a forma como tratam os emigrantes não é positiva. Uma vez que, e de acordo com Hofstede, a cultura espanhola é mais individualista que a portuguesa, isto pode justificar a falta de receptividade que Rita sente por parte dos espanhóis.

Diana Menino está sediada em Santiago do Chile. A cultura Chilena, de acordo com a jovem arquitecta, é muito parecida com a portuguesa. A jovem chega a descrever o Chile como um “Portugal nos anos 90”. Ao recorremos ao estudo Hofstede, podemos concluir que em todas as dimensões analisadas pelo autor Portugal e Chile encontram-se em lugares muito aproximados da tabela. Nos índices de distância hierárquica e masculinidade encontram-se um a seguir ao outro na tabela, e nas dimensões de controlo da incerteza e individualismo apenas estão separados por oito e duas posições respectivamente.

Como referimos no capítulo correspondente à cultura é natural que as pessoas que se mudem para outros países sofram algum tipo de choque cultural. De acordo com Hofstede isto faz com que o estrangeiro passe por um período de aculturação que o autor divide em quatro fases distintas.

Ao realizarmos as entrevistas pudemos observar em que fase é que cada jovem se encontrava no período de aculturação, bem como perceber como foi a passagem pelas várias fases deste processo.

Posto isto, pudemos concluir que a maior parte dos jovens entrevistados se encontrava na última fase do processo de aculturação. Isto significa que a maioria dos emigrantes se encontrava num estado de estabilidade em relação ao período de aculturação. No entanto, como sugere Hofstede, esta fase do processo pode verificar-se de três formas distintas. Uma das formas verifica-se quando as pessoas têm sentimentos negativos em relação à nova cultura; outra verifica-se quando o indivíduo se adaptou perfeitamente à nova cultura sendo por isso considerado bicultural; a última forma reflecte o facto de o emigrante se sentir melhor com a nova cultura do novo país.

Posto isto, foi possível fazer uma análise individual de cada jovem entrevistado e tentar perceber em que patamar de adaptação cada um se encontra.

Para José A. o período de ambientação à Austrália foi bastante fácil. O jovem diz que isso se deveu ao facto de ter ido para aquele país com muitos outros portugueses. No que

diz respeito à fase em que se encontra no processo de aculturação, podemos interpretar que José se encontra na fase 4 e manifesta-se na forma b, ou seja, José já adquiriu um papel bicultural. O mesmo é válido para Filipe G. que está também sediado na Austrália. Apesar de apontar algumas diferenças entre a cultura australiana e portuguesa, o jovem já está perfeitamente ambientado à cultura do último país.

No que diz respeito aos jovens que estão emigrados no Reino Unido, para os mesmos o período de aculturação foi bastante rápido e fácil. Mariana P. justifica esta fácil adaptação pelo facto de ter ido para o Reino Unido num contexto universitário, o que lhe permitiu adaptar-se muito bem àquele país fruto de convivência com outros jovens na mesma situação que a dela. A jovem engenheira pratica uma vida perfeitamente normal e estabilizada em Kent, cidade onde habita, permitindo-nos concluir que a jovem se encontra na fase 4 sob forma b.

Tiago M. também se adaptou facilmente uma vez que foi, também ele, num contexto universitário para o Reino Unido. No entanto, o jovem alerta que conheceu casos onde as pessoas não se conseguiram ambientar e tiveram de voltar para os seus países de origem. Ao avaliarmos o dia-a-dia deste jovem foi possível concluir que este está perfeitamente adaptado ao Reino Unido.

Carolina F. também teve uma fácil adaptação e ambientação em Londres. A jovem já tinha tido outras experiências internacionais, fruto do programa *Erasmus* e de ter estudado em Milão durante 2 anos. Posto isto, a jovem ambientou-se facilmente e podemos considerar que a mesma se encontra na mesma fase de aculturação que os jovens supra referidos: fase 4b.

Para Duarte M. o período de aculturação foi fácil no início e depois foi-se tornando mais difícil. O jovem afirmou que no início é tudo novo e tudo alucinante e por isso nem deu pelo tempo passar. Nesta altura, Duarte estava perante a primeira fase do processo, a fase de euforia. Esta fase dura pouco tempo sendo seguida da segunda fase na qual se sente o maior choque cultural. Duarte passou por esta fase uma vez que depois da fase eufórica foi-lhe mais difícil estabelecer-se naquele país. Actualmente, e depois de avaliarmos as práticas diárias de Duarte, pudemos concluir que o jovem se encontrava na última fase do processo de aculturação e que o seu comportamento era bicultural, representando a fase 4b.

Para Mariana N. e Catarina G., sediadas em Nova Iorque, o período de aculturação não foi muito fácil. Isto deveu-se ao facto de ambas terem sentido muitas saudades da

família. As duas jovens apresentaram, também, muitas diferenças entre a cultura norte americana e a portuguesa, principalmente no que diz respeito às relações entre as pessoas. Isto pode ter determinado a maior dificuldade no seu processo de aculturação. Apesar de estarem as duas, actualmente, na fase quatro do processo é passível de dizer que Mariana N. está mais adaptada à cultura dos Estados Unidos e ocupa por isso a forma 4b. Já Catarina, fruto do seu desejo de regressar a Portugal, considerámos que se encontrava adaptada ao país mas tinha alguns sentimentos negativos em relação à cultura estando, por isso, na forma 4a.

Mário R. também se encontra nos Estados Unidos, no entanto está na cidade de San Francisco. Mário chegou há pouco tempo aquela cidade e afirma que a ambientação foi relativamente fácil. O jovem analista ainda se encontra na primeira fase do processo de aculturação uma vez que a sua chegada aos Estados Unidos não se verificou há muito tempo. O jovem está, por isso, na primeira fase do processo de aculturação denominado de euforia. Provavelmente, o jovem passará de seguida para a segunda fase do processo, mas dificilmente chegará à terceira uma vez que a sua estadia naquele país será apenas de seis meses fruto do período do estágio que está a realizar.

Pedro O. e Madalena C. estão no mesmo país mas a sua adaptação a Angola verificou-se de forma completamente diferente. Ambos estão em regime de expatriados no entanto, Pedro fica apenas temporadas de 3 semanas enquanto Madalena permanece 2 meses naquele país. Para Pedro a adaptação verificou-se de forma fácil uma vez que o jovem considera que a cultura angolana e portuguesas são bastante similares. No entanto, o jovem está no país há pouco tempo tornando-se difícil considerear que esteja perfeitamente ambientado. Pedro passará cerca de 8 meses naquele país, divididos em períodos de 3 semanas, por isso permitir-lhe-á entrar noutra fase do processo de aculturação. No entanto, e para já, podemos constatar que o jovem se encontra na primeira fase deste processo, a fase de euforia.

Madalena é a única entrevistada que podemos concluir que se encontra na fase 4 e praticamente na forma c. A jovem está em Angola apenas há um mês mas já viveu naquele país durante alguns anos. Deste modo Madalena não teve de se adaptar ao novo país uma vez que já estava completamente enquadrada com a cultura angolana. A própria afirma que por vez se sente angolana, o que nos leva a concluir que Madalena tem preferências pela cultura daquele país comparativamente a Portugal.

Pedro M. encontra-se a viver em Singapura. O jovem afirma ter demorado um mês a ambientar-se ao país novo e por isso considera que o período de aculturação foi muito curto. Para o jovem psicólogo a estadia noutros país e os intercâmbios universitários que realizou permitiram-lhe ganhar uma certa facilidade em ambientar-se a novos países e novas culturas. Ao avaliarmos o dia-a-dia de Pedro pudemos reconhecer que o jovem se encontrava na fase 4 do processo de aculturação sob a forma b.

Rita P. está em Madrid há mais de um ano. A jovem afirma que o processo de ambientação ao novo país foi difícil e que não se sente acarinhada pelo povo espanhol. Posto isto, pudemos concluir que Rita, apesar de estabelecer a sua vida de forma alinhada com a cultura espanhola, reflecte muitos sentimentos negativos em relação aquele país encontrando-se, por isso, na fase 4 do período de aculturação mas a forma na qual se apresenta é a forma a, uma vez que se sente discriminada e uma estranha. A própria afirma que já está em Madrid há algum tempo mas aquele não é o seu lugar.

Miguel T. e Débora M. vivem ambos na Suíça. Para o casal o período de adaptação naquele país foi bastante duro fruto do pouco conhecimento que tinham da língua alemã e da diferente forma das pessoas se relacionarem. Apesar de terem experienciado formas de se adaptar semelhantes estes jovens encontram-se em fases distintas do processo de aculturação, uma vez que estão há diferentes períodos de tempo na Suíça. Assim, pudemos observar que Miguel já se encontra na fase 4 e Débora está ainda a desenvolver um choque cultural uma vez que está, nesta altura, a adaptar-se à nova realidade e ao novo ambiente.

Por último, observámos o estado de aculturação de Diana M.. Para a jovem a chegada e adaptação a Santiago do Chile foi bastante fácil fruto de conhecimentos prévios estabelecidos naquela cidade. Além do mais, a jovem afirma que a cultura é bastante semelhante à portuguesa, algo que pudemos, também, concluir após vermos a análise de Hofstede. Apesar da facilidade com que Diana se integrou no país, a jovem ainda se encontra no estado 2 do processo de aculturação. Ao perguntarmos como era o dia-a-dia da jovem arquitecta no novo país, esta respondeu que ainda estava a procurar médico, advogado e outros serviços naquele país. Isto permitiu-nos concluir que Diana estava a atravessar por um choque cultural, uma vez que estava, actualmente, a adaptar-se ao novo ambiente e à nova realidade.

2.3. Motivação

Como verificámos acima muitos são os autores que se debruçam sobre o tema da motivação. Em suma, motivação é aquilo que move as pessoas para alcançarem determinada necessidade que tenham.

Os jovens entrevistados tiveram, naturalmente, motivações que os fizeram sair de Portugal. No entanto, estas manifestam-se de diferentes formas uma vez que nem todos os jovens tiveram os mesmos motivos para emigrar.

Após a realização das entrevistas foi possível percebermos quais os principais motivos que levaram os jovens a sair do país e em que escala é que essas motivações se encontravam.

No contexto de crise em que vivemos actualmente foi natural que muitos jovens tenham saído de Portugal pelo facto de não encontrarem oportunidades no seu próprio país. Mas nem todos se deslocaram devido ao facto de não encontrarem emprego em Portugal. Muitos deles, e uma vez que são jovens qualificados, encontrariam emprego no seu país, simplesmente este emprego podia não corresponder às necessidades que os jovens tinham.

A ideia de que Portugal não oferecia empregos ou cursos que correspondessem às necessidades dos jovens veio provocar uma forte mobilidade de jovens qualificados para fora do país.

Assim, vamos identificar quais as principais motivações que levaram os jovens entrevistados a sair do país bem como que tipo de motivações se tratam. Ao elaborarmos o contexto teórico foi possível verificar que as necessidades das pessoas correspondem a diferentes níveis. Maslow defendeu a teoria da Hierarquia das Necessidades, a qual pode ser ilustrada através de uma pirâmide que comporta cinco tipos de necessidades hierarquizadas. Vamos corresponder as motivações e necessidades dos jovens a essa mesma hierarquia.

José A., ao emigrar para a Austrália, não o fez para satisfazer uma necessidade de segurança, que comporta o facto de encontrar emprego. Para ele, o que o motivou foi sobretudo o projecto em que iria ser envolvido bem como a possibilidade que tinha de conhecer pessoas e lugares, que se tivesse permanecido em Portugal, nunca o poderia fazer. Neste sentido, as motivações de José enquadram-se nas necessidades de auto-estima, uma vez que aquilo que o jovem pretendia alcançar dizia respeito a uma conquista pessoal.

Para Mariana N. as suas motivações foram outras. A jovem afirmou que seria difícil encontrar oportunidades de emprego em Portugal, e uma vez que não conseguiu, apostou em tentar o estrangeiro já que teria mais oferta de emprego e salários mais altos. Assim, podemos classificar as motivações de Mariana como sendo de segurança.

Mariana P. e Tiago M., ambos a viver no Reino Unido, enquadram-se nas necessidades de auto-estima. Os jovens saíram de Portugal para estudar e acabaram por ficar nas cidades para onde foram. Para ambos, a sua mudança de país não se deveu ao facto da falta de oportunidades em Portugal mas sim pela experiência internacional que poderiam viver. Conhecer outras realidades e desenvolver-se cultural, pessoal e profissionalmente são algumas das motivações que Mariana e Tiago apresentaram.

Catarina G. enquadra as suas motivações a diferentes necessidades. Por um lado a jovem advogada queria enriquecer o seu CV para se tornar mais reconhecida e respeitada, o que leva a concluir que as necessidades que a jovem quis satisfazer se tratam de necessidades de auto-estima. Por outro lado a área na qual trabalha é mais desenvolvida nos Estado Unidos do que em Portugal, sendo essa outra das motivações que a levou a emigrar, correspondendo, assim, às necessidades de segurança.

Carolina F. afirmou que a sua principal motivação para se estabelecer em Londres foi o facto de existirem, naquela cidade, mais oportunidades na área da Moda. Posto isto, é possível afirmar-se que as necessidades de Carolina correspondem ao segundo nível da pirâmide, necessidades de Segurança.

Débora M. saiu de Portugal para a morar na Suíça. Para além da falta de oportunidades em Portugal, o que coloca as motivações de Débora nas necessidades de segurança, a jovem também quis dar resposta às necessidades sociais. Uma vez que tinha o namorado a viver na Suíça, isto tornou-se uma forte motivação para sair de Portugal.

Para Diana M., que vive actualmente em Santiago do Chile, a única motivação para ter saído de Portugal foi o facto de não conseguir encontrar emprego no seu país. Diana esteve à procura de uma oportunidade durante muito tempo e uma vez que não conseguiu decidiu que tinha de deixar o país. Assim, as suas motivações devem-se apenas à satisfação das necessidades de segurança.

Duarte M. tentou satisfazer, sobretudo, as necessidades de auto-estima. O mais aliciante na sua mudança para Londres foi o projecto em que iria ser inserido. Duarte trabalha actualmente na CNN e tendo em conta a excelente oportunidade, o jovem partiu

para Londres. Não é possível dizer que o jovem não conseguisse encontrar emprego em Portugal. Assim, a sua principal motivação tem que ver com a possibilidade de aumentar o seu reconhecimento e tornar-se num trabalhador respeitado.

Para Filipe G. a sua mudança para a Austrália deveu-se ao facto de querer melhorar o seu nível da língua inglesa uma vez que considera imprescindível para a vida profissional num contexto cada vez mais global e internacional. Assim, podemos concluir que as necessidades de Filipe correspondem às necessidades de auto-estima, uma vez que quer valorizar-se e tornar melhor uma lacuna que pensa ter.

Mário R. está a realizar um estágio de 6 meses em S. Francisco, Califórnia. O jovem considera que realizar este estágio vai enriquecê-lo profissionalmente uma vez que estará em contacto com as melhores práticas de gestão do mundo. Para o consultor isso é muito importante pois considera ser mais fácil encontrar emprego em Portugal depois de passar por uma experiência internacional. Posto isto, podemos dizer que a mudança para San Francisco ocorreu para satisfazer as suas necessidades de auto-estima. No entanto, Mário também pretende satisfazer as necessidades de segurança em Portugal através da busca de um bom emprego, levando-nos a concluir que a decisão de estagiar fora de Portugal servirá, *a posteriori*, para satisfazer as necessidades de segurança.

Pedro M. mudou-se para o estrangeiro sobretudo por ambição pessoal. O jovem já tinha trabalhado em Portugal mas achava que as ofertas que existiam em no seu país não o iriam fazer crescer como profissional e torná-lo naquilo que ele de facto queria ser. A possibilidade de contacto com equipas multinacionais e diferentes culturas, crescer profissional e pessoalmente através de novas experiências fizeram-nos sair de Portugal e estabelecer-se em Singapura. Assim, Pedro quis vir satisfeitas as suas necessidades de auto-estima e também de auto-realização.

Para Rita P. a decisão de emigrar deveu-se única e exclusivamente ao facto de não existirem oportunidades de emprego em Portugal. A jovem afirma que prefere o seu país do que viver no estrangeiro mas uma vez que não encontrava emprego teve de sair e procurar outras oportunidades. Posto isto, é possível afirmar que Rita quis satisfazer as necessidades de segurança.

Pedro O. e Madalena C. trabalham ambos em Luanda e ambos estão em regime de expatriados. Uma vez que se encontram neste regime, não houve uma motivação clara para que estes jovens saíssem do país, foi um acontecimento que ocorreu espontaneamente.

Além disso, ambos os consultores não se encontram definitivamente fora de Portugal e passam temporadas entre o seu país e Angola. No entanto o que levou os jovens abraçarem este projecto foi o facto de poderem crescer profissionalmente e consolidarem a sua carreira levando-nos a concluir que, em ambos os casos, os jovens quiseram satisfazer as necessidades de auto-estima. Ainda assim, para Madalena, as necessidades sociais também tiveram peso na tomada de decisão de abraçar este projecto. Uma vez que os seus pais vivem em Angola foi uma motivação extra para a jovem consultora querer passar algumas temporadas naquele país.

2.4. Os novos emigrantes portugueses

Após a interpretação de dados e a comparação dos mesmos com o nosso contexto teórico podemos entender que o fenómeno da mobilidade mudou. Os jovens que partem não fazem parte dos fluxos migratórios que até então conhecíamos. Estes movimentam-se pelo mundo de forma tão natural que tornaram este fenómeno em algo normal da realidade actual.

Deixaram de atravessar a fronteira a pé, não levam apenas as roupas que têm no corpo, e são todos dotados de enormes qualificações e valências para trabalhar. Agora, os jovens que partem, vão para os diferentes países de avião, levam consigo a mala cheia de roupa, e levam, sobretudo, um espírito aventureiro e uma enorme vontade de trabalhar e ganhar novos conhecimentos e experiências a nível internacional.

O à vontade com que estes jovens se movimentam no mundo foi potenciada pelo mundo global em que cresceram e viveram. Estão uma noite em Lisboa e na manhã seguinte já estão em Londres, Nova Iorque ou Singapura. Movimentam-se no mundo com a maior facilidade de sempre. A Globalização, que restringiu o tempo e o espaço, permitiu que a movimentação das pessoas pelo mundo se fizesse de forma mais fácil e natural. Com efeito, os jovens que cresceram neste mundo global, desprendidos de restrições temporais e espaciais, aproveitam o que a globalização tem para oferecer e, ao mesmo tempo, ajudam que esta consiga subsistir através das idas e volta, das partidas e chegadas, e de todas as viagens que os jovens estabelecem.

Esta facilidade é potenciada, também, pelas companhias aéreas que oferecem voos a preços muitos competitivos para praticamente todo o mundo. A maioria dos nossos

entrevistados consideram que as viagens são relativamente acessíveis e, por isso, voltam a Portugal quando querem. É natural que os jovens sediados na Europa tenham mais facilidade em vir ao seu país, uma vez que na Europa circulam diariamente aviões de companhias *low cost* com viagens com preços muito acessíveis. Mas aqueles que estão fora da Europa também viajam. Conhecem as localidades perto do país em que estão inseridos e moldam a sua vida em torno dessas viagens que são cruciais para que estes jovens se sintam pertencentes ao mundo global onde vivem.

Estar hoje em Londres e amanhã no Japão não é nada que assuste os jovens de hoje em dia. Eles movimentam-se no mundo como uma bailarina se movimenta em palco: de forma natural e inata, porque cresceram nesta realidade, na realidade que lhes permite desprenderam-se das barreiras físicas.

Na verdade, o que a globalização veio trazer foi a diluição das fronteiras entre países e permitir uma circulação livre, que é aproveitada à mais alta escala pelos jovens que compõe o nosso mundo global.

Tratam o mundo por tu. Qualquer que seja o lugar onde estão, não se sentem longe de casa, uma vez que a casa destes jovens é o mundo inteiro. A facilidade com que se movimentam no mundo é tão natural e o facto de estarem sempre em contacto com os seus familiares e amigos através das novas tecnologias, oferece-lhes a ideia de que estão em casa mesmo estando a quilómetros da mesma.

Esta ideia de proximidade associada à vontade e ao à vontade que têm de conhecer e experienciar o mundo faz com que os jovens portugueses de hoje em dia se movimentem nele com a maior naturalidade possível.

No sentido do mundo ter permitido mais mobilidade, os jovens emigram. Não emigram apenas por que podem, mas porque querem. Naturalmente, que cada jovem tem as mais diversas motivações para partir do seu país e estabelecer a sua vida noutro sítio.

Durante anos assistimos à deslocação de pessoas em massa para outros países, profundamente motivadas pela busca de melhores condições de vida. Era esse o motivo principal que levava as pessoas a emigrar. O facto de não conseguirem satisfazer as suas necessidades e querer melhorar as suas condições de vida, levava as pessoas a partirem para outros países com o objectivo de encontrar uma vida de melhor qualidade.

Hoje em dia, as motivações dos jovens passam por responder a outras necessidades. Naturalmente que a crise que afecta Portugal tem peso na tomada de decisão de sair do

país. Contudo, nem todos os jovens que saem do país, o fazem uma vez que não encontram emprego em Portugal. Muitos deles nem se quer tentaram.

Vivermos num mundo global teve um forte impacto nas motivações que levam os jovens a abandonar o país. Não o fazem apenas pelas baixas perspectivas de emprego existentes no país. Fazem-no porque querem novas experiências internacionais. Querem conhecer o mundo de cor. Querem crescer pessoal e profissionalmente e sentem que só conseguem fazê-lo se tiver uma experiência internacional.

O reconhecimento, o conhecimento, a descoberta, a auto-estima e a auto-realização são qualidades muito importantes para os jovens de hoje em dia, que vêm na possibilidade de adquirir experiências internacionais uma oportunidade para adquirirem estas qualidades e tornarem-se em pessoas mais ricas, experientes e com uma vantagem mais competitiva.

Aumentar o seu próprio valor é uma motivação enorme por parte dos jovens, e por isso consideram que ter uma experiência profissional internacional os torna profissionais mais adaptados à realidade global, mais preparados para a realidade laboral, e com mais competências e valências para evoluir e crescer do ponto de vista profissional.

Eis as novas motivações dos jovens. Já não querem apenas ganhar mais 100 ou 200 euros no final do mês. Querem reconhecimento, sentir-se realizados e deter capacidades profissionais que só conseguem adquirir, na sua óptica, experienciando outros mercados laborais internacionais.

Assim, foi-nos possível concluir que aquilo que motiva os jovens de hoje em dia, num contexto global, não são apenas as necessidades básicas, mas também necessidades que têm que ver com o reconhecimento, descoberta, autonomia, auto-realização e auto-estima, que se prendem com necessidades, como sugeriu Maslow, de um nível superior da pirâmide.

Em suma, estes jovens que partem detêm motivações muito diferentes de antigamente. A busca do alcance das necessidades que têm, traduz-se numa mobilidade constante. Mudam de cidade ou país de forma muito mais rápida e veloz do que o que acontecia há cerca de 20 anos atrás.

Mudam rapidamente, e rapidamente se ambientam ao sítio para onde vão. Como vimos anteriormente cada pessoa que muda de país é natural que experiencie um período de ambientação à nova cultura. No caso dos jovens entrevistados, a maioria ambientou-se muito bem à nova realidade de um novo país. Isto deve-se, sobretudo, ao facto destes

jovens terem crescido e vivido num mundo globalizado. A rápida troca de informação, as constantes viagens que realizam, todas as imagens que surgem dos mais variados pontos do mundo, fá-los ter a noção que conhecem o mundo inteiro e que se adaptam perfeitamente a qualquer sítio, independentemente de ter uma cultura muito diferente da portuguesa.

É como se pertencessem a uma cultura global. Estar aqui ou na China não representa diferenças substanciais uma vez que, para eles, as realidades são semelhantes. Além do mais, as novas tecnologias fazem com os jovens se sintam sempre próximo de casa. Por esse motivo, estar em Portugal ou em Nova Iorque não oferece diferenças de grande relevo.

Numa era rápida, instantânea e imediata, o período de aculturação dos jovens é adaptado ao contexto global em que se inserem. Assim, vivem adaptados ao mundo inteiro porque, na realidade, para eles não há fronteiras nem barreiras, eles não vivem em Londres, Santiago do Chile ou San Francisco. Eles vivem no mundo, no mundo inteiro.

Assim, os novos emigrantes portugueses são jovens detentores de uma cultura global. Que provoca uma fácil ambientação aos mais variados contextos dos mais variados países. São motivados por valores e necessidades muito mais além do que as básicas. Querem ser reconhecidos, autónomos, e realizarem-se de forma pessoal e profissional. Consideram que só o conseguem ser jovens do mndo e jovens globais através desta mobilidade, desta possibilidade que o mundo global oferece.

Por último, estes jovens são a Globalização. Estes jovens personificam aquilo que é Globalização. São uma causa e consequência da mesma. Os novos emigrantes portugueses são a forma real e basilar daquilo que a Globalização trouxe e daquilo que a Globalização é.

VI. CONCLUSÃO

1. Considerações Finais

O estudo sobre a mobilidade dos jovens profissionais no contexto da Globalização que foi realizado levou-nos a concluir quatro ideias principais acerca deste tema e que respondem às questões de investigação inicialmente levantadas.

Em primeiro lugar foi possível perceber que a Globalização não facilita apenas a troca de informação e mercadorias como também uma enorme troca e mobilidade de pessoas entre diferentes países. Esta mobilidade, que se tem vindo a acentuar cada vez mais, sobretudo nos jovens, é resultado da Globalização e também uma causa para que esta ocorra na sua maior plenitude. A possibilidade que os jovens têm de contactar com as mais diversas parte do globo, através de programas Erasmus e Sócrates, potencia esta mobilidade, e ela só se verifica uma vez que vivemos num mundo global onde as distâncias são cada vez menos importantes.

Seguidamente, percebemos que as novas tecnologias de informação e comunicação são essenciais na vida dos jovens emigrantes. Todos eles usam de forma regular as tecnologias para se manter em contacto com os seus familiares e amigos e consideram-nas imprescindíveis para que consigam sentir-se bem nos países onde vivem. Estas tecnologias restringem o espaço e o tempo e fazem com que seja mais fácil para estes jovens estarem fora, tornando-se numa componente essencial das suas vidas no estrangeiro. Além disso, os meios de transporte cada vez mais baratos são, também, um factor que potencia esta mobilidade e que fazem com que ela ocorra com frequência.

Em terceiro lugar pudemos verificar que existem jovens com mais facilidade em ambientar-se a diferentes culturas e existem, também, culturas mais semelhantes à portuguesa, potenciando uma mais fácil integração. No geral todas as culturas têm pontos muito distintos da portuguesa mas os jovens emigrantes facilmente se ambientaram às mesmas, fruto duma capacidade que foram adquirindo neste contexto global, a capacidade de se adaptarem facilmente a mudanças rápidas e bruscas.

Por último, conseguimos verificar quais as principais motivações que levaram os jovens a sair do país. Num contexto de crise que atravessamos, seria fácil pré assumir que as principais motivações se prendiam com a falta de emprego em Portugal. Apesar disso se ter verificado nalguns casos, muitos dos jovens saíram de Portugal por outras motivações. Queriam ser reconhecidos e respeitados e queriam tornar-se melhores a nível pessoal e profissional decidindo, por isso, emigrar.

Em suma, estas foram as quatro conclusões às quais chegámos e que nos permitiram perceber de que forma é que o fenómeno da mobilidade dos jovens ocorre e quais as principais causas para que esta realidade esteja cada vez mais presente nas nossas vidas e nas vidas dos que nos rodeiam.

2. Validade

Todos os estudos de investigação podem levantar problemas pondo em causa a validade da investigação.

No nosso caso concreto um dos problemas que pode advir da investigação é o facto de estudarmos um universo grande mas a nossa amostra, uma vez que foi de conveniência, ser pequena. O facto da amostra ser pequena, pode levar a que hajam dados que não conseguiram ser descobertos e que teriam alguma relevância para este estudo.

Outra das limitações que ocorreram ao longo do estudo foi o facto de termos tido de realizar as entrevistas por e-mail. Uma vez que não conseguíamos fazê-las presencialmente e a nossa amostra não se mostrou disposta a entrevistas por Skype, tivemos de realizá-las por e-mail o que não nos permitiu verificar algumas atitudes dos nossos entrevistados que poderiam contribuir para os resultados deste estudo.

3. Extrapolação de Resultados

Este estudo foi realizado apenas a jovens portugueses que estão a viver fora de Portugal. Por consequência, os resultados alcançados são apenas válidos no contexto português e em Portugal. Assim, as conclusões deste estudo não podem ser utilizadas para a mobilidade de jovens noutro país para além de Portugal.

4. Futuras investigações

Muitas áreas, dentro da temática da mobilidade, ficaram por explorar, e muitas novas questões surgiram ao longo da investigação.

Uma vez que se tratou de uma investigação de mestrado, a duração e o volume da mesma foram incompatíveis para desenvolver outros temas que nos suscitaram interesse ao realizarmos este estudo.

Neste sentido, seria interessante a realização de um projecto que ajudasse os jovens profissionais no estrangeiro a ambientarem-se melhor e a formarem mais facilmente comunidades portuguesas. Ao longo da investigação não encontramos nenhuma plataforma que ajudasse os jovens nesse sentido. Assim, seria interessante a criação de uma plataforma digital na qual os jovens criassem os seus perfis e as suas localizações e pudessem trocar ideias, sugestões e partilhar experiências, uma vez que se encontram na mesma situação.

VII. BIBLIOGRAFIA

- Agência Lusa (2012, 14 de Novembro), Taxa de desemprego jovem no terceiro trimestre quase nos 40%, segundo o INE [Versão Electrónica], *Jornal i*, acedido a 13 de Dezembro de 2012, em: <http://www.ionline.pt/artigos/dinheiro/taxa-desemprego-jovem-no-terceiro-trimestre-quase-nos-40-segundo-ine>;
- Anónimo (2013, 17 de Janeiro) Emigração cresceu 85% entre 2010 e 2011 [Versão Electrónica]., *Jornal de Notícias*, acedido a 18 de Janeiro de 2013, em: http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/Interior.aspx?content_id=2999102&page=-1;
- Appadurai, A. (2004), *Dimensões Culturais da Globalização – A modernidade sem peias*, Lisboa: Editorial Teorema;
- Barreto, A. (Org) (2005) *Globalização e Migrações*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais;
- Bauman, Z. (1999), *Globalização: As consequências humanas*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor;
- Bauman, Z. (2007), *Tempos Líquidos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor;
- Bilhim, J. (2001) *Teoria Organizacional – Estruturas e Pessoas*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas;

- Bird, A. & Stevens, M. J. (2003) *Toward an emergent global culture and the effects of globalization on obsolescing national cultures*, Journal of International Management vol. 9: 395-407;
- Castells, M. (2005), *Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – Volume I – A Sociedade em Rede*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- Castles, S. (2005), *Globalização, Transnacionalismos e Novos Fluxos Migratórios – Dos Trabalhadores Convidados às Migrações Globais*, Lisboa: Fim de Século;
- Cohen, R. (2005), *“Globalização, migração internacional e cosmopolitismo quotidiano”*, António Barreto (org), Globalização e Migrações, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 25-42;
- Comissão Europeia (2002), *Construir a Europa dos Povos - A União Europeia e a cultura*, Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeia;
- FEATHERSTONE, M. (2001), *“Culturas Globais e Culturas Locais”*, Carlos Fortuna (org.), Cidade, Cultura e Globalização, Oeiras: Celta, pp. 83-103;
- Ferin, I. (2002), *Comunicação e Culturas do Quotidiano*. Lisboa: Quimera;

- Friedman, T. L. (2000), *Compreender a Globalização – O Lexus e a Oliveira*, Lisboa: Quetzal Editores;
- Giddens, A. (2002), *As Consequências da Modernidade*, Oeiras: Celta Editora;
- Giddens, A. (1994), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras: Celta Editora;
- Giddens, A. (2000), *O Mundo na Era da Globalização*, Lisboa: Editorial Presença;
- Hall, E.T. (1976) *Beyond Culture*, Nova Iorque: Anchor Books / Doubleday;
- Hall, E.T. & HALL, M. R. (1990) *Understanding Cultural Differences – German, French and Americans*, Yarmouth, Me: Intercultural Press;
- Harris, M. (1995) *Cultural Anthropology*, Nova Iorque: Harper Collins College Publishers;
- Hofstede, G. (1991) *Cultura e Organizações – Compreender a nossa programação mental*, Lisboa: Edições Sílabo;
- Ilharco, F. (2004), *A Questão Tecnológica – Ensaio sobre a Sociedade Tecnológica Contemporânea*, Cascais: Principia;

- King, R. & Ribas-Mateos, N. (2005), *“Migração internacional e Globalização no Mediterrâneo: o “modelo do Sul da Europa””*, António Barreto (org), Globalização e Migrações, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp.191-218;
- Mariano, F. (2010, 6 de Junho), *Emigração portuguesa está mais qualificada* [Versão Electrónica]. *Jornal de Notícias*, Acedido a 10 de Dezembro de 2012, em: http://www.jn.pt/Domingo/Interior.aspx?content_id=1586730&page=-1;
- McLuhan, M. & Powers B.R. (1989), *The Global Village – Transformations in World Life and Media in the 21st Century*, Nova Iorque: Oxford University Press;
- Neves, Augusto Lobato (1998). *Motivação para o trabalho*, Lisboa: Editora RH;
- Parey, M. & Waldinger, F. (2010), *Studying Abroad And The Effect On International Labour Market Mobility: Evidence From The Introduction Of Erasmus*, *The Economic Journal*, vol. 121: 194–222;
- Pereira, N. (2012, 29 de Março) Licenciados emigram cada vez mais. Mas não é só para fugir à crise [Versão Electrónica]., *Jornal i*, acedido a 13 de Dezembro de 2012, em: <http://www.ionline.pt/artigos/dinheiro/licenciados-emigram-cada-vez-mais-nao-so-fugir-crise>;
- Pina E Cunha, M.; Rego, A.; Campos E Cunha, R.; Cabral -Cardoso, C. (2007). *Manual de comportamento organizacional e gestão*, Lisboa: Editora RH Lda;

- Policarpo, V. 2011, *Slides das aulas de Métodos de Investigação*, Lisboa: s.ed;
- Quivy, R., E CAMPENHOUDT, L. 2005, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva;
- Rosa, Luís (1994). *Cultura empresarial – Motivação e Liderança*, Lisboa: Editorial Presença;
- Sousa. P.C. (2007, 13 de Agosto), Tudo o que quer saber sobre ‘subprime’ [Versão Electrónica]. *Sapo Económico*, Acedido a 20 de Dezembro de 2012, em: http://economico.sapo.pt/edicion/diarioeconomico/edicion_impresa/economia/pt/desarrollo/1025625.html;
- Wilson, I. (2011), *What Should We Expect of ‘Erasmus Generations’?*, Journal of Common Market Studies, Vol. 49. Number 5: 1113–1140.

Webgrafia:

- http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Portugal/Interior.aspx?content_id=3014594&page=2

VIII. ANEXOS

Guião da Entrevista

Nome:

Idade:

Habilitações Académicas:

Área de Estudos:

Profissão:

Empresa onde trabalha:

País e Cidade onde trabalha / estuda:

1. Porque motivo decidiste ir estudar / trabalhar para o estrangeiro?
2. Quais as perspectivas de emprego que tens no estrangeiro?
3. Como foi o período de ambientação no novo país?
4. Consideras que a cultura do país onde estás é idêntica à portuguesa? (língua, hábitos alimentares, forma de estar das pessoas, forma das pessoas se relacionarem)
5. Quantas vezes e de que forma contactas com os teus familiares e amigos?
6. És utilizador habitual de plataformas digitais (redes sociais, skype, Messenger) para entrar em contacto com os teus familiares e amigos?
7. Quantas vezes por ano vens/pensas vir a Portugal?

8. Consideras as viagens acessíveis financeiramente e promotoras de deslocações mais frequentes?

9. Pensas em voltar para Portugal? Porquê?

10. Como é o teu dia-a-dia no estrangeiro?

Obrigada pela tua colaboração!